



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – POSLA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

SORAIA ALVES BARBOSA

**POLÊMICAS DISCURSIVAS EM ENTREVISTA DO JORNAL NACIONAL COM A
CANDIDATA À PRESIDÊNCIA DO BRASIL NO ANO DE 2014, DILMA ROUSSEFF**

FORTALEZA - CEARÁ

2017

SORAIA ALVES BARBOSA

POLÊMICAS DISCURSIVAS EM ENTREVISTA DO JORNAL NACIONAL COM A
CANDIDATA À PRESIDÊNCIA DO BRASIL NO ANO DE 2014, DILMA ROUSSEFF

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e interação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.

FORTALEZA - CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

BARBOSA, SORAIA ALVES.

Polêmicas discursivas em entrevista do Jornal Nacional com a candidata a Presidência do Brasil no ano de 2014, Dilma Rousseff [recurso eletrônico] / SORAIA ALVES BARBOSA. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 143 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguagem e interação..
Orientação: Prof. Ph.D. João Batista Costa Gonçalves.

1. Dialogismo. . 2. Réplicas dialógicas. . 3. Polêmica.. 4. Entrevista política. . I. Título.

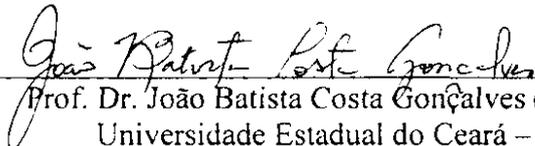
SORAIA ALVES BARBOSA

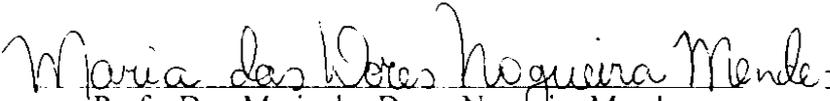
POLÊMICAS DISCURSIVAS EM ENTREVISTA DO JORNAL NACIONAL COM A
CANDIDATA À PRESIDÊNCIA DO BRASIL NO ANO DE 2014, DILMA ROUSSEFF

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 20 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE


Prof.ª Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará – UFC


Prof.ª Dra. Letícia Adriana Pires F. dos Santos
Universidade Estadual do Ceará – UECE

A Deus, Alfa e Ômega, Princípio e Fim.

À minha mãe Ruzinete, por todo o seu zelo e dedicação.

A todos os meus familiares e amigos, por fazerem parte da minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, a quem eu devo toda a honra e toda a glória.

A toda a minha família e amigos, por todo o zelo, carinho e atenção, neste percurso tão longo.

Às minhas amigas Francisca e Jois, cuja amizade me acalentara nos momentos mais difíceis.

À Paróquia São Francisco de Assis, do bairro Quintino Cunha, por todas orações.

A toda a equipe de Gestão da Escola José Alcides Pinto, Milton, Bosco, Lourdes, Daniela, Carla, Aylana, pela compreensão por cada vez que eu precisava me ausentar para me dedicar aos estudos.

Aos meus colegas JAP, por tornarem os meus dias mais felizes devido a tanto senso de humor.

Aos meus colegas do POSLA e, em especial à Jamille Maranhão, minha companheira de artigos, seminários e Estágio de Docência, cuja seriedade nos estudos serviu-me de inspiração.

Ao meu querido professor e orientador João Batista, cuja paciência refletiu-se nas minhas relações dialógicas com os meus alunos. Grata por tanta dedicação e apoio.

A todos os meus professores do POSLA, os quais contribuíram consideravelmente para o meu crescimento intelectual e profissional.

À professora Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos e à professora Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes, as quais fizeram parte da minha banca de Qualificação e cujos saberes enriqueceram a minha pesquisa.

À UECE, minha casa desde a Graduação, pelo acolhimento e por me tornar uma mulher mais madura perante os desafios da vida.

Por fim, ao meu querido e eterno pai João, que fora para junto do Eterno Pai, mas que ainda hoje se reflete em mim através de tanta sabedoria e amor paternal.

“A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
_ eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.”

(Manoel de Barros)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre as polêmicas discursivas *aberta* e *velada*, à luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), em uma entrevista realizada pelo Jornal Nacional da Emissora Rede Globo de Televisão com Dilma Rousseff, candidata petista à reeleição para a Presidência do Brasil em 2014. Diante disso, o objetivo central deste trabalho é analisar a construção das polêmicas *aberta* e *velada* por meio de marcas linguísticas e extralinguísticas, bem como os efeitos de sentido produzidos por esses fenômenos discursivos. Para a realização deste trabalho, nós optamos pela pesquisa descritivo-analítica. Além disso, consideramos alguns aspectos referentes ao quadro teórico-metodológico proposto por Bakhtin/Volochínov (2009), como a relação do signo com as formas concretas de comunicação, o horizonte social comum aos participantes e a dimensão verbo-visual (entonação, gestos, olhares). Os resultados a que esta pesquisa chegou apontam para a ocorrência de alguns usos de recursos lexicais (nomeação/adjetivação, advérbio de negação) e de construções sintáticas (relações semânticas de oposição através de conectivos com valor adversativo e emprego do discurso citado indireto) como elementos instauradores da polêmica aberta. A recorrência ao discurso de vozes sociais de autoridade (Poder Judiciário, Economia, Indústria), bem como a dados estatísticos, foram aspectos importantes para a instauração da polêmica velada entre entrevistadores e entrevistado. A partir dos resultados, concluímos que o emprego do discurso bivocal polêmico neste *corpus* sinalizou o embate entre dois discursos que revelam diferentes posicionamentos axiológicos: o discurso jornalístico, frente aos interesses dos telespectadores, em nome da ética e da busca pela verdade; e o discurso de autoridade da presidente Dilma Rousseff, frente à manutenção de seu mandato.

Palavras-chave: Dialogismo. Réplicas dialógicas. Polêmica. Entrevista política.

ABSTRACT

This work presents an approach on open and veiled discursive polemics, in the light of the Dialogical Discourse Analysis (ADD), in an interview conducted by Television Station Rede Globo National Journal with Dilma Rousseff, Petista candidate for reelection for the Brazilian Presidency in 2014. In the face of this, the main objective of this work is to analyze the construction of open and veiled polemics through linguistic and extralinguistic marks, as well as the effects of meaning produced by these discursive phenomena. For the accomplishment of this work, we opted for descriptive-analytic research. In addition, we considered some aspects related to the theoretical-methodological framework proposed by Bakhtin/Volochínov (2009), such as the relation of the sign with the concrete forms of communication, the social horizon common to the participants and the verb-visual dimension (intonation, gestures, looks). The results of this research point to the occurrence of some uses of lexical resources (naming/adjectivation, adverb of negation) and syntactic constructions (semantic relations of oppositions through connectives with adversative value and use of indirect quoted discourse) as elements instituting open controversy. Recurrence to the discourse of social voices of authority (Judiciary, Economy, Industry), as well as to statistical data, were important aspects for the establishment of the veiled controversy between interviewers and interviewee. From the results, we conclude that the use of controversial bivocal discourse in this corpus signaled the clash between two discourses that reveal different axiological positions: the journalistic discourse, facing the interests of the viewers, in the name of ethics and the search for truth; and the speech of authority of President Dilma Rousseff, facing the maintenance of its mandate.

Keywords: Dialogism. Dialogical replications. Controversy. Political interview.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Entrevista do Jornal Nacional com a ex-presidente Dilma Rousseff em agosto de 2014.....	58
Figura 2 -	Panorâmica do local da entrevista (Palácio da Alvorada)	99
Figura 3 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 1	102
Figura 4 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 2	103
Figura 5 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 3	104
Figura 6 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 4	108
Figura 7 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 5	109
Figura 8 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 6	114
Figura 9 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 7	117
Figura 10 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 8	118
Figura 11 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 9	124
Figura 12 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 10	126
Figura 13 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 11	127
Figura 14 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 12	132
Figura 15 –	Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 13	136
Fluxograma 1-	Síntese do modo de inserção do discurso alheio para Bakhtin	31
Fluxograma 2 –	Configurações do polêmico para Maingueneau	59
Fluxograma 3 –	Modelo de Configurações do polêmico.....	60
Fluxograma 4 –	Categorias de análise	75
Quadro 1 -	Comparação teórica entre Ducrot x Maingueneau x Bakhtin.	75
Quadro 2 -	Quadro político do primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff	93
Quadro 3 –	Aspectos para a análise das polêmicas discursivas	96
Quadro 4 –	Síntese das relações dialógicas dos interlocutores sobre o tema <i>Corrupção no Governo Dilma Rousseff</i>.....	110
Quadro 5 –	Discurso oficial do Governo x Discurso oficial do Datafolha...	121
Quadro 6 -	Discursos oficiais antagônicos sobre a saúde pública no Brasil	125
Quadro 7 –	Economia: análise de PAs e PVs por categorias.....	130
Quadro 8 –	Perspectivas antagônicas sobre o tema <i>Economia brasileira</i>....	134

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DIALOGISMO E DISCURSO PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN	17
2.1	BAKHTIN E O CÍRCULO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	18
2.1.1	A concepção de ideologia para o Círculo	19
2.1.2	Breve panorama sobre a Linguística Aplicada	21
2.1.3	O <i>interacionismo</i> linguístico e a LA	23
2.2	A PERSPECTIVA DIALÓGICA DO CÍRCULO BAKHTINIANO	26
2.2.1	Conceito de interação verbal para o Círculo de Bakhtin	34
2.2.2	O signo ideológico.....	40
2.2.3	A verbo-visualidade no Círculo de Bakhtin	42
2.3	O DISCURSO NA VISÃO BAKHTINIANA	45
3	BIVOCALIDADE POLÊMICA: UM RECORTE TEÓRICO	51
3.1	A NOÇÃO DE POLÊMICA EM DUCROT	52
3.2	A NOÇÃO DE POLÊMICA EM MAINGUENEAU	55
3.2.1	A dimensão enunciativo-pragmática	56
3.2.2	A dimensão sociogenérica.....	58
3.2.3	A dimensão semântica	60
3.3	BIVOCALIDADE POLÊMICA ABERTA E VELADA: UM MODO DE INSERÇÃO DA VOZ DO OUTRO	68
4	O DISCURSO E SEU MODO DE FUNCIONAMENTO NA MÍDIA E NA POLÍTICA	77
4.1	DISCURSO MUDIÁTICO: A QUESTÃO DA “OBJETIVIDADE” INFORMATIVA.....	77
4.1.1	Objetividade impossível ideal-típica.....	78
4.1.2	Objetividade impossível-indesejável	79
4.2	ENTREVISTA POLÍTICA E A NOÇÃO DE GÊNERO DISCURSIVO.....	82
4.2.1	Entrevista jornalística.....	84
4.3	O DISCURSO POLÍTICO: DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	86
4.3.1	Os Espaços de Fabricação do Discurso Político	87
4.3.2	O Duplo Fundamento do Discurso Político	90
4.3.3	As estratégias do Discurso Político	91

4.4	CONTEXTO ELEITORAL DA VITÓRIA DE DILMA ROUSSEFF À PRESIDÊNCIA DO BRASIL.....	92
4.4.1	Quadro político do primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff.....	93
5	ANÁLISE DAS POLÊMICAS DISCURSIVAS ABERTA E VELADA EM ENTREVISTA POLÍTICA COM A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF	95
5.1	TIPO DE PESQUISA	95
5.2	O <i>CORPUS</i>	97
5.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	98
5.4	DISCURSO BIVOCAL: A POLÊMICA ABERTA E VELADA COMO MODO DE INSERÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM	99
5.4.1	Os escândalos de corrupção do Governo Dilma.....	99
5.4.2	Medidas do Governo para o combate à corrupção.....	106
5.4.3	Envolvimento de partidários do PT nos escândalos de corrupção.....	110
5.4.4	A situação atual da saúde pública no Brasil.....	119
5.4.5	A situação atual da Economia no Brasil	129
5.4.6	Projetos prioritários do governo Dilma	134
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

Durante o mês de agosto de 2014, o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão exibiu, para todo o Brasil, entrevistas com os candidatos à Presidência da República que apresentavam, até então, os melhores resultados em pesquisas de opinião pública realizadas em todo o país. Cada entrevista, realizada pelos apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta, teve uma duração de quinze minutos, sendo os presidenciáveis entrevistados na seguinte ordem: Aécio Neves, do Partido Socialista Democrático Brasileiro (PSDB); Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT); Pastor Everaldo, do Partido Socialista Cristão (PSC); e Marina Silva, do Partido Socialista Brasileiro (PSB)¹.

Pesquisas recentes revelam a participação decisiva da Rede Globo como detentora do monopólio dos fatos, principalmente no campo político. Segundo Albuquerque (2013, p. 2-3), “Poucos temas, no âmbito da pesquisa brasileira sobre a comunicação política, têm recebido uma atenção tão duradoura e sistemática quanto o tratamento que a Rede Globo [...] dispensa aos fenômenos políticos”.

Como de praxis nos anos eleitorais à Presidência do Brasil, acostumamo-nos com essa série de entrevistas realizadas pela Rede Globo – mais precisamente no Jornal Nacional – pelas quais a nação deveria, em princípio, melhor conhecer e, assim, avaliar as propostas governamentais dos candidatos. Por conseguinte, volta à tona, para o novo cenário político, a preocupação por parte de muitos brasileiros frente às propostas daqueles dentre os quais será eleito o futuro representante do Poder Supremo Nacional.

No entanto, percebemos que essas entrevistas políticas veiculadas no Jornal Nacional nem sempre visam à apresentação das propostas governamentais, mas levantam uma série de polêmicas referentes à vida política dos candidatos entrevistados. Durante as entrevistas realizadas pelo telejornalismo de maior audiência com os candidatos presidenciáveis, em particular, o exemplo de Dilma Rousseff, cuja entrevista será o foco de nossa análise, é possível constatar um verdadeiro embate de vozes sociais, no qual cada sujeito discursivo visa à defesa de sua própria palavra: os entrevistadores, enquanto detentores do monopólio dos fatos, e a entrevistada, enquanto candidata que visa a defender o seu plano de governo.

¹ A não menção ao candidato Eduardo Campos (PSB) se deve em virtude de seu falecimento e de sua consequente substituição pela candidata Marina Silva à candidatura presidencial; convém ressaltarmos que não faz parte dos nossos objetivos analisarmos a entrevista com cada candidato citado, porém citamos os nomes destes candidatos a fim de conhecermos o contexto amplo das entrevistas políticas realizadas pelo Jornal Nacional no ano de 2014.

Considerando-se a teoria bakhtiniana, a qual será central para o norteamo deste estudo, de que “O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros” (BAKHTIN, 2015, p. 223), ou seja, “[...] que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2016, p. 21), indagamo-nos que polêmicas constituem o discurso dos participantes na entrevista política do Jornal Nacional e de que modo podemos depreendê-las.

Segundo Albuquerque (2013), os entrevistadores do Jornal Nacional têm apresentado uma tentativa de reivindicar o papel de legítima autoridade frente aos interesses do povo brasileiro. Com efeito,

[...] o jornalismo é associado explicitamente a um papel político, descrito como um agente essencialmente comprometido com a defesa da liberdade de expressão e um instrumento a serviço do aperfeiçoamento da cidadania, uma vez que cobra das autoridades governamentais uma prestação de contas dos seus atos” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 7).

Partindo do pressuposto de que o Jornal Nacional é o jornal televisivo mais assistido do país e de que, em meio ao cenário eleitoral, há um interesse público pelas propostas governamentais, a visão desse telejornalismo em destaque como representante da voz do povo brasileiro tem se tornado preocupante, à medida que o eleitor/telespectador fica isento de conhecer para melhor avaliar as propostas dos candidatos, propiciando, assim, um certo grau de descompromisso por parte de “inúmeros cidadãos com relação ao seu consciente exercício de voto².

No caso das entrevistas políticas realizadas pelo Jornal Nacional com os candidatos presidenciais, observamos que os entrevistadores levantam consideravelmente algumas polêmicas, sejam elas de tonalidade aberta ou velada, as quais distanciam o jornalismo da Rede Globo de uma neutralidade frente aos interlocutores, levando-nos a concluir a presença de um discurso alheio³ presente no discurso dos entrevistadores do Jornal Nacional.

Por conta disto, consideramos que a entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a petista Dilma Rousseff representa um verdadeiro espaço de confronto entre discursos políticos e ideológicos, cabendo, à candidata, senão uma postura de defesa frente à emissora de televisão dominante no país.

² Afirmação citada no editorial “Consciência Eleitoral” o qual pode ser encontrado no site <http://diariodonordeste.globo.com/MATERIA.ASP?CODIGO=774354>.

³ Durante as entrevistas, os entrevistadores do Jornal Nacional recorrerão, por exemplo, a alguns dados estatísticos, à Justiça brasileira, a fim de atribuir respaldo às questões polêmicas levantadas sobre a vida política dos candidatos entrevistados.

Desse modo, objetivamos, por meio deste estudo, analisar as polêmicas discursivas *aberta* e *velada* presentes na entrevista política realizada pelo Jornal Nacional com a candidata para a Presidência do Brasil, Dilma Rousseff (PT), no ano de 2014. Como objetivos específicos, pretendemos não só analisar a construção das polêmicas discursivas aberta e velada por meio das marcas linguísticas e extralinguísticas nesta entrevista do Jornal Nacional, como também investigar os efeitos de sentido construídos por esses fenômenos.

A partir de nossos objetivos, alguns questionamentos nortearão a nossa pesquisa:

1. Como as polêmicas *aberta* e *velada*, discutidas teoricamente por Bakhtin (2015), mostram-se nas entrevistas selecionadas neste estudo, de modo a construir determinados efeitos de sentido?
2. Como as marcas linguísticas e extralinguísticas se articulam a fim de construir as polêmicas *aberta* e *velada* nas entrevistas selecionadas, estabelecendo determinados efeitos de sentido?
3. Que posicionamentos axiológicos são refletidos e refratados pelos participantes por meio das polêmicas discursivas *aberta* e *velada* durante a entrevista?

O estudo das polêmicas discursivas requer uma análise dos enunciados presentes na entrevista do Jornal Nacional que vai muito além de uma avaliação da superfície linguística⁴. Com efeito, o estudo de tais fenômenos no telejornalismo da Rede Globo justifica-se à medida que percebemos a relevância de se investigar a contraposição ideológica entre os discursos tomados pelos sujeitos sociais nas entrevistas, principalmente aqueles cuja polêmica se dá de modo sutil, muitas vezes não percebido pelo telespectador.

O interesse pelo estudo das polêmicas discursivas, a saber, a *polêmica aberta* e a *polêmica velada*, tem-se tornado significativo no campo dos estudos críticos da linguagem. Podemos encontrar uma série de trabalhos acadêmicos voltados para a análise das polêmicas discursivas na Biblioteca Digital Vêrsila, os quais abordam a análise desses fenômenos em gêneros diversos. No entanto, nenhum dos trabalhos publicados nesta biblioteca virtual faz alusão à análise desses fenômenos em entrevistas políticas televisivas, fato que despertou o nosso interesse por esse estudo.

Em *Formações Discursivas e Interdiscurso: Análise de Entrevista Política*⁵, busca-se investigar as formações discursivas e os interdiscursos no funcionamento de entrevistas

⁴ Conforme será exposto no capítulo 3, Ducrot (1987), por exemplo, propõe o estudo da *negação polêmica* como um fenômeno inerente à língua enquanto sistema, limitando, deste modo, a análise deste fenômeno ao plano linguístico.

⁵ Artigo autoral de Romison Eduardo Paulista e de Hugo Mari, e que pode ser encontrado no site <http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/viewFile/756/476>.

políticas da *Revista Veja* com candidatos à Presidência no ano de 2010.⁶ Embora reconheçamos a contribuição significativa deste trabalho para os estudos em *Análise do Discurso*, este artigo limita-se aos aspectos verbais dos interactantes, em contrapartida ao propósito deste trabalho, que levará também em consideração a dimensão visual.

Veloso (2011), por sua vez, faz um estudo analítico das polêmicas discursivas numa perspectiva bakhtiniana das entrevistas realizadas no programa *Roda Viva*, publicado pela TV Cultura, com vários cientistas e outros nomes que atuam na área acadêmica. Sobre este trabalho, vale não só ressaltar a contribuição para os estudos diacrônicos dos estudos críticos da linguagem como também pela análise da dimensão verbo-visual e das outras vozes sociais refratadas durante cada entrevista, fato que consideramos imprescindível para um estudo analítico das polêmicas discursivas.

Para o nosso estudo, fizemos, então, um recorte das entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional, dentre as quais nós selecionamos a entrevista realizada com a petista Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) e atual presidente naquele contexto. A escolha deste *corpus* se deve, sobretudo, ao momento eleitoral, em que grande parte da nação visa a conhecer melhor os presidenciáveis, principalmente no que tange às propostas de governo caso eleitos. Além disso, é comum, neste contexto eleitoral, não só a proximidade dos candidatos ao povo, como também a explosão de assuntos polêmicos referentes à vida pública destes candidatos, constantemente exposta nas entrevistas televisivas.

Nesse sentido, optamos pelo recorte, por meio da seleção da entrevista realizada com a petista Dilma Rousseff, não só devido à liderança da candidata nas pesquisas eleitorais naquele contexto, mas também em virtude dos inúmeros casos de corrupção envolvidos durante o seu governo enquanto presidente, os quais serão lembrados ao longo da entrevista e que, a nosso ver, corroboram para a dimensão polêmica no discurso de cada participante. Convém também ressaltarmos que, dentre as quatro entrevistas transmitidas ao vivo pelo Jornal Nacional, a entrevista realizada com a candidata do PT Dilma Rousseff foi, ao nosso ver, a que apresentou um maior nível de tensão devido à natureza polêmica dos assuntos levantados pelos entrevistadores, fato que reforçou a escolha pelo recorte para o nosso estudo.

A fim de alcançarmos os nossos objetivos, dividimos o nosso trabalho em seis capítulos, incluindo este capítulo de *Introdução*, e o de conclusão, o qual denominamos de *Considerações Finais*.

⁶ Os entrevistados mencionados referem-se aos candidatos José Serra do PSDB e Dilma Rousseff do PT, durante as eleições presidenciais de 2010.

O segundo capítulo, intitulado de *Dialogismo e discurso para o Círculo de Bakhtin*, abordará sobre a perspectiva dialógica de linguagem, com base em alguns conceitos imprescindíveis para a formação do pensamento teórico do Círculo, a saber, a concepção de ideologia (FARACO, 2013) e a noção de interação verbal e de signo ideológico (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), a importância da dimensão verbo-visual para a análise de um signo ideológico na perspectiva do Círculo, a noção de discurso para Bakhtin (2015), bem como a importância desta corrente filosófica para os estudos em LA;

O terceiro capítulo, *Bivocalidade polêmica: um recorte teórico*, fará um estudo da polêmica discursiva, passando pela noção de *negação polêmica*, em Ducrot (1997), pela noção de *registro polêmico* e de *tradução interligada a um processo de interincompreensão*, na perspectiva de Maingueneau (1997 e 2010), até chegarmos ao estudo das *polêmicas discursivas aberta e velada*, na concepção de Bakhtin (2015);

O quarto capítulo, *O discurso e seu modo de funcionamento na mídia e na política*, apresentará os principais conceitos no que tange ao modo de funcionamento do discurso midiático e do discurso político, à luz de Barros Filho (2008) e de Charaudeau (2015a, 2015b), além do panorama que engloba o contexto amplo no qual se enquadra o primeiro mandato de Dilma Rousseff;

O sexto capítulo, *Análise das polêmicas discursivas aberta e velada em entrevista política com a presidente Dilma Rousseff*, fará uma exposição sobre o tipo de pesquisa a ser seguido em nosso trabalho, a caracterização do nosso *corpus* e dos nossos procedimentos, além da análise das polêmicas discursivas aberta e velada na entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a candidata Dilma Rousseff, no ano de 2014.

Por fim, as nossas *Considerações Finais*, as quais apresentarão os resultados alcançados pela pesquisa.

2 DIALOGISMO E DISCURSO PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN

“A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre no meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (BAKHTIN, 2009, p. 117)

Este capítulo tem, por objetivo, apresentar o panorama socio-histórico e cultural no qual se constituíram os principais fundamentos de uma corrente teórica nos estudos da linguagem denominada Análise Dialógica do Discurso (ADD), cujo arcabouço teórico foi produzido por um grupo de pensadores de diversas áreas conhecido, mais especificamente, pelo nome de Círculo de Bakhtin.

A título de melhor compreensão sobre o percurso teórico deste capítulo, adotamos a seguinte subdivisão:

No primeiro tópico, intitulado de *Bakhtin e o Círculo: contextualização histórica*, abordaremos sobre o contexto socio-histórico no qual esses estudiosos fundamentaram alguns de seus principais conceitos em torno da ADD. Este tópico subdivide-se, por sua vez, em três subtópicos: *A concepção de ideologia para o Círculo*, em que elencaremos sobre a importância da criação ideológica para o Círculo de Bakhtin; *Breve panorama sobre a Linguística Aplicada*, no qual traremos os pressupostos teóricos desta corrente a partir dos estudos de Pereira e Roca (2015); e *Interacionismo linguístico e LA*, no qual abordaremos sobre a importância dos estudos interacionistas para a LA, com destaque para a contribuição do Círculo de Bakhtin aos estudos da linguagem.

Em *A perspectiva dialógica do Círculo*, apresentaremos a definição de dialogismo como princípio que governa não somente a linguagem como também toda prática discursiva. Apresentaremos ainda o conceito de interação verbal para o Círculo (*Conceito de interação verbal para o Círculo de Bakhtin*), a dimensão ideológica do signo, com ênfase na palavra (*O signo ideológico*), bem como a importância da questão verbo-visual para a objetivação ideológica do signo (*A verbo-visualidade em Bakhtin*).

E, no terceiro e último tópico deste capítulo, intitulado de *O Discurso em Bakhtin*, trataremos sobre o *discurso* na perspectiva bakhtiniana (2015), além de discutirmos sobre a proposta deste filósofo russo em defesa de uma abordagem metalinguística para os estudos da linguagem.

2.1 BAKHTIN E O CÍRCULO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Ao iniciarmos os estudos em Análise Dialógica do Discurso (ADD), é inegável a reflexão em torno da figura de Mikhail Bakhtin em virtude de sua vasta obra e, conseqüentemente, da contribuição significativa deste filósofo para a formação do campo de estudos em ADD. A produção teórica em ADD, na verdade, é resultado de um trabalho teórico em conjunto, cujos participantes relacionavam suas ideias ao contexto socio-histórico e cultural pelo qual atravessava a Rússia das primeiras décadas do século XX.

Segundo Brait (2016), o Círculo corresponde ao conjunto formado por Bakhtin e por colaboradores intelectuais, cientistas e artistas das décadas de 1920 e 1930, cuja recepção e transmissão do pensamento ocorreram e perpassam, até hoje, em meio a “vicissitudes que implicam cuidados, reflexões gerais e pontuais, ausência de ingenuidade e/ou excesso de pragmatismo” (BRAIT, 2016, p. 17). Isto implica dizer que a história da construção do pensamento do Círculo foi marcada por uma série de fatores, dentre os quais podem destacar-se a disputa pela autoria, a presença de um número diverso de participantes no Círculo e a origem, a diversidade e a particularidade das traduções em torno das obras.

Brait (2016) ressalta ainda que todas essas questões estão intrinsecamente relacionadas aos contextos sociopolíticos e acadêmicos nos quais os trabalhos do Círculo vêm sendo publicados. Além disso, a autora comenta a importância de se observar a origem das traduções (em sua maioria) dos trabalhos desse grupo de estudo, uma vez que nessas obras traduzidas pode ocorrer a inclusão de alguns conceitos⁷ considerados estranhos ou a ampliação de termos-chave, tais como heteroglossia⁸, dialogismo, polifonia, dentre outros.

Dentre os colaboradores que constituíam o Círculo, Silva (2013) destaca os nomes de Mikhail Bakhtin (1895-1975), cujo nome representa o expoente máximo do grupo, Valentin Volochínov⁹ (1895-1936) que, junto a Bakhtin, assina a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, uma das principais obras do Círculo, e Pavel Medvedev (1892-1938), a quem é atribuído a autoria de *O método formal nos estudos literários*¹⁰. Conforme Silva (2013) atesta, conhecer as condições nas quais a vida e a obra dos autores do Círculo estão inseridas é

⁷ Brait (2016) comenta, por exemplo, a inclusão do conceito *intertextualidade*, termo desconhecido pelo Círculo, embora a ideia de diálogo entre os textos esteja presente nas obras bakhtinianas.

⁸ Traduzido para o Brasil como plurilinguismo social (BAKHTIN, 2014).

⁹ Silva (2013) adotou em sua obra a grafia *Volóshinov*, porém adotaremos a forma como está grafada na tradução de Lahud/Vieira (2009) ao longo desse estudo.

¹⁰ Embora saibamos que o Círculo bakhtiniano constituiu-se de vários estudiosos, limitar-nos-emos a estes pensadores em virtude de seu grau de importância para a arquitetura conceitual do Círculo.

imprescindível, visto que essa contextualização socio-histórica nos permite a compreensão em torno de alguns conceitos considerados fundamentais da teoria dialógica.

Silva (2013) explica ainda que a formação de círculos de intelectuais para a discussão e publicação de conhecimentos era comum na Rússia Soviética das primeiras décadas do século XX, fase marcada pela Revolução de 1917. Segundo a autora, os anos compreendidos entre a revolução e a ascensão de Stalin, no ano de 1924, foram marcados pela produção de um projeto nacional o qual se preocupava com a alfabetização de milhares de trabalhadores, bem como a melhoria das condições culturais e intelectuais do povo. Esse projeto contou, em certa medida, com a participação de membros do Círculo, os quais propunham a divulgação da língua russa com a inclusão das diversas variantes e línguas nacionais adotadas pelos trabalhadores.

Sobre o pensamento filosófico reinante neste contexto histórico em que viveram os membros do Círculo de Bakhtin, Silva (2013, p. 48) destaca que

[...] entendia-se que a identidade soviética deveria se construir pelo diálogo entre culturas e línguas de todas as repúblicas. O espírito da filosofia da linguagem de Bakhtin é esse, embora muito de sua produção tenha se dado depois de 1924, ano em que Lênin morre e Stalin assume o poder, difundindo uma política de criação de identidade baseada na ideia de unificar os estados soviéticos e de criar uma unidade de língua, sem respeitar as particularidades das línguas de cada república.

Nesse sentido, Bakhtin e o Círculo idealizam uma linguagem como um espaço de convergência de diferenças, no qual identidade e diversidade dialogam entre si. Sobre a linguagem enquanto prática discursiva para o Círculo, Silva (2013 p. 48-49) enfatiza que

[...] Bakhtin acreditava que o discurso é resultado da interação e construiu sua obra em diálogo com outros intelectuais. [...] os estudiosos do Círculo de Bakhtin iniciaram seus debates num tempo histórico de aceitação e exaltação das diferentes variedades linguísticas e culturais de uma nação, mas publicaram muitos de seus escritos em tempos de uma repressão no sentido de unificação da língua nacional.

No tópico subsequente, passemos então para alguns dos principais fundamentos teóricos do Círculo bakhtiniano.

2.1.1 A concepção de ideologia para o Círculo

Em *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas em torno do Círculo de Bakhtin*, Faraco (2009) apresenta, de modo sistemático, alguns dos princípios-chave formulados por membros do Círculo em torno da construção de uma teoria embasada no marxismo da criação ideológica.

Sobre Volochínov, Faraco (2009) comenta a respeito da ênfase desse filósofo russo na questão da linguagem, destacando a relação dos enunciados do cotidiano e os enunciados artísticos: para o filósofo russo, ambos os enunciados compartilham “[...] da grande corrente da comunicação sociocultural e têm ambos uma dimensão axiológico-social em sua significação [...]” (FARACO, 2009, p. 45-46).

Ao se referir à produção intelectual de Medvedev, outro membro do Círculo, Faraco (2009) destaca a noção de *ideologia*, considerado como uma das ideias centrais para o Círculo. Sobre a definição desse conceito, Faraco (2009, p. 47) explica que

Algumas vezes, o adjetivo ideológico aparece como algo equivalente a axiológico. [...] para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico _ para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa [...].

Nesse sentido, todas as manifestações superestruturais são marcadas pela ausência de neutralidade, ou, como Faraco atesta, “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica” (FARACO, 2009, p. 48).

Faraco (2009), dando prosseguimento a essa discussão, comenta que, para Volochínov, ideologia refere-se ao universo da produção imaterial humana e que tem, por bases teóricas, os conhecimentos provenientes da ciência, da literatura, da religião, da política, além de outras manifestações superestruturais que pertencem à atividade intelectual humana. Faraco (2009) também ressalta sobre a ligação entre signo e ideologia na perspectiva deste filósofo russo: para Volochínov (e para todo o Círculo), todos os produtos que pertencem à cultura chamada imaterial apresenta um significado, tornando-se, portanto, um signo; desse modo, conclui que sem signos não há ideologia e que esta ligação entre ideológico e semiótico é a base para a construção da teoria materialista e filosófica do Círculo.

A esse respeito, ao retomar o pensamento de Medvedev, Faraco (2009) explica que a criação ideológica deve ser concebida a partir das dimensões social e histórica, impedindo, assim, o reducionismo desse fenômeno a um emaranhado de fenômenos isolados entre si ou a um produto de uma consciência individual e/ou localizado “no reino das puras ideias” (FARACO, 2009, p. 48).

Faraco (2009) destaca também que, para o Círculo, os signos são essencialmente sociais, ou seja, são produtos dos mais variados processos referentes ao intercâmbio social e é

dentro dessas relações que aqueles devem ser interpretados. Em relação à natureza social do signo, Faraco (2009, p. 49) ressalta que

[...] Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação.

E essas relações sociais não ocorrem de modo direto com a realidade, mas são mediadas através dos signos, uma vez que “vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações” (FARACO, 2009, p. 49).

Na verdade, a natureza semioticamente mediada da realidade já fora discutida por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato*. Faraco (2009) comenta que, para Bakhtin, nossas relações só adquirem sentido quando mediadas através de matéria significativa. E essa natureza significativa dos signos está imersa em uma dimensão axiológica, tornando, desse modo, nossas relações carregadas de valores. Faraco (2009) também enfatiza que, para Bakhtin, toda palavra manifesta-se recoberta de qualificações, ou seja, encontra o objeto ao qual ela se refere envolto por diversas camadas de discursos.

Para sintetizar o pensamento do Círculo bakhtiniano a respeito da natureza ideológica dos signos, Faraco (2009) enfatiza que todo signo não só reflete, mas refrata o mundo. Em outras palavras, não só apontamos para uma realidade que lhe é externa como também descrevemos e interpretamos o mundo através dos signos.

Convém aqui ressaltar que não pretendemos, por meio desta discussão realizada, abordar sobre outras questões discutidas pelo Círculo de Bakhtin, mas fazemos um recorte referente à natureza ideológica dos signos, em virtude da importância desse conceito-chave para a definição de dialogismo e, por conseguinte, para a nossa pesquisa, o que será demonstrado mais adiante.

No próximo subtópico, apresentaremos a importância da produção intelectual do Círculo de Bakhtin para os estudos em Linguística Aplicada.

2.1.2 Breve panorama sobre a Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada, doravante LA, é um ramo de estudos linguísticos que tem, por objeto de investigação, a linguagem enquanto prática social. Segundo Pereira e Roca (2015), tantos os aspectos de aprendizagem da língua materna e estrangeira como também

outros contextos nos quais surjam questões relativas aos diversos usos da linguagem, são considerados importantes para a LA¹¹. Desse modo, a LA inicia-se com foco no processo de ensino/aprendizagem de línguas, constituindo-se, nos dias atuais, “como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX” (PEREIRA; ROCA, 2015, p. 12).

De acordo com Pereira e Roca (2015), é só a partir do trabalho de Widdowson (1979) que surge a delimitação entre LA e aplicação de Linguística. Sobre essa distinção, Pereira e Roca (2015) explicam que, para Widdowson (1979), propõe-se “uma restrição da LA a contextos educacionais e a necessidade de uma teoria linguística para a LA que não seja dependente de uma teoria linguística” (PEREIRA; ROCA, 2015, p. 15). As autoras explicam ainda que, na concepção de Widdowson, a LA deve seguir um modelo que considere a perspectiva do usuário de uma língua, ou seja, tanto as ideias intuitivas como as de senso comum subjacentes à linguagem são consideradas importantes para o ensino de línguas, uma vez que aprendiz e analista operam de modo diferente com relação aos usos da linguagem.

Outro passo importante para os estudos em LA ocorre quando essa perspectiva abandona a restrição aos contextos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, passando, também, a dedicar-se à língua materna e a outros contextos educacionais (contexto midiático, médico, empresarial, etc.). Nesse sentido, Pereira e Roca (2015) ressaltam a importância de algumas teorias voltadas para o sociocultural, entre as quais as autoras citam o trabalho de Bakhtin, cuja relevância teórica incide na busca por “[...] entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação” (PEREIRA; ROCA, 2015, p. 18).

Com efeito, a LA passa a ser concebida como uma área cuja investigação se centra na resolução de problemas voltados para o uso da linguagem não só no contexto educacional, como também em situações além das salas de aula. Tendo, por base, esses pressupostos teóricos sobre o desenvolvimento das pesquisas em LA, centralizaremos, no próximo subtópico, no estudo interacionista da linguagem (MORATO, 2009), destacando a importância dessa abordagem para a LA.

¹¹ Segundo Pereira e Roca (2015), a LA surgiu, primordialmente, como uma disciplina voltada para os aspectos de ensino de língua estrangeira e só posteriormente se configurou como uma área amplamente produtiva para os estudos da linguagem de maneira geral.

2.1.3 O *interacionismo* linguístico e a LA

Desde a Grécia Antiga, avalia-se o poder da linguagem em todas as esferas da sociedade. Segundo Mello (2004), Aristóteles já afirmava que o homem é essencialmente social por ser dotado de linguagem. Com relação a este fenômeno, Mello (2004, p. 14) afirma que “[...] É pela linguagem que [o homem] interage com seus semelhantes, estabelecendo suas relações”.

De acordo com Fiorin (2005), a estrutura gramatical tornou-se alvo dos estudos da língua durante a Idade Média. Fiorin (2005) ressalta que, para os modistas, esta estrutura era una e universal, o que implica dizer que as regras gramaticais independem das línguas nas quais se realizam. Fiorin destaca ainda a importância da tradução dos livros sagrados em numerosas línguas, a qual fora motivada pela Reforma Protestante (século XVI), da retomada à preocupação dos antigos no que concerne à universalidade das regras que regem toda língua (séculos XVII e XVIII) e do reflorescimento das gramáticas comparadas e da Linguística Histórica (século XIX).

Já no século XX, Saussure (1969) propõe uma distinção entre língua e fala, sendo a primeira o fenômeno que está na esfera do social. De acordo com Saussure, a língua é um sistema de signos e, enquanto acervo linguístico, é “[...] um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade [...]” (SAUSSURE, 1969, p. 21). Para Saussure, este código “é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (1969, p. 92). Saussure considera a fala como o “lado executivo” da linguagem (p. 21). A fala situa-se no campo do individual, é a própria língua em ação, cujo indivíduo é sempre senhor. Dessa forma, Saussure (1969) define a linguagem como um fenômeno que “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (1969, p. 16)¹².

De acordo com Silveira (2013), Saussure considera a distinção entre língua e fala como a tese primordial do CLG¹³, uma vez que esta distinção afetará todas as outras abordagens do linguista genebrino. Silveira (2013) afirma que a concepção de fala, para Saussure, mantém uma relação intrínseca com as chamadas dicotomias saussurianas, a saber, a relação entre:

¹² Saussure ressalta a língua como objeto de estudo da Linguística em virtude da visão sistemática da mesma: “[...] a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (1969, p. 102).

¹³ Sigla da obra *Curso de Linguística Geral*.

significante e significado, sincronia e diacronia e, principalmente, as relações sintagmáticas e associativas.¹⁴

Convém ressaltarmos que, para Saussure (1969), é a língua que ocupa o lugar central nos estudos linguísticos, e não a fala, fato que propiciou ao mestre genebrino a sistematização da Linguística como ciência. Sobre a dicotomia língua/fala, Pietroforte (2005, p. 81) afirma que

[...] Para Saussure, língua opõe-se a fala, porque a língua é coletiva e a fala é particular, portanto, a língua é um dado social e a fala é um ato individual. Além disso, a língua é sistemática e a fala é assistemática. Pessoas que falam a mesma língua conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes falas, há o uso da mesma língua.

Se lançarmos um olhar mais minucioso sobre a definição de língua para o mestre genebrino, concluiremos que, em sua origem, a Linguística voltava-se para o tratamento do fenômeno da linguagem enquanto sistema abstrato e fechado, retirando, deste modo, os fatos referentes ao discurso.

No entanto, Morato (2009) observa a preocupação de vários estudiosos que se pautavam por uma posição externalista do fenômeno linguístico, ou seja, interessados “não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através da qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo [...]” (MORATO, 2009, p. 312).

Desse modo, a corrente definida por *interacionismo* surgiu no campo da Linguística em resposta ao psicologismo predominante na ciência da linguagem nas primeiras décadas do século XX. Sobre a importância dessa perspectiva para a Linguística, Morato (2009, p. 312) comenta que

[...] o interacionismo estabeleceu-se como uma das perspectivas mais produtivas, seja estimulando e marcando de forma explícita as relações da Linguística com outras áreas de conhecimento, investindo de interesse para o campo certas categorias como “ação”, “outro”, “prática”, “sociedade”, “cognição”, seja promovendo análises pluridisciplinares em torno do fenômeno linguístico e obrigando os linguistas a refletir de forma sistemática sobre o próprio objeto.

A definição acima nos permite não só observar o caráter pluridisciplinar da vertente interacionista, como também a importância dessa perspectiva para os estudos em Linguística Aplicada, uma vez que temas como ação, prática, sociedade, entre outros, até então excluídos,

¹⁴ Saussure (1969) denomina de *paradigmas* as relações associativas. Este eixo diz respeito, por exemplo, não só a uma seleção harmonicamente sonora de palavras como também serve para associar palavras que apresentam o mesmo significado.

passam a exercer um papel central nos estudos linguísticos. Morato (2009) também observa a importância da noção de *interação*, à medida que esta proporciona um estabelecimento epistemológico acerca do debate internalismo x externalismo no campo da Linguística, possibilitando, deste modo, a discussão sobre a relação entre linguagem e exterioridade a partir de perspectivas diversas: a Sociolinguística, a Pragmática, a Análise da Conversação, a Análise do Discurso, entre outras.

Tendo em vista o papel epistemológico reservado à *interação* no campo dos estudos linguísticos, Morato parte do pressuposto de que “toda ação humana procede da interação” (MORATO, 2009, p. 312) e que, dadas as diversas nuances pelas quais as relações humanas se estabelecem, defrontamo-nos atualmente com a presença dos mais diversos interacionismos (sociointeracionismo, interacionismo socio-histórico, interacionismo discursivo etc.), todos, enfim, na busca por demarcação e arbitragem teórica nos estudos interacionistas.

Neste sentido, as contribuições do Círculo bakhtiniano para os estudos interacionistas e, conseqüentemente para a Linguística Aplicada, são de extrema importância, não só devido à vasta obra produzida por este grupo, como também ao debate de temas importantes no que concerne aos estudos interacionistas:

Diferentemente da perspectiva comunicacional ou psicológica de interação, Bakhtin vincula as interações verbais às interações sociais mais amplas, relacionando a noção não apenas com as situações face a face, mas às situações enunciativas, aos processos dialógicos, aos gêneros discursivos, à dimensão estilística dos gêneros. Na perspectiva bakhtiniana, a interação verbal é a “realidade fundamental da língua”, e o discurso o modo pelo qual os sujeitos produzem essa interação, um modo de produção social da língua (MORATO, 2009, p. 330).

Com base nesta visão de língua como um processo de interação social, Bakhtin/Volochínov (2009) criticam a corrente filosófica conhecida por *objetivismo abstrato* (representada principalmente por Saussure), cujas ideias conferiam, ao sistema linguístico, “um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 93). Para o Círculo de Bakhtin, a língua constitui-se como uma corrente em constante processo ininterrupto de evolução, cujos usuários dela se utilizam para realizar suas práticas discursivas. Sobre esta dinâmica da língua, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 96) afirmam que

Para ele [o locutor], o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. [...] para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.

Convém ressaltarmos que a noção de interação verbal na perspectiva do Círculo será discutida posteriormente junto à noção de *dialogismo*, um dos temas centrais na produção intelectual de Bakhtin e de seus colaboradores. Antecipamos de modo breve a discussão sobre interação a partir dos pressupostos teóricos do Círculo porque reconhecemos o papel significativo destes postulados para os estudos da linguagem. Passemos, então, para a reflexão sobre a criação ideológica na perspectiva do Círculo de Bakhtin.

2.2 A PERSPECTIVA DIALÓGICA DO CÍCULO BAKHTINIANO

O conceito de dialogismo é um dos princípios teóricos mais importantes para o estudo da linguagem e do discurso na obra do Círculo de Bakhtin. Segundo Fiorin (2016), Bakhtin e os pensadores do Círculo concebem a linguagem como eminentemente dialógica, e esta concepção é o fundamento constitutivo de toda a antropologia filosófica do autor russo.

De acordo com Fiorin (2016), os teóricos do Círculo consideram que são as relações dialógicas que estruturam a língua como um todo. Estas relações não podem ser entendidas exclusivamente como as relações de diálogo face a face, mas, ao contrário, todos os enunciados, inseridos no processo de interação, têm a propriedade de serem dialógicos. Fiorin (2016) explica que, para o Círculo, a palavra de um determinado enunciador está sempre perpassada pela palavra do outro, ou seja, um discurso leva sempre em consideração o discurso de outrem, de modo que todo e qualquer discurso é inevitavelmente ocupado por vozes alheias. O dialogismo é definido, portanto, como um fenômeno que representa “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2016, p. 22).

Convém ressaltar as palavras de Silva (2013) que, ao referir-se ao pensamento dialógico do Círculo bakhtiniano, explicam que a concepção dialógica de linguagem proposta por estes filósofos russos não deve ser confundida com a proposta de língua elaborada por Saussure no Curso de Linguística Geral. Enquanto o mestre genebrino propõe uma língua como um sistema, de modo que os interlocutores não sejam marcados social, ideológica e historicamente, o Círculo de Bakhtin defende que o tema de cada enunciado pertence a uma interação específica, ou seja, os interactantes “são ‘donos’ temporários desse enunciado, que não é emitido por alguém e recebido por outrem, mas construídos por todos os interlocutores” (2013, p. 53).

A propósito dos limites entre os estudos da língua enquanto objeto da linguística e enquanto relações dialógicas, Bakhtin (2015, p. 208-209) salienta que

Na linguagem, como objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (por exemplo, entre palavras no dicionário, entre morfemas etc.) ou entre elementos do “texto” num enfoque rigorosamente linguístico deste. [...]

Não pode haver relações dialógicas tampouco entre os textos vistos de uma perspectiva rigorosamente linguística. [...]

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto.

Desse modo, Silva (2013) enfatiza que, para o Círculo de Bakhtin, fatores relacionados à posição social, histórica e ideológica dos interlocutores, dentre outros, devem ser levados em consideração no estudo dos enunciados-concretos¹⁵, e estes, por sua vez, são produzidos por sujeitos que estão sempre em interação com outros sujeitos.

De acordo Fiorin (2016), o Círculo de Bakhtin concebe o enunciado como a réplica de um diálogo, pois, para cada ato de enunciação, há uma participação em um diálogo com outros discursos. É a alternância dos falantes o fator determinante da dimensão do enunciado. Neste há a presença de ecos e lembranças provenientes de outros enunciados, havendo, pois, uma relação de refutação, confirmação, completude, enfim, há um diálogo entre estes enunciados. Enquanto as unidades da língua não apresentam um acabamento que propicie uma resposta, o enunciado já permite um acabamento específico daquela devido a sua natureza réplica. Enquanto as unidades da língua se caracterizam pela neutralidade, os enunciados são carregados de juízos de valor, de emoções, entre outros fatores, e caracterizam-se sempre por sua natureza dialógica. Todo enunciado é sempre heterogêneo, ou seja, em seu interior há a relação de duas posições, as quais se constroem mutuamente.

Sobre a natureza dialógica dos enunciados, Fiorin (2016) explica que, para Bakhtin, o termo *diálogo* não deve ser entendido apenas em seu sentido dicionarizado, como uma busca pelo acordo entre dois sujeitos, mas, pelo contrário, as relações dialógicas podem não só apresentar convergências como também dissidências entre vozes. Fiorin (2016, p. 28) atesta ainda que “[...] Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição”.

¹⁵ Segundo Brait (2014), Bakhtin chama de enunciado-concreto a uma parte essencial para construir a significação. Este elemento é composto de duas partes: a parte perceptível ou realizada em palavras, e a parte presumida. A partir desta concepção, propõe-se que os enunciados concretos, uma vez desconectados de seu contexto, perdem consideravelmente a sua significação, posto que estes elementos se caracterizam pela interligação entre os fatores verbais e extraverbais.

De acordo com Fiorin (2016), o Círculo apresenta três conceitos para o dialogismo¹⁶:

- é modo de funcionamento real da linguagem;
- incorpora voz (es) no enunciado de outro (s) enunciador (es);
- ressalta que a subjetividade é constituída pelo conjunto das relações sociais das quais o sujeito participa.

O primeiro conceito diz respeito à natureza heterogênea do enunciado, pois, neste, revelam-se duas posições, “a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2016, p. 27). Fiorin (2016) ressalta que Bakhtin e os pensadores do Círculo consideram tanto as relações dialógicas sociais como individuais, já que, em um determinado discurso, podem-se encontrar não só os pontos de vistas de locutores imediatos como aqueles de orientações mais complexas¹⁷. Desta forma, os filósofos do Círculo permitem a análise dialógica tanto das grandes polêmicas filosóficas, políticas, entre outras, como também dos fenômenos da fala cotidiana.

Segundo Fiorin (2016), os conceitos de *individual* e de *social* não são demasiado simples de compreensão em Bakhtin. Primeiro, em virtude de a maioria das opiniões dos sujeitos ser social. Segundo, dada à existência de um *superdestinatário* a quem todo enunciado também se dirige¹⁸, e cuja compreensão responsiva é fator determinante da produção discursiva. Fiorin (2016) ressalta que, para o Círculo de Bakhtin, a identidade do *superdestinatário* tem a propriedade de variar de um grupo social para outro, assim como de uma época para outra, ou de um lugar para outro. Enfim, os enunciados são considerados sociais à medida que uma réplica dirige-se a um *superdestinatário*, mesmo esta réplica sendo referente à conversação cotidiana.

Sobre a natureza dialógica da linguagem, Bakhtin (2014, p. 88) comenta que

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano,

¹⁶ Esta subdivisão encontra-se em Fiorin (2016, p. 27; 37).

¹⁷ Na literatura, nos editoriais, nos programas partidários etc. Referem-se ao que Faraco (2009) chama de manifestações superestruturais, a saber, “[...] o universo que engloba a arte, a ciência, a ética, a política [...]” (FARACO, 2009, p.46).

¹⁸ Segundo Fiorin (2016), o Círculo de Bakhtin considera que os enunciados são também (a *priori*) dirigidos a um destinatário imediato, cuja presença é mais ou menos percebida no grau da consciência.

concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode se afastar.

Para Bakhtin (2014), todo discurso procede do diálogo como sua réplica viva, ou seja, estrutura-se a partir da “mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica” (BAKHTIN, 2014, p. 88-89).

Bakhtin (2014) destaca ainda que a dialogicidade interna do discurso não se limita à mútua-orientação dialógica do discurso de outrem, mas todo discurso, ao orientar-se para a resposta do outro, não escapa à influência da resposta alheia:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2014, p. 89).

Com efeito, tanto as formas retóricas como monológicas ajustam-se no seu ouvinte e na sua resposta, e esta adequação ocorre devido à construção composicional destas formas. Bakhtin (2014) também observa que esta relação com o ouvinte, própria da forma retórica¹⁹, realiza-se de modo concreto, isto é, “a orientação para a resposta é aberta, manifesta e concreta” (BAKHTIN, 2014, p. 89).

Do mesmo modo que o diálogo corrente e a retórica constroem-se, em sua composição, pela atuação aberta e orientada ao ouvinte e sua resposta, todo e qualquer discurso orienta-se para uma possível resposta. Segundo Bakhtin (2014), quando esta resposta se realiza de modo compreensível, ela se constitui como a força vital integrante da formação discursiva e, ao mesmo tempo, da compreensão ativa, reconhecendo neste discurso uma forma de oposição ou reforço e, por conseguinte, enriquecendo-o.

Ainda sobre o caráter dialógico da linguagem, Bakhtin (2015, p. 47) destaca que

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre réplicas do diálogo expreso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância.

¹⁹ Segundo Koch (2011), a *retórica* corresponde a uma corrente filosófica que remonta à Aristóteles e que foi posteriormente retomada nos estudos de Perelman (1970), a qual considerava a importância da argumentação como um ato de persuadir e, por conseguinte, atingir um determinado auditório.

O primeiro conceito de dialogismo, então, refere-se ao modo real de funcionamento da linguagem, cujos enunciados constroem-se a partir dos outros, ou seja, todo enunciado relaciona-se com outros enunciados, anteriores ou posteriores, seja numa relação de completude, de refutação, de convergência, ou de divergência. E nesta relação constitutiva entre os enunciados dentro do grande diálogo, operam tanto as forças centrípetas, tendo em vista a centralização enunciativa do plurilinguismo, como as forças centrífugas, com tendência descentralizadora²⁰. Sobre estes conceitos, Fiorin (2016) ressalta que há uma sujeição das vozes sociais às relações de poder. Isto implica dizer que, para o Círculo de Bakhtin, há uma dimensão política na interação entre essas vozes, uma vez que essas relações enunciativas não se dão fora do campo do poder. E o discurso, como o próprio Fiorin (2016) atesta, orienta-se, em sua composição, para uma possível resposta do outro, mantendo sempre uma relação dialógica, seja esta de reforço ou de oposição.

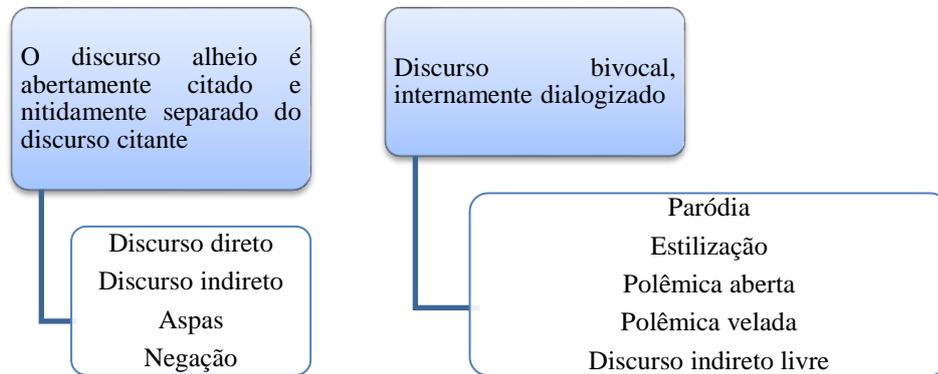
De acordo com Fiorin (2016), o segundo conceito de dialogismo, para o Círculo, diz respeito à incorporação das outras vozes no enunciado pelo enunciador. Em outras palavras, este conceito vai tratar do dialogismo na sua forma composicional, ou seja, o modo como as outras vozes se mostrarão visíveis no fio do discurso. Segundo Fiorin (2016), Bakhtin e os pensadores do Círculo chamam atenção para o modo como as formas composicionais absorvem o discurso alheio em um determinado enunciado, já que serão elas que tornarão visível o modo de funcionamento da linguagem: as relações dialógicas.

Em se tratando deste segundo conceito, Fiorin (2016) apresenta uma síntese proposta por Bakhtin de como o discurso alheio pode ser inserido no enunciado, a qual se encontra esquematizada a seguir²¹:

²⁰ Faraco (2009) explica que, para Bakhtin, as forças centrípetas correspondem àquelas que visam a impor uma dada centralização por sobre o plurilinguismo real (multiplicidade de vozes sociais), enquanto as forças centrífugas visam a corroer continuamente as tendências centralizadoras a partir de vários processos dialógicos (paródia, ironia, a polêmica explícita ou velada etc.). Segundo Faraco (2009), Bakhtin propõe, a partir da concepção de heteroglossia (visão axiologicamente estratificada da linguagem) e de heteroglossia dialogizada, “[...] a existência de jogos de poder entre as vozes que circulam socialmente, manifestados nas tendências centrípetas e correlacionadas a condições socio-históricas específicas” (FARACO, 2009, p. 70). Contudo, Faraco (2009) enfatiza que, para Bakhtin, a natureza monologizante das forças centrípetas não impede que estas sejam dialógicas, já que “[...] a atitude discursiva monológica é intrinsecamente dialógica _ como, aliás, na concepção do Círculo, todas as manifestações verbais” (FARACO, 2009, p. 70).

²¹ Convém enfatizarmos que o esquema das formas composicionais do discurso alheio foi exposto apenas a título de exemplificação. No entanto, este trabalho fará a abordagem apenas do segundo grupo, o discurso bivocal, mais especificamente o estudo das polêmicas discursivas.

Fluxograma 1- Síntese do modo de inserção do discurso alheio para Bakhtin



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Bakhtin (2015), o interesse de estudos centra-se na segunda categoria, a qual ele denomina de palavras bivocalizadas, em virtude de este grupo exibir os tipos mais complexos de dialogização interna. É neste grupo a que pertencem a *polêmica aberta*²² e a *polêmica velada*, categorias de análise deste estudo, as quais serão abordadas com maiores detalhes no segundo capítulo.

O terceiro conceito de dialogismo diz respeito à constituição da subjetividade pelo conjunto das relações sociais das quais o sujeito participa. De acordo com Fiorin (2016), Bakhtin considera que o indivíduo constitui-se em relação ao outro dentro das relações sociais, ou seja, “[...] o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação.” (p. 60).

Para melhor compreensão deste terceiro conceito de dialogismo, Fiorin (2016) ressalta sobre a relação entre a consciência e a sociedade. Segundo Fiorin (2016), a linguagem é imprescindível no projeto bakhtiniano a respeito da construção de uma teoria das superestruturas devido ao caráter semiótico dos conteúdos, sendo estes elementos formadores da comunicação social, ou seja, da sociedade.

Ao se referir à constituição dialógica do sujeito para Bakhtin, Fiorin (2016, p. 61) explica que

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro (s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre

²² Fiorin (2016) propõe o termo *polêmica clara* para referir-se à *polêmica aberta*. Optamos pelo segundo termo em virtude deste ser a tradução de Paulo Bezerra, referente à obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2015).

em relação com o outro, o mundo interior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser, porque o conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se.

Fiorin (2016) comenta que, neste processo constitutivo da consciência, as vozes são assimiladas de modos diversos: são centrípetas, quando incorporadas como voz de autoridade²³, como uma massa compacta; são centrífugas, quando assimiladas por posições de sentido internamente persuasivas²⁴, isto é, abrem-se constantemente ao processo de mudança.

De acordo com Bakhtin (2014), as forças centrípetas são forças atuantes num plurilinguismo real que tratam da unificação e da centralização das ideologias verbais. Para Bakhtin, estas forças produzem no interior desse plurilinguismo um núcleo linguístico sólido, oficialmente reconhecido, em defesa de uma língua em oposição à pressão do plurilinguismo crescente.

Sobre a constituição desta língua, oposta a um plurilinguismo social, Bakhtin (2014, p. 81) explica que

[...] Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. Eis porque a língua única expressa as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural.

Em suma, as forças centrípetas visam à centralização de determinadas manifestações verbo-ideológicas e, conseqüentemente, à superação da dialogização das vozes sociais²⁵. Estas forças apresentam um papel significativo no processo de unificação e centralização das línguas europeias, numa busca pela “língua-mãe”, que exercera forte influência na criação literária europeia (BAKHTIN, 2014).

²³ Bakhtin (2014) chama de *palavra autoritária* aquela que nos exige o reconhecimento incondicional e a assimilação: “[...] ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade” (BAKHTIN, 2014, p. 143). Segundo Bakhtin (2014), a palavra, ou discurso autoritário, penetra a nossa consciência verbal tal como uma massa compacta e indizível; não se representa, apenas é transmitida; pode ser representada pela palavra autoritária do dogma religioso, pela autoridade reconhecida da ciência, dentre outras.

²⁴ Bakhtin (2014) concebe a *palavra internamente persuasiva* (palavra persuasiva interior) como a palavra que pode ser considerada normalmente metade nossa, metade de outrem. Possui a propriedade de despertar “nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma, em vez de permanecer numa situação de isolamento e imobilidade [...] ela ingressa num inter-relacionamento tenso e num conflito com as outras palavras interiormente persuasivas” (BAKHTIN, 2014, p. 146). Para Bakhtin (2014), a estrutura semântica da palavra internamente persuasiva é inacabada e tende a ser aberta, mantendo a capacidade de revelar continuamente toda uma gama de possibilidades semânticas em cada novo contexto dialogizado.

²⁵ Termo usado por Faraco (2009) para se referir também ao plurilinguismo social ou à heteroglossia.

Em contrapartida, as forças centrífugas representam os processos de descentralização e desunificação da língua. Segundo Bakhtin (2014), a língua, enquanto processo vivo e dinâmico, está constantemente marcada por um plurilinguismo real, cuja formação se dá por meio de várias manifestações verbo-ideológicas: desde aos diversos dialetos linguísticos à própria língua literária. Bakhtin ressalta ainda que tanto as forças centrípetas como centrífugas representam não só a estática da vida de uma língua como também a sua própria dinâmica: “Cada enunciação que participa de uma ‘língua única’ (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras)” (BAKHTIN, 2014, p. 82).

No que tange ao caráter sociossemiótico da consciência para Bakhtin e o Círculo, Fiorin (2016) enfatiza que todo indivíduo tem uma história particular no processo constitutivo de seu mundo interior devido à constituição deste indivíduo como resultante do embate e da interação dessas duas vozes diversas (centrípetas e centrífugas). À medida que a consciência for formada por vozes centrípetas, ou seja, de autoridade, mais ela se caracterizará como monológica ou, nos termos bakhtinianos, ptolomaica²⁶. À medida que a consciência se constituir de vozes internamente persuasivas, mais dialógica ou galileana esta consciência será.

Fiorin (2016) também destaca a noção de heterogeneidade dialógica das vozes sociais para Bakhtin. Conforme Fiorin (2016) atesta, os enunciados interdiscursivamente construídos pelo sujeito são também constitutivamente ideológicos. Todo enunciado atua como resposta a vozes interiorizadas, e isso permite a conclusão de que estes enunciados não podem ser considerados uma expressão exclusivamente individual, pois esta “[...] é formada pela incorporação das vozes sociais em circulação na sociedade” (FIORIN, 2016, p. 64). Concomitantemente o sujeito não é assujeitado²⁷ em sua totalidade, pois a sua participação nesta heterogeneidade dialógica de vozes sociais ocorre de um modo particular: a história da constituição da consciência do sujeito nas relações dialógicas é singular. Por conseguinte, o sujeito é integralmente tanto social como individual. Sobre esta peculiaridade do sujeito no pensamento bakhtiniano, Fiorin (2016, p. 64) comenta que

²⁶ Fiorin (2016) explica que, para Bakhtin, a consciência ptolomaica caracteriza-se por ser mais rígida, mais organizada em torno de um centro fixo, assim como o sistema cosmológico proposto pelo astrônomo Ptolomeu. Em contrapartida, a consciência galileana caracteriza-se por ser mais aberta, mais móvel, e que não se organiza em torno de um centro fixo.

²⁷ Para alguns teóricos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX; FUCHS, 1975), o sujeito é visto como indivíduo “capturado”, assujeitado às determinações históricas e ideológicas, ou seja, produto de um processo de interpelação, no qual se tem a impressão de exercer a sua própria vontade. Em contrapartida, Fiorin (2016) explica que, para o Círculo bakhtiniano, todo sujeito mantém a sua singularidade no diálogo social, uma vez que “a história da constituição de sua consciência é singular” (FIORIN, 2016, p. 64).

Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único. A realidade é centrífuga, o que significa que ela permite a constituição de sujeitos distintos, porque não são organizados em torno de um centro único.

Enfim, Fiorin (2016) conclui que, na perspectiva dialógica bakhtiniana, todos os enunciados são constitutivamente dialógicos. E, por serem dialógicos, são também históricos, pois eles carregam em si as marcas das relações com o discurso do outro. A História está vinculada internamente ao sentido de um dado enunciado, e este sentido constitui-se essencialmente no encontro de vozes nas relações sociais, seja através de aprovações ou adesões, seja através do confronto, de polêmicas, ou na oposição entre essas vozes.

Tendo em vista a concepção de que a língua está imersa em vozes construídas nas relações sociais, os signos a que pertencem à língua são carregadas de posições avaliativas, constituindo-se, portanto, ideologicamente. O tópico seguinte fará exatamente uma abordagem de como o signo ideológico tem recebido um tratamento especial por Bakhtin/Volochínov (2009) com ênfase na *palavra*, devido a sua natureza ideológica por excelência, e enquanto verdadeiro espaço de confronto entre vozes sociais.

2.2.1 Conceito de interação verbal para o Círculo de Bakhtin

Para Bakhtin/Volochínov (2009), a estrutura da linguagem emerge do processo de interação social, ou seja, ela é produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. Na ausência de um interlocutor real, este, por sua vez, “pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116). Segundo os autores, a palavra dirige-se a um determinado interlocutor e sofrerá variação a partir do contexto em que se insere. Bakhtin/Volochínov (2009) assevera que não pode haver interlocutor abstrato, caso contrário “não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado” (p. 116). Bakhtin/Volochínov (2009) consideram ainda que, no meio social concreto que nos engloba, há a necessidade de supor um certo horizonte social definido e estabelecido, fator determinante da criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2009), fatores como o mundo exterior e a reflexão de cada indivíduo apresentam um auditório social específico e bem estabelecido. É neste auditório em que se constroem as deduções interiores, as motivações, as apreciações, entre outros elementos, de cada indivíduo. Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 117), “[...] Quanto

mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica [...]”.

A palavra, signo ideológico por excelência na concepção destes pensadores russos, orienta-se em função do interlocutor. Bakhtin/Volochínov (2009) atestam a dupla face deste signo, conforme as palavras a seguir:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro.

Deste modo, Bakhtin/Volochínov (2009) consideram que é por meio da palavra que um indivíduo se define em relação ao outro, ou seja, em última instância, em relação à própria coletividade. A palavra funciona, portanto, como “[...] uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] A palavra é território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117).

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009, p. 117), “[...] A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. Mais adiante, comentam que “[...] a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117). Para estes autores, qualquer enunciação a ser considerada, independente de se tratar de uma informação factual, mas de uma expressão verbal referente a uma necessidade qualquer, é, em sua totalidade, socialmente dirigida. Estes pensadores russos consideram que a palavra é, *a priori*, determinada da maneira mais imediata pelos próprios participantes do processo de interação verbal. Neste caso a situação comunicativa dará suporte à enunciação. Tanto a situação como os participantes mais imediatos são fatores determinantes da forma e do estilo ocasionais da enunciação. Conforme atestam Bakhtin/Volochínov (2009, p. 118), “[...] Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor”.

Bakhtin/Volochínov (2009) também chamam atenção para a relação da estrutura da atividade mental com o fator ideológico. Segundo estes estudiosos, a enunciação em seu estágio inicial não mudará a essência das coisas, uma vez que a estrutura da atividade mental é considerada tão social como o da sua objetivação exterior. Para isto, eles partem, como exemplo, de uma simples tomada da consciência. Ainda que confusa, a consciência pode

dispensar uma expressão exterior, mas o mesmo processo não ocorre a uma expressão ideológica, pois “[...] toda tomada da consciência implica um discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 118).

Estes autores também ressaltam a existência de diferentes graus na consciência, na clareza e na diferenciação da orientação social da experiência mental. Segundo eles, não há atividade mental sem uma orientação social de caráter apreciativo, pois qualquer tomada de consciência pode manifestar-se ideologicamente.

Bakhtin/Volochínov (2009) propõem a distinção entre dois polos nos quais a tomada de consciência e a elaboração ideológica se realizam durante o processo de relação com um ouvinte ideal: a atividade mental do eu e a atividade mental do *nós*. A atividade mental oscila de um para o outro.

Conforme definem Bakhtin/Volochínov (2009), a atividade mental do eu possui a tendência para autoeliminar-se, pois “[...] à medida que se aproxima do seu limite, perde a sua modelagem ideológica e conseqüentemente seu grau de consciência, aproximando-se assim da reação fisiológica do animal” (p. 119). Segundo os pensadores do Círculo, atividades mentais isoladas tendem para o polo do eu, prejudicando, portanto, sua modelagem ideológica.

Estes filósofos do Círculo bakhtiniano definem a atividade mental do *nós* como uma atividade ideologicamente diferenciada, pois tanto a diferenciação ideológica como o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Isto implica dizer que, para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 119), “[...] Quanto mais forte, mais bem-organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior”.

Conforme Bakhtin/Volochínov (2009), esses tipos de atividade mental mencionados anteriormente geram modelos e formas de enunciações correspondentes. Os autores atestam que, em todos os casos, a situação social é o fator determinante de uma forma de enunciação que servirá para expressar alguma tomada de consciência com base nas direções inflexivas da experiência.

Bakhtin/Volochínov (2009) chamam atenção ainda para um tipo de atividade a qual eles classificaram como a atividade mental para si. Sobre esta atividade, eles afirmam que

[...] Ela distingue-se claramente da atividade mental do eu [...]. A atividade mental individualista é perfeitamente diferenciada e definida. O individualismo é uma forma ideológica particular da atividade mental do nós da classe burguesa. [...] caracteriza-se por uma orientação social sólida e afirmada. [...] trata-se da explicitação ideológica do meu status social, da defesa pela lei e por toda a estrutura da sociedade de um

bastião objetivo, a minha posição econômica individual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 121).

Os autores afirmam que a personalidade individual é considerada tão socialmente estruturada quanto a atividade mental característica do tipo coletivista. Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 121), “[...] a explicitação ideológica de uma situação econômica complexa e estável projeta-se na alma individual”. No entanto, estes teóricos russos destacam que a contradição interna inscrita neste tipo específico desse tipo de atividade mental do *nós*, assim como a estrutura social a que ele se refere, em algum momento, deletará sua modelagem ideológica.

Bakhtin/Volochínov (2009) explicam que a atividade mental do sujeito constitui-se, do mesmo modo que a expressão exterior, como um território social. Por conseguinte, “[...] todo o itinerário que leva da atividade mental [...] à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 121-122). A partir do momento em que a atividade mental se realiza sob o aspecto de uma enunciação, a orientação social a que ela se submete passa a receber “[...] maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos” (p.122).

Sobre a relação da interação verbal com o contexto social, Bakhtin (2014, p. 82) destaca que “[...] O verdadeiro meio de enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social com a linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como acentuação individual”.

A partir desta relação da interação verbal com o contexto social, Bakhtin/Volochínov (2009) propõem um novo olhar sobre o problema da consciência da ideologia. De acordo com os autores, é na sua própria objetivação, ou seja, na expressão material, que “a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 122). No entanto, estes pensadores russos ressaltam que a consciência não está acima do próprio ser nem mesmo é fator determinante da constituição deste indivíduo, já que a consciência representa uma parte do ser, fazendo, portanto, com que [ela] tenha uma existência real, cujo papel torna-se significativo na arena do ser. Após o estágio embrionário sob a forma de discurso interior além de todas as etapas da sua objetivação social, a consciência transforma-se em uma força real, capaz de agir sobre as bases econômicas da vida social. Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 122), “essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida [...]”, permitindo, pois, com que ela seja considerada um fato social e não um ato individual interior.

Bakhtin/Volochínov (2009) ressaltam a importância da ação reversiva da expressão sobre a atividade mental como um meio de estruturação da vida interior. Segundo eles, “[...] não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p 122-123). Propõem, então, o conceito de *ideologia do cotidiano* para referir-se à totalidade da atividade mental cujo centro é a vida cotidiana. Destacam ainda que o termo *ideologia do cotidiano* não deve confundir-se com os sistemas ideológicos constituídos, a saber, a arte, a moral, entre outros. *Ideologia do cotidiano*, para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 123), deve ser compreendida da seguinte forma:

[...] constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. Considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde, no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, de “psicologia social”. [...] ora, esse conteúdo é totalmente ideológico, sendo determinado por fatores não individuais e orgânicos [...], mas puramente sociológicos. O fator individual-orgânico não é pertinente para a compreensão das forças criadoras e vivas essenciais do conteúdo da consciência.

Deste modo, Bakhtin/Volochínov (2009) concluem que os sistemas ideológicos constituídos dos principais campos da sociedade (moral social, ciência, arte e religião) concretizam-se a partir da ideologia do cotidiano que, por sua vez, sofre uma forte influência daqueles mesmos sistemas. Estes, concomitantemente, conservam um elo com a ideologia do cotidiano, de tal modo a alimentar-se desta e não resistir sem a mesma.

No que tange à ideologia do cotidiano, Bakhtin/Volochínov (2009) salientam a presença de vários níveis, dentre os quais se destacam aqueles que o Círculo denomina de *nível inferior* e *nível superior*. O primeiro corresponde ao conjunto de “todas as atividades mentais e pensamentos confusos e informes que se acendem e apagam na nossa alma, assim como as palavras fortuitas e inúteis” (p. 124). Segundo estes autores, é neste nível em que nos deparamos perante os chamados abortos da orientação social, cuja consolidação de uma expressão completa e diferenciada torna-se incapaz. É o caso, por exemplo, de um romance sem um representante herói ou de representações sem espectadores. É neste nível em que regras estatísticas são exclusivamente apreendidas. É com base em uma grande massa de produtos desta ordem que linhas consideráveis de uma ordem socioeconômica podem ser descobertas.

Os níveis superiores correspondem àqueles “que estão em contato direto com os sistemas ideológicos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 124). Estes estudiosos explicam que estes níveis são substanciais e apresentam um teor de responsabilidade e de criatividade.

Caracterizam-se inclusive por maior capacidade de movimentar-se e por maior sensibilidade que as ideologias constituídas. São nestes níveis que as “novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica [...], antes que consigam invadir a arena da ideologia constituída” (p. 125).

Os autores também chamam a atenção para o conceito de *individualidade criadora*. Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 125), esta individualidade “[...] constitui a expressão do núcleo central sólido e durável da orientação social do indivíduo”. Os autores explicam que é neste núcleo em que se encontram os estratos superiores considerados mais bem formados do discurso interior, o que caracteriza a ideologia do cotidiano. Os autores comentam que o fator biográfico e biológico tem um papel importante nos níveis inferiores na ideologia do cotidiano, mas a importância deste fator decresce à medida que ocorre a integração da enunciação no sistema ideológico.

Deste modo, Bakhtin/Volochínov (2009) concluem que o centro organizador de toda enunciação corresponde a fatores de natureza externa, ou seja, situam-se no meio social que envolve o indivíduo. Um ato de fala, realizado em uma situação imediata, ou em um contexto mais amplo, é produto da interação social. A enunciação individual, para os autores, não é de modo algum um fato individual, que não seja passível de uma análise sociológica. Caso contrário, as características abstratas partilhadas por todos os atos individuais não poderiam dar origem a um produto social.

Enfim, para Bakhtin/Volochínov (2009), a estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir pertence à natureza social. Toda palavra é considerada ideológica, e toda utilização referente à língua relaciona-se à evolução ideológica. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009, p. 127), [...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada “[...], mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”.

Portanto, Bakhtin/Volochínov (2009) consideram que a interação verbal é o verdadeiro fator que constitui a realidade fundamental da língua. Segundo estes autores, todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos. O diálogo, segundo os autores, deve ser concebido no sentido amplo do termo, ou seja, não só “como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (p. 127). A língua, portanto, “[...] vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128). Os autores enfatizam, deste modo, que as formas dos atos de fala evoluem graças à interação verbal. Por conseguinte, o processo de

evolução reflete-se na mudança e nas formas da língua. Bakhtin/Volochínov (2009) concluem, desta forma, que a filosofia marxista da linguagem deve considerar, exatamente, a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura socioideológica, ao delimitar seu objeto de estudo.

2.2.2 O signo ideológico

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2009) propõem a relação das bases de uma teoria marxista da criação ideológica aos problemas de filosofia da linguagem. Segundo estes pensadores, um produto ideológico insere-se no interior de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, mas, em contrapartida, ele possui a capacidade de refletir e refratar uma outra realidade, que lhe é exterior. Em outras palavras, “[...] Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. [...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31). Deste modo, qualquer produto (um objeto físico, um instrumento de produção, um produto de consumo) poderá converter-se em um signo ideológico e passará a refletir e a refratar, em certa medida, uma outra realidade, embora este produto não deixe de fazer parte da realidade material a qual pertence.

Para Bakhtin/Volochínov (2009), o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos. Estes se comunicam entre si, portanto “[...] onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33). Segundo os autores, cada campo de criatividade ideológica apresenta sua própria forma de orientação para a realidade e refrata esta realidade a seu próprio modo. No que diz respeito aos fenômenos ideológicos, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 33) ressaltam que “[...] É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral”. Sobre a importância da relação do signo com o ideológico, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 33) enfatizam que

[...] Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material [...]. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. [...] O próprio signo e todos os seus efeitos [...] aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância.

Bakhtin/Volochínov (2009) destacam, deste modo, a necessidade do estudo das ideologias, porém a partir do conceito de consciência individual como fato socioideológico.

Para os autores, a interação face a face entre dois indivíduos não é o suficiente para a constituição dos signos. É imprescindível que estes mesmos indivíduos estejam organizados socialmente para a constituição de um sistema de signos. Segundo os autores, a ideologia não pode derivar da consciência, conforme o pensamento do idealismo e do positivismo psicologista. Esta se concretiza a partir dos signos criados por um grupo organizado no processo de relações sociais. Os signos, portanto, representam a base estruturante da consciência individual, e a lógica da consciência corresponde à lógica da comunicação ideológica. Por conseguinte, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 36) defendem que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais”.

Bakhtin/Volochínov (2009) destacam ainda a importância da linguagem como espaço mais claro e completo do aspecto semiótico da comunicação social. Segundo estes autores, a palavra é considerada o signo ideológico por excelência, pois toda a realidade é absorvida por sua função de signo. Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 36), “a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social”. É por meio dela que as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica se revelam.

Além do aspecto puro deste signo ideológico, Bakhtin/Volochínov (2009) ressaltam a capacidade da palavra de ser neutra²⁸. De acordo com os autores, cada um dos demais sistemas semióticos é próprio de determinada área da criação ideológica. O signo é criado por uma função ideológica exata e permanece ligado a esta função. Em contrapartida, “a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (p. 37), pois ela tem a propriedade de preencher “qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa” (p. 37).

Bakhtin/Volochínov (2009, p. 37) destacam também o papel da palavra como “material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior)”. Conforme estes teóricos russos atestam, “[...] uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma espécie de material extracorporal” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 37). Dessa forma, a palavra é usada como signo interior e, ao mesmo tempo, pode agir como signo sem expressão externa, tornando, assim, o problema da consciência individual como problema da palavra interior um dos principais desafios da filosofia da linguagem.

²⁸ Convém ressaltarmos que não se deve confundir o aspecto puro com a neutralidade da palavra. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009), a palavra é considerada o *signo mais puro* porque ela é totalmente absorvida por sua função de signo e não há nada nela que não esteja relacionado a essa função semiótica. Para os autores, a palavra é considerada um *signo neutro* devido a sua capacidade de moldar-se a toda e qualquer realidade ideológica (política, filosófica, científica etc.). Nesse sentido, não se deve pensar esse signo como um elemento desprovido de conteúdo axiológico, mas sim que, graças a sua maleabilidade, um mesmo signo pode ser tomado por todo e qualquer aparelho ideológico de tal forma a este se adequar.

Sobre o aspecto social da palavra, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 38) destacam que

[...] É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos [...] não podem operar sem a participação do discurso interior.

Com base na citação acima, todas as manifestações da criação ideológica estão inseridas no discurso e não podem separar-se nem isolar-se totalmente dele. Nem todo signo ideológico pode ser substituído por palavras, mas nestas se apoiam. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009, p. 38), “toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal [...]”. É com base, portanto, nessas propriedades da palavra, que esta deve ser concebida como objeto fundamental do estudo das ideologias.

Em suma, este subtópico visa a mostrar a importância do *signo ideológico* para Bakhtin/Volochínov (2009), destacando, principalmente, o signo ideológico *palavra*, não somente devido ao seu caráter axiológico, como também pelo seu caráter funcional no processo da comunicação. Convém enfatizarmos ainda que, ao signo ideológico *palavra*, outros aspectos poderão associar-se, tendo em vista a construção de diversos posicionamentos ideológicos em nossas práticas discursivas.

No subtópico seguinte, então, faremos uma breve discussão sobre alguns desses aspectos, de natureza extraverbal, e sua importância para o discurso.

2.2.3 A verbo-visualidade no Círculo de Bakhtin

Este subtópico trata da relação entre os aspectos visual e verbal, tendo em vista a construção de sentidos em uma dimensão sociodiscursiva. Ao adotar este último termo, referimo-nos a todos os elementos que fazem parte do contexto interacional, desde os sujeitos discursivos ao espaço socioideológico.

Assim como Brait (2013), acreditamos que as questões teórico-metodológicas propostas por Bakhtin e o Círculo adequam-se não apenas ao estudo das artes pictórico-literárias, mas também a todo e qualquer discurso. Por conta disso, salientamos, nesta discussão, o referencial que serve de arcabouço teórico sobre a noção de verbo-visualidade dentro da perspectiva dialógica.

Retomemos, então, as palavras de Bakhtin/Volochínov (2009), nas quais estes pensadores fazem menção à relação entre signo ideológico e consciência:

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhes conferem (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.36).

Conforme podemos observar, estes filósofos consideram que a palavra é apenas uma das formas de materialização do signo e que alguns aspectos pertencentes ao plano visual (imagem, gestos) podem contribuir para a construção de sentidos.

Mais adiante, Bakhtin/Volochínov (2009) novamente fazem uma menção aos aspectos de natureza visual como elementos construtores de sentido. Ao discutirem sobre a questão da consciência e da ideologia, eles explicam que alguns destes elementos de natureza, a saber, o gesto, o desenho, a pintura, etc., representam formas de objetivação material estruturada da consciência. Esta, por sua vez, ao passar por aquelas etapas de objetivação social, insere-se no campo dos mais diversos aparelhos ideológicos (ciência, arte, moral, direito, etc.), “[...] tornando-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 122).

Sobre a importância dos aspectos verbo-visuais para a construção de sentidos em torno de um signo ideológico, tomemos, como exemplo, o artigo intitulado de *A perspectiva Bakhtiniana para o estudo do signo ideológico em textos verbo-visuais: uma análise da capa da revista Veja*, em que Gonçalves, Gonçalves e Guedes (2015) discutem a respeito da ocupação da verbo-visualidade a partir da teoria dialógica bakhtiniana em uma capa da Revista *Veja* voltada para o discurso evangélico. Com base em suas análises, os autores concluem que a conjugação dos elementos tanto verbais (Evangélicos: como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra) como imagéticos (cruz envolta a um S similar ao símbolo do cifrão) tem, em vista, refletir e refratar o posicionamento axiológico da Revista em relação à vertente religiosa em destaque, a fim de levar o coenunciador à conclusão de que este grupo se trata de “um movimento religioso com fortes interesses financeiros” (GONÇALVES; GONÇALVES; GUEDES, 2015, p. 178).

Já em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, mais precisamente na discussão sobre discurso bivocal, Bakhtin (2015) comenta sobre a dupla orientação da polêmica velada e sua

importância para a formação de estilo. O autor explica que, no interior do linguajar cotidiano, manifestam-se as mais diversas formas de reação perante a palavra do outro, dentre as quais o autor cita o discurso “aviltado”, “empolado”, “autorrenegado”, entre outros. Ao referirem-se a esta passagem, Morson e Emerson (2008) observam que estes tipos de discursos definem-se por lançar um “olhar oblíquo” sobre o outro, o que caracteriza o gesto significativo, proposto por Bakhtin/Volochínov (2009). Com efeito, a construção de sentidos propiciada por meio dos gestos, principalmente nas relações dialógicas em seu sentido restrito, ou seja, nas relações face a face, é indispensável, uma vez que este modo de objetivação semiótica nos oferece mecanismos para analisar possíveis posicionamentos axiológicos por parte dos interactantes, conforme observaremos na análise do nosso *corpus* de pesquisa.

Em *Estética da Criação Verbal*, por sua vez, Bakhtin (2011) traz para os estudos literários (e salientamos a defesa desta abordagem para todo discurso) a discussão sobre a questão da imagem a partir dos conceitos de *excedente*, *contemplação*, *retrato*, *fotografia*, enfim, das diversas possibilidades de representação do eu (autor) em relação ao outro (personagem).

Sobre a noção de *excedente de visão*, Bakhtin (2011, p. 22-23) ressalta que

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se.

Neste sentido, Bakhtin (2011) introduz o conceito de *contemplação-ação*, termo que ele adota como uma das ações decorrentes do excedente de visão externa e interna do outro, e que se caracteriza por ser um ato puramente ético.

Bakhtin (2011) também discute sobre a noção de *imagem externa*, tomando os conceitos de *retrato*, de *autorretrato* e de *fotografia*. Segundo Brait (2013), a importância desta discussão feita por Bakhtin (2011) incide na reflexão estética e filosófica não só restrita às artes visuais, como também à arte verbal.

Sobre a questão verbal, convém mencionarmos a importância da *entonação expressiva* para a constituição do enunciado. Segundo Bakhtin (2011), a entonação representa uma das formas de expressar-se volitivo-emocionalmente em relação ao outro. Sobre este elemento, Bakhtin (2011, p. 291), ratifica que

[...] não só compreendemos o significado de dada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva – de simpatia, acordo ou desacordo, de estímulo para a ação. Desse modo, a entonação expressiva pertence aqui ao enunciado e não à palavra. E ainda assim é muito difícil não abrir mão da convicção de que cada palavra da língua tem ou pode ter por si mesma “um tom emocional”, “um colorido emocional”, “um elemento axiológico”, “uma auréola estilística”, etc. e, por conseguinte, uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra.

Deste modo, Bakhtin (2011) propõe que a entonação expressiva é um traço constitutivo dos enunciados. Se uma palavra ou uma oração são encaradas apenas como unidades que pertencem ao plano da língua enquanto sistema, são, pois, desprovidas de entonação expressiva. No entanto, quando uma palavra assim é emitida deste modo, já não se trata de um elemento puramente linguístico, mas sim de um enunciado concreto, portanto pertencente à dimensão discursiva.

Após esta breve explanação sobre a importância dos aspectos verbo-visuais na perspectiva dialógica, apresentaremos a seguir a noção de discurso para Bakhtin (2015), bem como a importância de uma abordagem metalinguística para o estudo do fenômeno discursivo.

2.3 O DISCURSO NA VISÃO BAKHTINIANA

No quinto capítulo da obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, intitulado de *O discurso em Dostoiévski*, Bakhtin (2015) inicia seu estudo com a definição de *discurso* enquanto língua em sua integridade concreta e viva, em contraposição à concepção de língua enquanto objeto específico da linguística, a qual se obtém a partir de uma abstração legítima de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Para Bakhtin (2015), são exatamente estes aspectos, abstraídos pela linguística, que serão de suma importância para os propósitos desta obra.

Por esse motivo, as análises feitas pelo autor não se limitarão à abordagem linguística no sentido rigoroso do termo, mas estarão inseridas entre os limites da linguística e da metalinguística, uma vez que estas abordagens “estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo, e multifacético - o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 2015, p. 207). Estas abordagens, para Bakhtin (2015, p. 207), “devem completar-se mutuamente, e não se fundir”, embora o autor reconheça que os limites entre estas perspectivas de estudo sejam constantemente violados.

Com relação à análise feita pela linguística de base estruturalista²⁹, não há diferenças essenciais, por exemplo, entre o uso monológico e polifônico do discurso na literatura de ficção. Bakhtin (2015) explica esta abordagem puramente linguística a partir do romance polifônico de Dostoiévski: neste, a diferenciação linguística, isto é, os diversos estilos de linguagem, os dialetos territoriais e sociais, dentre outros aspectos, é bem menos se comparada às obras de muitos escritores que se centram no monólogo. Esta diferenciação reduzida, inclusive, transpassa a ideia de que os heróis da arquitetura romanesca de Dostoiévski falam a mesma linguagem, levando muitos autores (como Tolstói) a acusarem Dostoiévski de conservar uma uniformidade linguística em seus heróis.

No entanto, Bakhtin (2015) destaca que a diferenciação presente na linguagem e as acentuadas características do discurso presentes nos heróis apresentam “maior significação artística para a criação das imagens objetificadas e acabadas das pessoas” (BAKHTIN, 2015, p. 208). Segundo Bakhtin (2015), quanto mais a personagem se apresenta de forma coisificada, mais se manifestará a fisionomia da sua linguagem. Bakhtin (2015) assevera que o valor da verdade da linguagem e das características do discurso se mantém no romance polifônico, e este valor não só diminui como também as funções artísticas desses fenômenos se modificam. Para Bakhtin (2015), o problema não está nos diversos estilos da linguagem, cuja existência se estabelece a partir de critérios meramente linguísticos. O problema consiste em saber sob que ângulo dialógico estes diversos estilos da linguagem confrontam ou se opõem na obra. Na concepção de Bakhtin (2015), este ângulo dialógico não pode se estabelecer a partir de critérios puramente linguísticos, já que as relações ideológicas não pertencem a um campo unicamente linguístico, ainda que pertençam ao campo do discurso.

As relações dialógicas, de acordo com Bakhtin (2015), pertencem ao campo da metalinguística. E são essas relações que determinam as particularidades constituintes da linguagem nas obras de Dostoiévski. Bakhtin (2015) acrescenta que a linguagem, enquanto objeto da linguística, não pode apresentar quaisquer relações ideológicas, já que estas são impossíveis entre os elementos que fazem parte do sistema linguístico ou entre os elementos textuais numa análise rigorosamente linguística do texto.

Segundo Bakhtin (2015), a linguística não só tem conhecimento sobre a forma composicional do discurso dialógico, como também estuda as suas particularidades sintático-semânticas. Contudo, esta abordagem referente ao discurso ideológico ocorre com base na

²⁹ Bakhtin (2015), na verdade, adota o termo *linguística pura*, que se refere a toda análise linguística apenas no plano da língua, sem levar em consideração as diversas possibilidades de relações dialógicas as quais, por sua vez, situam-se no campo do discurso.

concepção de língua como fenômeno puramente linguístico, de forma que não há a possibilidade de se abordar a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por conta disto, Bakhtin (2015) defende que a linguística deve recorrer aos resultados de uma abordagem metalinguística para estudar o discurso dialógico.

Com respeito às relações dialógicas, Bakhtin (2015, p. 209) defende que

[...] as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego [...], está impregnada de relações dialógicas.

Embora a linguística de base estrutural tenha como foco de estudo a linguagem propriamente dita, com sua lógica específica em sua generalidade, Bakhtin (2015) explica que isto “torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas” (BAKHTIN, 2015, p. 209). Bakhtin (2015) considera que essas relações pertencem ao campo do discurso, e este é, por natureza, dialógico. Por isso, cabe à metalinguística o estudo destas relações, já que ela “ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias” (BAKHTIN, 2015, p. 209).

Bakhtin (2015) destaca ainda que as relações dialógicas não podem reduzir-se às relações lógicas ou às concreto-semânticas. Segundo Bakhtin (2015, p. 209), “estas devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas”. A materialização das relações lógicas e concreto-semânticas é, portanto, imprescindível para se tornarem dialógicas. Ou seja, aquelas devem tornar-se discurso (enunciado), e ganhar *autor* de um dado enunciado para caracterizar-se como relações dialógicas.

Dessa forma, todo enunciado possui uma espécie de *autor*³⁰ para Bakhtin (2015). Na enunciação, o *autor* representa aquele que escutamos como o criador de um próprio enunciado, embora nada saibamos a respeito deste *autor*. No entanto, essa autoria real pode apresentar-se sob diferentes formas. Bakhtin (2015) explica, por exemplo, que uma determinada obra pode ser resultado de um trabalho de equipe, ser interpretada com base em outros aspectos e, mesmo assim, há uma necessidade de posicionar-se dialogicamente com esta

³⁰ Segundo Brait (2014), não se deve confundir *autor-criador* com *autor-pessoa* na perspectiva bakhtiniana. Brait (2014) explica que, para Bakhtin (2015), o primeiro tipo corresponde a um constituinte do objeto estético cuja característica básica é permitir a materialização de uma posição axiológica com o herói e seu mundo, seja de apatia, de simpatia, de reverência, dentre outras posições valorativas. Já o segundo tipo corresponde ao autor real, aquele “[...] que existe fora do enunciado” (BAKHTIN, 2015, p. 210).

obra, ou seja, “sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente” (2015, p. 210).

De acordo com Bakhtin (2015), as relações dialógicas são possíveis do seguinte modo³¹:

- Entre enunciações integrais: embora se reconheça a possibilidade do enfoque dialógico a qualquer parte do enunciado, inclusive de uma palavra isolada quando esta for pronunciada como um signo que carrega em si a voz do outro;
- Entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais, etc.: desde que estes aspectos sejam compreendidos como certas posições semânticas, numa abordagem não reduzida à linguística;
- Com a sua própria enunciação como um todo, com partes isoladas desse todo e com uma palavra nele isolada quando, se de alguma forma, o indivíduo se separa das relações, fala internamente com ressalva, mantendo distância em face destas relações.

Bakhtin (2015) também comenta a possibilidade de relações dialógicas entre outros fenômenos conscientizados³² (relações dialógicas entre imagens de outras artes, por exemplo), desde que possam expressar-se por meio de uma matéria dotada de signo. Diante disso, o autor enfatiza que a bivocalidade presente no discurso é o foco principal de seu exame. É este fenômeno “que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, 2015, p. 211). Tendo em vista essa concepção de discurso bivocal como uma das formas de manifestação das relações dialógicas, Bakhtin (2015) defende, portanto, que é para o fenômeno da bivocalidade que se deve voltar a abordagem metalinguística, uma vez que este tipo de discurso é desconhecido pela linguística de base estrutural.

Morson e Emerson (2008), ao referirem-se à análise bakhtiniana a respeito dos tipos básicos de discurso, comentam sobre a complexidade deste estudo, apresentando, então, um quadro sobre as distinções-chave referentes à discussão de Bakhtin. O esquema³³ abaixo retrata, de forma sintética, a exposição das ideias de Bakhtin sobre os tipos de discurso:

Tipos de Discurso

I. Palavras univocalizadas

³¹ As possibilidades de relações dialógicas entre os aspectos mencionados nos tópicos encontram-se em Bakhtin (2015, p. 210-211).

³² *Fenômenos conscientizados* são aqueles que surgem e se afirmam como realidade por intermédio da materialização em signos, constituindo-se, portanto, como produtos ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).

³³ Este esquema se encontra em Morson e Emerson (2008, p. 163).

- A. “Palavras do primeiro tipo”: Discurso direto, não-mediatizado
- B. “Palavras do segundo tipo”: Discurso objetificado (de uma pessoa representada)
- II. Palavras bivocalizadas: “Palavras do terceiro tipo”
 - A. Palavras bivocalizadas passivas
 1. Palavras bivocalizadas passivas unidirecionais (como a estilização)
 2. Palavras bivocalizadas passivas varidirecionais (como a paródia)
 - B. Palavras bivocalizadas ativas

Morson e Emerson (2008) explicam que as palavras univocalizadas do primeiro tipo correspondem ao discurso monológico e este caracteriza-se por ser direto, imediatizado, ou seja, não há preocupação por parte do falante sobre “a qualidade daquilo de-que-já-se-falou do objeto ou, pelo menos, não de uma maneira que desafie implicitamente a autoridade do próprio discurso deles” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 164). Como exemplo, os autores partem da seguinte situação: membros de uma determinada profissão provavelmente deverão discutir um problema profissional com base na linguagem dessa mesma profissão sem, no entanto, preocuparem-se com a possibilidade de adotar uma outra forma de falar mais apropriada para resolver o problema. Sobre este tipo de discurso, Morson e Emerson (2008, p. 164) comentam que “a possibilidade de outra linguagem da heteroglossia poder ser mais adequada não é levada em conta”.

Já as palavras univocalizadas do segundo tipo correspondem ao discurso objetificado, por meio do qual se pretendem incluir, via narração, as palavras de um personagem, de tal forma que se evidencie a identificação deste “personagem como indivíduo ou como membro de um grupo social” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 164). De acordo com Morson e Emerson (2008), podem-se reconhecer dois centros de discurso neste tipo: as palavras na perspectiva do próprio personagem, o que corresponde ao primeiro tipo de discurso, e as palavras, detectáveis pelo leitor, relacionadas à finalização estética dada pelo autor. Embora haja dois centros de discurso para esse tipo, Morson e Emerson (2008) explicam que, para Bakhtin (2015), esta categoria é classificada como unívoca, já que não há qualquer relação dialógica entre o autor e seu personagem e que, por conta desta inexistência, autor e personagem nunca podem concordar ou discordar entre si.

No que tange às palavras bivocalizadas passivas ou de terceiro tipo, Morson e Emerson (2008) explicam que elas se referem ao discurso cujo falante ou autor detém o controle. Mais adiante, Morson e Emerson (2008, p. 166) ratificam que, neste caso, o falante “usa o discurso do outro para seus próprios fins e, se lhe permite ser ouvido ou percebido, é porque os seus fins o requerem para existir”. O discurso bivocalizado passivo, por sua vez,

classifica-se como unidirecional, em que se enquadra a estilização, e varidirecional, em que se enquadra a paródia.

Sobre o primeiro tipo de palavras bivocalizadas passivas, classificadas como unidirecionais, o estilizador adota o discurso ou o estilo de um falante ou de um escritor que lhe transmita apreciação ou concordância de pensamento. Morson e Emerson (2008) comentam ainda que, na estilização, a construção de um enunciado ocorre de tal forma que se possibilite a transparência da voz do outro. O estilizador, ao adotar a voz do outro, não só concorda como também reforça essa voz. Em contrapartida, a paródia cita a voz do outro de um modo mais severo ou hostil, ou seja, há uma discordância entre a voz do parodista e a palavra do outro, tornando a paródia, por conseguinte, em um campo de luta entre duas vozes. Convém ressaltarmos que a paródia, um caso de palavra bivocalizada passiva, pode transformar-se em uma palavra bivocalizada ativa. Segundo Morson e Emerson (2008), isto ocorre quando, no campo de batalha entre a voz do parodista e a voz do outro, há uma espécie de competição pela hegemonia, e o primeiro já não apresenta o controle sobre o pensamento do outro, permitindo, deste modo, que o discurso torne-se agitado e bifacetado.

Conforme Morson e Emerson (2008) atestam, o interesse de Bakhtin (2015) fundamenta-se, principalmente, na última categoria, referente às palavras bivocalizadas ativas, já que é neste tipo de discurso em que se exibem os mais complexos tipos de dialogização interna como também demonstram de modo mais evidente as limitações da poética e da estilística tradicionais. E é neste tipo de discurso em que se enquadram as *polêmicas discursivas aberta e velada*, objeto de estudo deste trabalho.

Tendo em vista o propósito de nosso trabalho, faremos anteriormente um breve estudo da noção de polêmica para os estudos em Análise do Discurso (AD), mais especificamente a noção de *negação polêmica* para Ducrot (1987), além das noções de *registro polêmico* e de *interincompreensão* para Maingueneau (2015), contrapondo-lhes e/ou lhes complementando à perspectiva de *polêmica* em Bakhtin (2015).

3 BIVOCALIDADE POLÊMICA: UM RECORTE TEÓRICO

“Na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao seu próprio círculo, expressivo e objetual e está indissolivelmente difundido em uma resposta, a uma objeção motivada _ a uma aquiescência. Em certo sentido, o primado pertence à resposta, como princípio ativo: ela cria o terreno favorável à compreensão de maneira dinâmica e interessada” (BAKHTIN, 2014, p. 90).

Este capítulo propõe-se a apresentar alguns dos pressupostos teóricos da noção de *polêmica* para o estudo do discurso, com destaque à abordagem deste fenômeno na perspectiva dialógica proposta por Bakhtin (2015).

Antes de abordarmos a noção de *polêmica* na concepção de algumas teorias do discurso, além da própria noção de polemicidade para Bakhtin (2015), convém apresentarmos brevemente o sentido dicionarial tal como ele é conhecido de modo mais geral:

De acordo com o *Dicionário Online de Português*³⁴, a palavra *polêmica* recebe as seguintes definições: discussão, controvérsia sobre questões políticas, literárias, científicas etc. No entanto, a compreensão do signo ideológico *polêmica*, na sua dimensão discursiva, vai muito além de seu sentido dicionarizado, pois ele está atrelado às divergências entre vozes que perpassam as mais diversas relações sociodiscursivas, e estas mesmas dissonâncias são marcadas por posições axiológicas.

Com base nisso, traçaremos, nos dois primeiros tópicos deste capítulo, um estudo sobre a noção de *polêmica* na sua dimensão discursiva, a partir do pensamento de dois estudiosos da linguagem: Ducrot (1987) e Maingueneau (1997, 2010). Convém ressaltarmos que a nossa abordagem sobre estas propostas será feita à luz da teoria bakhtiniana, destacando o ponto de encontro e desencontro entre estas perspectivas e a visão de Bakhtin (2015) sobre o tema. E no terceiro tópico, apresentaremos a noção de bivocalidade discursiva na visão de Bakhtin (2015), enfatizando o conceito de *polêmica aberta* e de *polêmica velada*, as quais representam as nossas categorias de análise.

³⁴ Esta informação encontra-se no site <https://www.dicio.com.br/polemica-2/> acesso em 20/11/16.

3.1 A NOÇÃO DE POLÊMICA EM DUCROT

Segundo Cabral (2013), a noção de *negação polêmica* para Ducrot (1987) está vinculada à teoria de polifonia da enunciação³⁵ proposta pelo teórico francês, que consiste na inclusão de outros enunciadores por parte do locutor em um dado enunciado. Essas figuras discursivas, por sua vez, apresentam tanto estatutos linguísticos como funções diferentes.

Cabral (2013) explica que, em Ducrot, há uma distinção entre *sujeito empírico*, *locutor* e *enunciador*. O primeiro corresponde ao autor, ao produtor do enunciado. Ou seja, refere-se àquele que produziu de fato um determinado enunciado. O segundo refere-se ao responsável pela enunciação e pelo enunciado. No caso, é aquele a quem se referem às marcas de primeira pessoa. Este, por sua vez, não pode confundir-se com o autor de um enunciado. Segundo Cabral (2013), o locutor é uma entidade linguística e sua palavra pode ser tomada não só por pessoas como também por objetos, animais. Já o enunciador diz respeito aos pontos de vista relativos aos conteúdos que estão presentes em um determinado enunciado. Sobre este terceiro conceito, Ducrot (1987, p. 192) ressalta que “[...] se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras”.

A título de exemplificação sobre estas figuras discursivas, tomemos a seguinte declaração feita pela jornalista Patrícia Poeta na entrevista realizada no Jornal Nacional com a candidata petista Dilma Rousseff³⁶: “*Corrupção não é o único problema. O seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde*”. Partindo do pressuposto de que o telejornalismo orienta previamente as informações apresentadas pelos jornalistas, podemos afirmar que cabe à produção do telejornal em destaque o efetivo papel de sujeito empírico, ou seja, o produtor do enunciado. A jornalista Patrícia Poeta, por sua vez, exerce a função de locutora do enunciado, uma vez que é a ela a quem se atribuem as marcas linguísticas de 1ª pessoa, em suma, a responsável pela própria enunciação e pelo próprio enunciado. Ao produzir o enunciado acima, outros enunciadores são postos em cena, com os quais a locutora Patrícia Poeta pode concordar ou não. Desta declaração podem surgir os seguintes enunciadores:

E1: Corrupção é o único problema;

E2: O seu governo investiu pouco na área de saúde.

³⁵ Segundo Cabral (2013), a polifonia da enunciação, para Ducrot (1987), funciona como um princípio geral que ultrapassa a linguagem em seu sentido estrito, pois, durante a enunciação, o pensamento de um falante é constitutivo do pensamento do outro de tal modo que é impossível separá-los.

³⁶ Esta entrevista foi realizada no dia 18 de agosto de 2014 e corresponde ao nosso *corpus* de pesquisa.

E3: O seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde, mas não é isso o que eu ou as pessoas pensam.

E4: O seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde, mas não é isso o que os dados estatísticos mostram.

É com base, pois, na distinção entre locutor e enunciador, que Ducrot (1987) lança a noção de negação polêmica. Conforme Ducrot (1987, p. 202) afirma, “O locutor L que assume a responsabilidade do enunciado ‘Pedro não é gentil’ coloca em cena um enunciador E1 que sustenta que Pedro é gentil, e um outro, E2, ao qual L é habitualmente assimilado, que se opõe a E1”.

Almeida e Rodrigues (2007), a este respeito, comentam que Ducrot propõe uma sustentação de pontos de vista antagônicos entre E1 e E2. Segundo Almeida e Rodrigues (2007), Ducrot considera a negação polêmica como um fenômeno inerente à própria estrutura da língua.

No que tange à proposta da negação polêmica, Ducrot (1987) cogita a possibilidade de refutação que compreenderia esta teoria apenas como uma conseqüente negação na fala para cada enunciado produzido, ou seja, que todos os nossos enunciados implicam um efeito da negação na fala, levando o nosso interlocutor a pensar sempre o oposto do que afirmamos, sejam os nossos enunciados positivos ou negativos. A fim de se contrapor a essa possibilidade de refutação, Ducrot (1987, p. 203) propõe a teoria da dissimetria dos enunciados positivos e negativos, a qual ele explica da seguinte forma:

Depois de um enunciado “Pedro não é gentil”, pode-se encadear “ao contrário, ele é insuportável”. A que o segundo enunciado é “contrário”? Não ao primeiro tomado em sua totalidade, mas ao ponto de vista positivo que este, segundo penso, nega e veicula ao mesmo tempo. Ora, esta possibilidade de encadeamento é excluída se o primeiro enunciado é positivo.

Almeida e Rodrigues (2007) destacam ainda que, para Ducrot, há um confronto entre o enunciador e o locutor dentro de um dado enunciado, gerando conseqüentemente a presença de um enunciado negativo. Os autores também destacam que, em Ducrot, não se deve confundir o Enunciador E1 com qualquer locutor, pois a atitude positiva contestada pelo locutor (o enunciador E2) é interna ao próprio discurso em confronto.

Brandão (2012) acrescenta que, para Ducrot, o enunciador distingue-se não só do locutor como também do sujeito falante. Sobre o enunciador, Brandão (2012, p. 73-74) comenta que

É a figura da enunciação que representa a pessoa de cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados. [...] Se o locutor é aquele que fala, que conta, o enunciador é aquele que vê, é o lugar de onde se olha sem que lhe sejam atribuídas palavras precisas [...]

Assim, aquele “que fala”, e aquele “que vê” constituem papéis não atribuíveis a um único ser. As atitudes expressas no discurso por um locutor podem ser atribuídas a enunciadores dos quais ele se distancia, “como os pontos de vista manifestos numa narração podem ser os de um sujeito de consciência estranhos para um narrador”.

Sobre essa noção de polifonia, proposta por Ducrot, Guimarães (1986), comenta que nela há uma exclusão da noção de história, considerada fundamental para Bakhtin. Segundo Guimarães, a noção de historicidade, para Ducrot, limita-se ao presente, ou seja, ao exato momento em que a enunciação se realiza, fato considerado contraditório, uma vez que, para Guimarães (1986, p. 179), “A realização de um enunciado é um acontecimento histórico: é dada existência a algo que não existia antes que se falasse e que não existirá depois. É esta aparição momentânea que chamo ‘enunciação’”.

Em suma, a teoria da negação polêmica para Ducrot (1987) manifesta-se como uma das possibilidades de revelar a heterogeneidade linguística. Para o autor francês, a linguagem é constituída da presença de outras vozes no nosso próprio discurso e estas devem se distinguir na enunciação, conforme ele propôs na relação entre sujeito falante ou empírico – locutor – enunciador.

Após a discussão feita sobre a teoria da negação polêmica para Ducrot, convém ressaltarmos a perspectiva dialógica defendida neste trabalho: para Bakhtin (2015), a palavra do EU encontra-se intimamente relacionada à palavra do outro. Essa relação intrínseca não implica necessariamente que haja uma fusão da palavra do EU com a palavra do outro, mas esta palavra tem a propriedade de conservar a sua própria autonomia.

Além disso, a teoria da negação polêmica de Ducrot (1987) limita a análise da polêmica ao plano linguístico (portanto atrelada, em grande medida, à Linguística Estruturalista), já que ele considera este fenômeno como próprio da estrutura da língua. Em contrapartida, Bakhtin (2015) propõe uma abordagem metalinguística da polêmica, pois as relações dialógicas não podem ser dissociadas do campo do discurso, ou seja “[...] da língua como fenômeno social e concreto” (BAKHTIN, 2015, p. 209). Uma abordagem da linguagem apenas no plano do linguístico não pode contemplar um estudo das relações dialógicas, já que estas são impossíveis de ocorrer entre os elementos pertencentes ao sistema da língua (entre os morfemas, por exemplo) ou entre os elementos textuais numa análise puramente estruturalista. Além disso, uma abordagem apenas no plano da língua limita a visão axiológica da polêmica,

pois este fenômeno, na concepção de Bakhtin (2015), é um fenômeno da língua concebida enquanto discurso que, por sua vez, é carregado pelas mais diversas posições ideológicas.

Outra divergência que podemos destacar entre a proposta defendida por Ducrot e a proposta de Bakhtin diz respeito à instauração da voz do outro em um discurso através do fenômeno da polifonia. Enquanto para o autor francês, a polifonia refere-se à presença de outras vozes pelo enunciador em um determinado enunciado com estatutos e funções diferentes, Bakhtin considera que este fenômeno se trata da instauração de outras vozes em um determinado discurso, no entanto estas vozes manifestam-se de modo plenivalente, ou seja, plenas de valor e “em pé de igualdade”.

Entretanto, convém enfatizarmos, por fim, as grandes contribuições de Ducrot para os estudos da língua. Conforme Cabral (2013, p. 208) destaca, “[...] A abordagem de Ducrot nos conduz à compreensão das múltiplas possibilidades que a língua oferece para os mais variados usos de acordo com as intenções com que construímos nossos discursos”. Em suma, para enfatizar a importância desta abordagem na dimensão linguística, Bakhtin (2015) comenta que as pesquisas metalinguísticas devem considerar a linguística assim como devem aplicar os seus resultados. Em outras palavras, “[...] linguística e metalinguística devem completar-se mutuamente, e não se fundir [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 207), uma vez que ambas estudam o mesmo fenômeno (o discurso), ainda que por ângulos diversos.

No subtópico seguinte, abordaremos a noção do termo *polêmica* para Maingueneau (1997, 2010).

3.2 A NOÇÃO DE POLÊMICA EM MAINGUENEAU³⁷

A noção de *polêmica* é discutida por Maingueneau (2010) a partir da vinculação deste termo à noção de *registro*. Segundo Maingueneau (2010, p. 187), *registro* pode ser definido como “[...] qualquer conjunto de traços linguísticos regularmente associados em um discurso, mas que não se caracterizam por ocorrerem em um único gênero”. Ainda conforme o autor, o termo registro é suscetível a diferentes perspectivas de análise. Entre estas perspectivas, Maingueneau (2010) propõe, então, a distinção de registro a partir de três critérios:

- Linguísticos;
- Funcionais;

³⁷ Devemos enfatizar que este capítulo traz uma abordagem mais detalhada sobre a noção de *polêmica* na perspectiva de Maingueneau ao invés da perspectiva de Ducrot, em virtude daquela apresentar mais pontos de convergência com o pensamento de Bakhtin, conforme veremos nesta e na próxima seção.

- Comunicacionais.

De acordo com Maingueneau (2010), os registros relacionados aos critérios *linguísticos* podem pertencer ao campo da enunciação, para o qual o autor cita a tipologia proposta por Benveniste (1966) sobre a relação entre história e discurso; ao campo das estruturas textuais, exemplificada por Maingueneau (2010) com as “sequências” de Adam (1999); ao campo da associação estatística de marcas linguísticas, representada pelos trabalhos de Biber (1988).

Outros registros vinculam-se aos *funcionais*, para os quais Maingueneau (2010) cita o famoso esquema das seis funções de Jakobson (1969).

Os registros do tipo *comunicacional*, por sua vez, é o resultado da combinação entre traços linguísticos e funcionais. Para Maingueneau (2010), os registros do tipo *comunicacional* são os que mais apresentam dificuldade de delimitação, em virtude dos inúmeros fatores envolvidos em uma atividade comunicativa. É exatamente ao registro *comunicacional* que Maingueneau relaciona a noção de polêmico. Maingueneau explica que o *polêmico* não pode associar-se simploriamente aos traços linguísticos dotados de certa violência verbal. Para Maingueneau (2010, p. 189-190), o termo *polêmico*

[...] pertence essencialmente aos “gêneros instituídos”, e não à conversação, à interação oral espontânea. Significativamente, de um ponto de vista lexical, “polêmica” ou “polemizar” se empregam para conflitos nos quais as questões estão situadas além dos indivíduos que interagem. Assim, não se dirá de uma altercação entre motoristas que se trata de uma “polêmica”, mas de uma “discussão” ou de um “bate-boca”. Se há “disputas de catadores” ou “bate-boca de bêbados”, não existem “polêmicas de catadores” ou “de bêbados”. Falar-se-á igualmente dos “bate-bocas de vizinhos”, que, por natureza, raramente se transformam em polêmicas, exceto, precisamente, se encontram certos pretextos e mudam de terreno.

Em outras palavras, “o discurso polêmico é sempre público” (CUSIN, 1980, p. 116) e, ao contrário de uma discussão ou um bate-boca, a *polêmica* estende-se no tempo e supõe uma sucessão de trocas (MAINGUENEAU, 2010). A fim de melhor compreensão do termo em destaque, Maingueneau (2010) propõe uma análise deste conceito com base em três dimensões, dentre as quais apenas uma recobre o que ele define por *registro polêmico*, conforme veremos nos subtópicos a seguir.

3.2.1 A dimensão enunciativo-pragmática

Maingueneau (2010, p. 190) chama de dimensão enunciativo-pragmática do polêmico aquela “que se inscreve no prolongamento da estilística tradicional e que justifica a

exploração didática de um ‘registro polêmico’”. Segundo o autor, há uma ênfase não só nas marcas enunciativas como também na força ilocucional³⁸ da enunciação dentro do discurso.

De acordo com Maingueneau (2010), Kerbrat-Orecchioni (1980) considera que um enunciado polêmico deve tratar-se de um discurso que ataque um alvo. Em outras palavras, o enunciado polêmico deve integrar e rejeitar agressivamente um outro discurso. Esta noção de polêmico relaciona-se à ideia de “tom”, ou “tonalidade” identificável por meio de traços situados em diversos planos. Estes traços podem estar vinculados, então, aos “[...] marcadores do discurso que contribuem para a oposição ou a refutação, em particular os conectores: ‘entretanto’, ‘certamente... mas’[...]” (MAINGUENEAU, 2010, p. 191).

Maingueneau (2010) também ressalta a importância da dimensão teatral da enunciação polêmica, a qual leva em consideração a existência de um terceiro espectador, definido como aquele que rege as normas subjacentes ao debate. Sobre esta dimensão, Maingueneau (2010, p. 192) comenta que

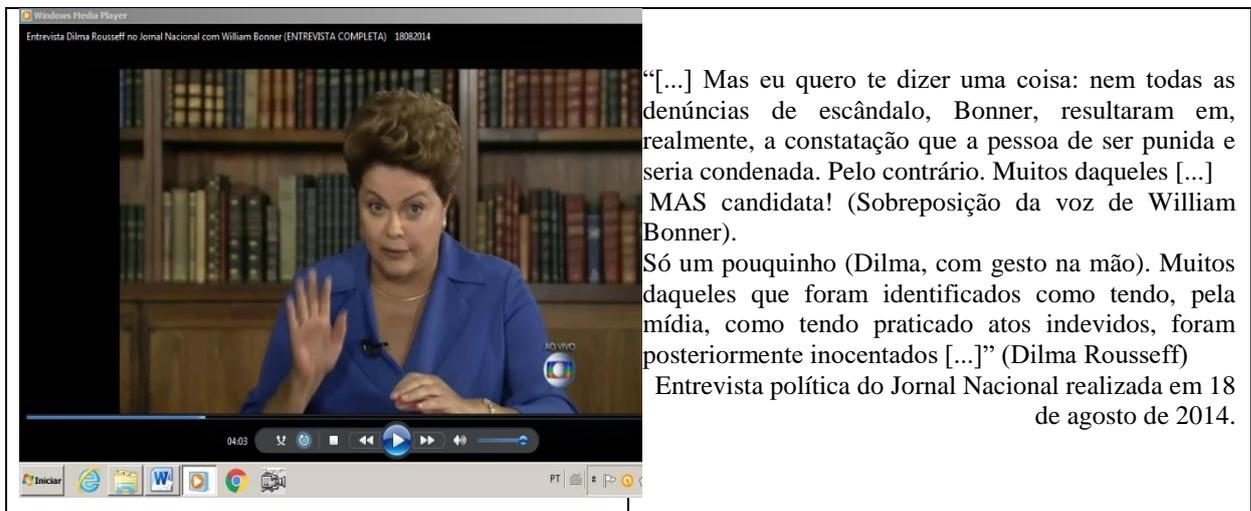
O simples fato de sustentar uma polêmica pressupõe pragmaticamente que há uma crise na comunidade em questão, que os valores que a fundam estão ameaçados. Aliás, é inevitável que, numa polêmica que assume alguma amplitude, por sua ressonância ou por sua duração, os atores tendam a apelar para os fundamentos, indo além do objeto imediato que desencadeou a polêmica.

Maingueneau (2010) destaca ainda a dinâmica das trocas e o caráter de oralidade do polêmico. A fim de esclarecer o primeiro aspecto, ele comenta a semelhança de um texto que inicia uma polêmica a uma blasfêmia: da mesma forma que é necessário que alguém profira um enunciado considerado blasfematório para uma determinada comunidade, uma polêmica instaura-se efetivamente quando provoca uma resposta do locutor. Com efeito, cada enunciatador busca enquadrar sua própria enunciação de um modo que o debate discursivo se volte a seu favor.

Sobre o segundo aspecto, Maingueneau (2010) explica a relação entre a violência exercida na linguagem e a consequente multiplicação das marcas de oralidade. Para Maingueneau (2010, p. 193), “Sempre que uma violência se exerce por meio da linguagem, alguma coisa da ordem do corpo e da oralidade está implicada”. A título de exemplificação, tomemos novamente um fragmento retirado do nosso *corpus* de análise.

³⁸ Austin (1990) chama de ato ilocucionário a realização de um determinado ato (informar, ordenar, prevenir, proibir etc.) ao dizer algo e que apresenta certa força (convencional). Maingueneau (2013) explica que esse tipo de atos apresenta um certo valor pragmático, pois pretende instituir uma determinada relação com o seu destinatário.

Figura 1 – Entrevista do Jornal Nacional com a ex-presidente Dilma Rousseff em agosto de 2014³⁹



Fonte: Fragmento extraído do site <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional-.html>.

Neste fragmento, a candidata Dilma Rousseff responde a vários questionamentos sobre denúncias de corrupção contra seu governo citadas pelo entrevistador William Bonner. Observando a imagem, podemos perceber que, ao ser interrompida pelo jornalista, a candidata faz um gesto e um olhar de desaprovação acompanhado por um enunciado mais informal, “Só um pouquinho”, ao invés, por exemplo, do uso do enunciado “por favor”, considerado como uma marca linguística de maior grau de polidez para quem deseja manter o turno da fala em contextos mais formais. Por fim, faz-se necessário salientarmos que, ao longo desta entrevista, não só interrupções dos turnos de fala e sobreposições de vozes ocorreram, como também enunciados em tom de ironia, provocando, por conseguinte, uma tensão entre entrevistadores e entrevistada.

No próximo subtópico, veremos a importância da tríade quadro comunicacional-gênero-suporte para a instauração de um registro polêmico.

3.2.2 A dimensão sociogenérica

Esta dimensão relaciona-se às práticas discursivas nas quais o polêmico se insere. Segundo Maingueneau (2010), todo texto polêmico vincula-se a um quadro comunicacional, a

³⁹ Print adaptado pela autora.

um determinado gênero que se liga a um determinado suporte, enfim, vincula-se aos contextos nos quais aquele texto foi produzido.

O polêmico, nesta dimensão, relaciona-se às diversas configurações, sejam elas sociais, históricas ou temáticas do conflito. Conforme o próprio Maingueneau (2010, p. 193) comenta: um texto polêmico “se inscreve [...] em uma temporalidade específica, constitui um acontecimento enunciativo que adquire sentido em relação a outros da mesma série”.

Para o estudo do registro polêmico nesta dimensão, Maingueneau (2010) propõe algumas questões as quais não devem ser dissociadas de seu respectivo espaço histórico:

Fluxograma 2 – Configurações do polêmico para Maingueneau

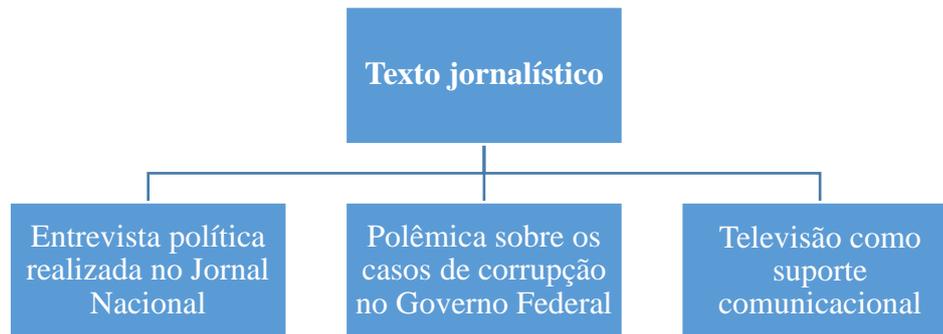


Fonte: Elaborado pela autora.

Maingueneau (2010) cita, por exemplo, os novos tipos de polêmica construídos no formato de folhetim pelas mídias audiovisuais da atualidade. Segundo o autor, este modo de construção da polêmica já não ocorre por meio de textos, mas de pequenas frases as quais ele define por fórmulas performáticas (“A polêmica inflama o partido X sobre...”) que, por sua vez, provocará a reação do interlocutor (“X reagiu vivamente às palavras de Y”). Para Maingueneau (2010), há uma espécie de folhetinização polêmica, direcionada para um determinado público, a qual não pode desvincular-se das suas condições de circulação e de produção.

Consideremos algumas informações retiradas do nosso *corpus* de pesquisa. Tendo em vista os pressupostos teóricos relacionados à dimensão sociogenérica, podemos “desenhar” as seguinte configurações:

Fluxograma 3 – Modelo de Configurações do polêmico



Fonte: Elaborado pela autora.

É necessário enfatizarmos que o gráfico acima não esgota todos os critérios que contribuem a construção do caráter polêmico neste quadro comunicacional. Para a composição deste quadro, elementos devem estar subjacentes: quem são os participantes da entrevista, o contexto sociopolítico e histórico em que esta entrevista se insere, por que este contexto e por que este tipo de gênero discursivo (entrevista midiática televisiva) possibilitam o caráter polêmico das questões levantadas, entre outros.

No próximo subtópico, faremos uma abordagem do registro polêmico em sua dimensão semântica, destacando a importância da identidade para a construção de um conflito.

3.2.3 A dimensão semântica

Segundo Maingueneau (2010), a dimensão semântica diz respeito à identidade do enunciado polêmico. Neste contexto, o autor considera que a interação entre a polêmica e o funcionamento do campo discursivo do qual os posicionamentos em conflito participam deve inserir-se na “construção da identidade semântica dos discursos engajados na polêmica” (MAINGUENEAU, 2010, p. 195).

Assim, a existência da polêmica só é possível quando os sujeitos, em um dado espaço, percebem que os enunciados, com relação a este espaço, são considerados como intoleráveis, de modo a levarem estes sujeitos a um conflito “com a suposta fonte desses enunciados” (MAINGUENEAU, 2010, p. 196). Com base nisto, o analista precisa formular hipóteses fortes sobre a discursividade⁴⁰, o interdiscurso, como também da fronteira constitutiva

⁴⁰ Maingueneau (1997) chama de *discursividade* a atividade discursiva ou a prática discursiva. Para o autor, esta atividade imbrica a articulação entre dois elementos: formações discursivas, e comunidade discursiva, que diz respeito não “unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida” (MAINGUENEAU, 1997, p. 56). De acordo com Maingueneau, é no interior da comunidade discursiva que os textos que dependem das formações discursivas são produzidos.

da identidade. A partir das relações entre discurso e interdiscurso⁴¹, entre as fronteiras e o sentido, as possíveis modelizações para fazer a polêmica serão diferentes.

Maingueneau (2010) coloca ainda em questão a dificuldade de compreender se a relação com o adversário é consequência de um acidente exterior ou se ela é constitutiva da identidade do posicionamento. Para Maingueneau (2010, p. 196),

Se se admite que a relação com o outro é constitutiva, segue-se que as modalidades do polêmico variam em função dos posicionamentos concernidos. Alguns posicionamentos são destinados a produzir incessantemente textos polêmicos; outros se esforçam, ao contrário, para evitar os conflitos, mas tanto em um caso como no outro, este traço é parte integrante de sua identidade.

Maingueneau (2010) explica que, caso se considere essa postura, deve-se minimizar os traços do que seria considerado *o polêmico* e manifestar o interesse, principalmente, pelos diversos posicionamentos no interdiscurso. Com base na citação acima, podemos observar uma ligação entre Maingueneau (2010) e Bakhtin (2014) no que concerne ao caráter dialógico como princípio constitutivo da linguagem. Para Bakhtin (2014, p. 88-89), “O discurso nasce no diálogo como réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”. Assim, o filósofo russo destaca o caráter responsivo da linguagem, ou seja, que todo discurso se orienta para a resposta do outro, e este, por sua vez, não pode esquivar-se perante a palavra do outro sem sofrer a influência da réplica alheia.

Vale também salientarmos que, na concepção do Círculo de Bakhtin, a manifestação dos posicionamentos por parte de um falante é sempre ideológica, ou seja,

[...] a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico _ para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa [...] (FARACO, 2009, p. 47).

Em relação ao estudo da polêmica, Maingueneau (2010) ressalta ainda os modos de integração do adversário, do que ele define por discurso paciente em um discurso agente.⁴²

⁴¹ Segundo Maingueneau (2013), um discurso só apresenta sentido se estiver inserido no interior de um universo de outros discursos, o qual ele denomina de *interdiscurso*. É neste “lugar” por onde um discurso deve traçar seu caminho para que possamos interpretar um determinado enunciado, relacionando-os a muitos outros. Maingueneau (2013) explica, por exemplo, que a simples classificação de um discurso dentro um gênero (a conferência, o telejornal...) é uma forma de “[...] relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero” (MAINGUENEAU, 2013, p. 62).

⁴² Maingueneau (1997) chama de *discurso agente* aquele que se encontra na condição de “tradutor” e de *discurso paciente* aquele que deste modo é traduzido.

Segundo o autor, “Na interação polêmica, esse adversário com o qual o discurso agente se confronta só é acessível sob a forma de um ‘simulacro’, construído sob medida pelo discurso que o incorpora para desqualificá-lo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 196).

Segundo Maingueneau (1997), essa representação da polêmica que apresenta a alternância constante dos papéis de agente e paciente não pressupõe uma oposição unívoca entre duas formações discursivas⁴³. Segundo o autor, esta representação pode recobrir relações diversas, uma vez que o autor defende a inexistência da relação com o Outro que seja independente de sua própria organização semântica. De acordo com Maingueneau (1997, p. 122),

[...] Não existe, pois, polêmica “em si” que possa ser abstraída dos discursos considerados: o discurso constrói, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com outros discursos, os quais lhe permitem estabelecê-la. [...] Na realidade, se a interdiscursividade é constitutiva, uma tal distinção só poderia ser ilusória: se um discurso parece indiferente à presença de outros, é porque, semanticamente, lhe é crucial denegar o campo do qual depende e não porque poderia desenvolver-se fora dele.

Maingueneau (1997) propõe essa teoria com base em seu estudo sobre o espaço discursivo⁴⁴ definido pelo discurso humanista devoto e pelo discurso jansenista⁴⁵. Segundo o autor, o discurso jansenista apresenta-se de modo polêmico e intransigente quase sempre, enquanto o discurso humanista devoto transpassa a imagem de maior tolerância. Maingueneau explica que essa divergência entre ambos os discursos pode ser compreendida se considerarmos que a semântica humanista devota teria o discurso jansenista como uma espécie, entre outras, de devoção, cabendo ao cristianismo o papel de integrar as diversas devoções de uma totalidade harmoniosa. Assim, os partidários do discurso jansenista seriam integrados a esta totalidade, mas sob a condição de não só se representarem tão somente como um dos componentes, como

⁴³ Segundo Foucault (1995), *formações discursivas* pode ser entendido como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (*apud* MAINGUENEAU, 1997, p. 14). Maingueneau (1997) explica que é a partir deste termo que, em uma determinada conjuntura, define-se o que pode e o que deve ser dito, articulando-se sempre a: (...) um panfleto, um programa, um sermão, entre outras.

⁴⁴ Maingueneau (1997) faz uma distinção entre “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo” para especificar a noção de interdiscurso. Segundo Maingueneau, “universo discursivo” corresponde ao conjunto de formações discursivas dos mais diversos tipos coexistentes. O “campo discursivo” equivale ao conjunto de formações discursivas que concorrem entre si, em sentido amplo, e, portanto, delimitam-se por uma posição enunciativa em uma determinada região. Por fim, Maingueneau (1997, p. 117) define o “espaço discursivo” como “[...] um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados”.

⁴⁵ O estudo sobre a polêmica entre os discursos Humanista devoto e Jansenista encontra-se em *Sémantique de la Polemique* (1983), obra que corresponde à parte da tese de doutorado de Maingueneau.

também de não poderem reivindicar o monopólio enunciativo. Essa tentativa do discurso humanista de integrar o Outro (simulacro), no entanto, fracassou, já que o discurso jansenista constituiu-se, mais especificamente, da sua rejeição a esta semântica integradora, formando-se, desse modo, de um sistema de disjunções radicais, desenvolvendo-se, pois, “[...] em um conflito incessante destinado a atribuir ao Outro (humanista devoto) a posição negativa em seu próprio sistema.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 123).

Desse modo, Maingueneau (1997) propõe que essa relação entre dois discursos em condição de delimitação, uma com relação à outra, pode definir-se como um processo de tradução generalizada, ligada ao processo denominado “interincompreensão”. Segundo Maingueneau (1997, p. 120), a interincompreensão pode ser entendida como

[...] Tradução de um tipo bem particular, entretanto, pois ela opera, não de uma língua natural para outra, mas de uma formação discursiva à outra, isto é, entre zonas da mesma língua. [...] Assim, quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro em seu próprio interior, por exemplo, sob a forma de uma citação, ela está apenas “traduzindo” o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias. Num espaço discursivo considerado, o sentido não é algo estável, que poderia ser relacionado a uma posição absoluta, mas se constrói no intervalo entre as posições enunciativas. A “incompreensão”, resultante do mal-entendido e do malogro ocasionais, se transforma em “interincompreensão” porque obedece a regras e estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas [...].

Em outras palavras, Maingueneau (1997, p. 120) define a interincompreensão como “[...] um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo”. Além disso, o autor ressalta a importância dessa incompreensão em um determinado aspecto: “se ela proíbe que um mesmo sentido circule de um sujeito para o outro, ela também possibilita que os sujeitos partilhem o mesmo discurso, ‘falem da mesma língua’” (MAINGUENEAU, 1997, p. 121).

Nesse contexto, podemos constatar a influência do Círculo de Bakhtin (2009) sobre a noção de *tradução* ligada ao processo de *interincompreensão*, proposta por Maingueneau (1997), a partir de dois conceitos: a neutralidade do signo ideológico *palavra*; os conceitos de *significação* e de *tema*. Sobre o primeiro conceito, Bakhtin/Volochínov (2009) explicam que cada um dos demais signos pertencem a um determinado campo específico da criação ideológica, no entanto a palavra, enquanto signo ideológico, moldar-se-á a qualquer função axiológica específica: a científica, a religiosa, a política etc. Sobre o segundo conceito, Bakhtin/Volochínov (2009) chamarão de *significação* aos elementos de uma dada enunciação os quais são abstratos, reiteráveis e idênticos a cada vez que são repetidos. O *tema*, por sua vez, representará o lado concreto, único, não reiterável da enunciação. A este agregam-se tanto os

elementos verbais e não verbais (palavras, estruturas sintáticas, sons, gestos, etc.) de um enunciado como também a situação histórica em que este enunciado foi produzido.

Se compararmos, nesse caso, as propostas abordadas por Bakhtin/Volochínov (2009) e por Maingueneau (1997), observaremos que elas manterão mais uma relação de convergência do que de divergência: na relação com o outro, os enunciados de um determinado falante traduzem-se ou moldam-se axiologicamente de acordo com as suas próprias categorias (MAINGUENEAU, 1997) ou de acordo com as suas apreciações.

Sobre as relações semânticas que explicam as causas das polêmicas, ligadas ao processo de *interincompreensão*, Maingueneau (1997) propõe uma distinção entre dois níveis de apreensão, ambos também atrelados à perspectiva dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin:

1. **Dialogismo constitutivo:** “[...] define as condições de possibilidade de uma formação discursiva no interior de um espaço discursivo” (p. 123);

2. **Dialogismo mostrado:** “[...] diz respeito à interdiscursividade manifestada” (p. 123).

Com base na classificação acima, podemos novamente observar a grande influência do princípio dialógico da linguagem na perspectiva bakhtiniana sobre as ideias de Maingueneau (1997). Ao referir-se a Bakhtin, Maingueneau (1997) explica que há uma primazia do interdiscurso sobre o discurso, o que significa dizer que os discursos não devem ser pensados como se fossem independentes em sua constituição para depois relacioná-los, mas sim que esta relação interdiscursiva é o que estrutura a própria identidade de um discurso. Nesse mesmo sentido, Maingueneau (1997) propõe que é a interação entre formações discursivas (interdiscurso) que deve ser o objeto de pesquisa do analista do discurso, e não uma delas considerada isoladamente. Sobre esta interação entre FDs, Maingueneau (1997, p. 120) explica que

Não se distinguirá, pois, duas partes em um “espaço discursivo”, a saber, as formações discursivas por um lado, e suas relações por outro, mas entender-se-á que todos os elementos são retirados da interdiscursividade. Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do e dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva sua identidade. [...] Dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., mas de um trabalho sobre outros discursos.

Assim, é na relação com o outro que a identidade discursiva se constitui, e cada enunciado de uma FD poderá ser traduzido por um falante de acordo com uma dada situação

interdiscursiva: ora a seu direito, o que significa que esse enunciado pertence ao próprio discurso, ora em seu “avesso”⁴⁶, o que implica afirmar que esse enunciado “[...] marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

Dando prosseguimento à classificação proposta por Maingueneau (1997), o dialogismo polêmico representa, desse modo, uma das modalidades do dialogismo mostrado e desperta grande interesse aos estudos em Análise do Discurso (AD), não só devido ao modo como praticado por diferentes discursos, como também por considerar assuntos de controvérsia. Esses, por sua vez, são previamente levantados a partir de dois domínios: as zonas que foram alvos de ataques, e aquelas que ainda não foram contestadas. No primeiro caso ocorre uma espécie de filtração, por parte do discurso, daqueles enunciados contra ele dirigidos os quais apresentam dificuldade para uma possível resposta. No segundo caso, há uma seleção dos pontos considerados particularmente importantes nos textos dos adversários. Para ambos os casos, o analista define aquelas “escolhas” consideradas reveladoras e que permitem invalidar ou contribuir para a formulação de hipóteses.

Maingueneau (1997) também enfatiza a importância da não dissociação de um determinado ponto em debate do modo como esse é tecido. Para Maingueneau (1997, p. 124), isso implica dizer que “[...] em uma polêmica, todas as dimensões da discursividade podem estar implicadas (a querela pode incidir sobre o *ethos*⁴⁷, a intertextualidade, a *deixis*⁴⁸, etc.)”.

Segundo Maingueneau (1997), a instauração da polêmica não ocorre de imediato, pois a legitimidade desse fenômeno se firma como resultado da repetição de um conjunto de outras polêmicas que determinam a própria “memória polêmica” de uma formação discursiva. Um discurso representa mais que uma memória das controvérsias exteriores a ele próprio. Dessa forma, uma memória polêmica desenvolve-se à medida que o *corpus* de suas próprias enunciações aumenta. Com o tempo, a equivalência de parte da tradição interna com o estatuto da primeira torna-se inevitável, ganhando, portanto, a “autoridade” essencial para as produções de seus enunciadores.

⁴⁶ Nota do autor.

⁴⁷ Segundo Maingueneau (1997, p. 45), entende-se por *ethos* “as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem”. Durante a campanha política da candidata à Presidência do Brasil, Dilma Rousseff, em 2010, podia-se observar que o atual presidente, naquele contexto histórico, Luis Inácio Lula, qualificava-se como um homem que saiu do meio do povo e, portanto, não só poderia como era capaz de manifestar-se como verdadeiro porta-voz das camadas sociais mais desvalorizadas.

⁴⁸ Maingueneau (1997) chama de *deixis* ao conjunto de coordenadas espaço-temporais envolvidas em uma enunciação e cujas referências podem ser explicadas pela relação triangular eu/tu – aqui – agora.

Consideremos, então, as seguintes palavras da ex-presidente Dilma Rousseff, enunciadas durante a entrevista realizada pelo Jornal Nacional no dia 18 de agosto de 2014. Nesse fragmento, retirado do nosso *corpus* de pesquisa, a candidata procura justificar-se perante os entrevistadores William Bonner e Patrícia Poeta a respeito dos casos de corrupção ocorridos em seu governo:

[...] Além disso, nós tivemos uma relação muito respeitosa com o Ministério Público. Nenhum procurador-geral da República foi chamado, no meu governo ou no do Presidente Lula, de engavetador-geral da República. Por quê? Porque também escolhemos, com absoluta isenção, os procuradores [...] (Dilma Rousseff)⁴⁹.

Conforme observamos nesse contexto, o discurso polêmico instaurado pela ex-presidente mobiliza uma série de memórias polêmicas que se deixam transparecer graças a uma manobra discursiva realizada pela petista: ao afirmar que em seu governo nenhum procurador-geral foi chamado de engavetador-geral, Dilma resgata, em seu discurso, a memória polêmica de que, em governos anteriores, os casos de corrupção eram iniciados porém arquivados pela Justiça.

Maingueneau (1997) também ressalta a importância de se atribuir à polêmica as mesmas características referentes à retórica presente nos trabalhos de Perelman (*apud* MAINGUENEAU, 1997). Segundo Maingueneau (1997, p. 125), a polêmica “[...] supõe um contrato entre os adversários e, com, ele, a ideia de que existe um código transcendente, reconhecido pelos membros do campo [...] o que permite decidir entre o justo e o injusto”. Isto implica dizer que o essencial seria a existência de um referencial comum a fim de legitimar “a figura de algum tribunal supremo” (p. 125).

Antes de finalizarmos este subtópico, convém destacarmos alguns pontos de encontro e de desencontro entre Maingueneau e Bakhtin. Enquanto Maingueneau (1997) propõe o fenômeno da *interincompreensão* como processo constitutivo da identidade discursiva, Bakhtin (2016) defende a *intercompreensão* como fator constitutivo da relação com o outro. Segundo ele, toda compreensão é considerada como responsiva, seja ela no plano de um simples diálogo do cotidiano (dois ou mais falantes), seja em um nível mais complexo de um texto maior (um texto literário, por exemplo).

Sobre a teoria da *intercompreensão*, Bibler (*apud* BAKHTIN, 2016, p. 166) comenta que, na perspectiva bakhtiniana,

⁴⁹ Fragmento extraído do site <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional-.html>.

[...] a compreensão em Bakhtin só tem sentido como *intercompreensão* (entre o autor de um texto e seu leitor, seu ouvinte). Neste plano, a compreensão (intercompreensão) pode ser contraposta à explicação unidirecionada (alguém, armado de sua superioridade, ‘explica’; alguém se submete obedientemente a essa ‘explicação’) e à ‘empatia’ sacrificial, à ‘compenetração’ na intenção do autor (quando desaparece o ‘afastamento’ do leitor, quando me fundo com a individualidade do autor e eu mesmo já não existo ou... não existe aquele ‘eu’ que interpreta o outro o texto do outro não interessa a ninguém, é secundário). Para Bakhtin, a ‘intercompreensão subentende que o sentido de qualquer texto consiste justamente em ser ele interrogativo, responsivo, que o próprio texto vive de aspiração a mim ___ àquele a quem o autor se dirige [...] Contudo, também é claro que, ao responder às minhas perguntas [...] e ao me fazer suas perguntas, o autor do texto muda permanentemente (junto comigo), evolui, ou melhor, evolui e aprofunda-se o seu texto. E este é um fenômeno inevitável da compreensão como *intercompreensão*.

Desse modo, Bakhtin (2016) enfatiza o caráter interrogativo e responsivo de todo e qualquer texto. Para Bakhtin, as respostas definem-se como sentido para perguntas: “Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido” (BAKHTIN, 2016, p. 167). Já Maingueneau (1997) considera que o sentido não pode ser considerado algo estável dentro de um espaço discursivo, pois uma formação discursiva traduz o Outro em seu interior a partir de suas próprias categorias, gerando, portanto, o que Maingueneau chama de ‘incompreensão’, como resultado do mal-entendido e do malogro ocasionais. Em síntese, Maingueneau (1997, p. 121) explica que “[...] esta interincompreensão [...] determina que *se deve falar e não se deve compreender* [...]”.

Embora Maingueneau (1997) defenda a noção de *interincompreensão* como fenômeno inerente à interdiscursividade, deve-se reconhecer que esta proposta não deixa de aproximar-se da perspectiva dialógica à medida que ambas consideram a relação do sujeito com o Outro. Em outras palavras, Maingueneau (1997) também reconhece o caráter responsivo da linguagem: a tradução do discurso do outro só é possível quando se mantém a relação entre dois interlocutores em um determinado campo discursivo, ainda que aquela gere um mal-entendido instaurador do conteúdo polêmico.

Vale destacarmos também alguns aspectos da noção de *polêmico* para Maingueneau (1997, 2010) que são pertinentes para uma abordagem das relações dialógicas polêmicas. Assim como Maingueneau (2010), entendemos que a dimensão polêmica relaciona-se à ideia de gêneros instituídos, e não (e unicamente) a uma simples conversação. Dessa forma, Maingueneau (2010) defende que a polêmica relaciona-se a questões as quais estão além dos indivíduos que interagem e que se estende ao longo do tempo.

A noção de dimensão teatral da enunciação polêmica para Maingueneau (2010), que supõe a existência de um terceiro espectador, relaciona-se à ideia de um superdestinatário

para Bakhtin/Volochínov (2009), à medida que consideramos a presença de outras vozes (a voz que representa o bom senso, os valores democráticos, os valores morais, por exemplo) durante um debate, ainda que não estejam no contexto imediato. Por conseguinte, os sujeitos discursivos acabam por recorrer às normas regidas por esse terceiro espectador, já que esses representam o verdadeiro público-alvo a ser atingido pelos interactantes.

No tópico seguinte, discutiremos a noção discursiva de polémica na perspectiva dialógica de Bakhtin (2015).

3.3 BIVOCALIADE POLÊMICA ABERTA E VELADA: UM MODO DE INSERÇÃO DA VOZ DO OUTRO

Segundo Bakhtin (2015), as palavras do outro, quando introduzidas na nossa fala, tendem a revestir-se de algo novo, da nossa compreensão e do juízo de valor, ou seja, tornam-se bivocais. Para Bakhtin, o nosso discurso da vida prática está povoada da palavra do outro. Isso implica afirmar que, durante o processo de interação verbal, as nossas vozes fundem-se ao discurso de outros, permitindo que estes discursos alheios reforcem as nossas próprias palavras. Devido a esse carácter dialogicamente internalizado do discurso bivocal, Bakhtin (2015) propõe que este fenómeno deve ser o objeto principal da abordagem metalinguística, já que é esse discurso que “surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, nas condições da vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, 2015, p. 211).

Sobre esse tipo de discurso, também denominado bivocal ativo, Bakhtin (2015, p. 223-224) explica que

[...] a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas esse discurso a leva em conta e a ela se refere. Aqui, a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta. Assim é a palavra na polémica velada e, na maioria dos casos, na réplica dialógica.

A partir do exposto acima, Bakhtin (2015) denomina de *polémica velada*, doravante *PV*, o fenómeno discursivo bivocal cujo autor dirige seu discurso para o seu objeto, como qualquer outro discurso. Neste contexto, todavia, qualquer afirmação produzida sobre o objeto constitui-se de tal modo que, “[...] além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto” (BAKHTIN, 2015, p. 224). Uma vez orientado para o objeto, o discurso incorpora-se ao próprio objeto com o discurso do outro. O discurso alheio, por sua vez, não se

reproduz, mas fica subentendido. Sobre esse fenômeno, Bakhtin (2015) chama a atenção para o fato de que “[...] a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro” (p. 224).

Conforme Bakhtin (2015), o discurso do outro é repellido na *PV*, e essa repelência não é considerada menos relevante que o próprio objeto a ser discutido e que determina o discurso do autor. Esse fato muda severamente o sentido da palavra, pois um novo sentido une-se ao sentido concreto da palavra: a orientação centrada no discurso do outro. Bakhtin (2015) esclarece que esse discurso não pode ser compreendido em sua essência, considerando-se exclusivamente a sua significação concreta direta. Neste caso, a noção de polêmica de alguns discursos constrói-se com alguns aspectos linguísticos, dentre os quais o autor cita a entonação e a construção sintática como exemplos.

Morson e Emerson (2008) comentam sobre a orientação dupla da *PV*⁵⁰. Nesta, além do discurso do autor dirigir-se parcialmente para o seu objeto de estudo referente, ocorre concomitantemente uma espécie de recolhimento na presença de uma palavra do outro durante o processo de interação verbal, lançando no ouvinte um certo “olhar oblíquo, na expectativa de uma possível resposta hostil” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 171).

Segundo Bakhtin (2015), nem sempre é fácil delimitar uma linha divisória entre a *polêmica velada* (*PV*) e a *polêmica aberta* (*PA*) em um caso concreto, embora reconheça que as diferenças entre ambas são significativas. O autor caracteriza a *PA* como aquela que se orienta para o discurso refutável do outro, ou seja, o seu próprio objeto. Fiorin (2016) comenta que este tipo de discurso⁵¹ se trata do afrontamento entre duas vozes as quais polemizam entre si, de forma que cada uma delas visa a defender uma ideia oposta à outra. Em contrapartida, a *PV* orienta-se “[...] para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto” (BAKHTIN, 2015, p. 224). Com efeito, o discurso do outro inicia o processo de influenciar do interior para o exterior do discurso, tornando o discurso polêmico, portanto, bivocal. No entanto a voz do outro não entra de modo pessoal no discurso, mas “[...] apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação” (BAKHTIN, 2015, p. 225).

A fim de melhor compreendermos a distinção entre *PA* e *PV*, tomemos este fragmento retirado de *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski (*apud* BAKHTIN, 2015). Em

⁵⁰ Morson e Emerson (2008) adotaram o termo *polêmica oculta*, no entanto este trabalho adotará a expressão *polêmica velada*, conforme a tradução de Paulo Bezerra (BAKHTIN, 2015).

⁵¹ Fiorin (2016) adota em sua obra o termo *polêmica clara* para referir-se à *polêmica aberta*. Optamos, porém, pelo segundo termo, conforme a tradução de Paulo Bezerra (BAKHTIN, 2015).

relação a este trecho, Bakhtin (2015) comenta sobre a presença do tom negativo e de palavras indesejáveis utilizadas para dirigir-se ao outro, conforme observaremos a seguir:

Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Dir-vos-ei: os imbecis e os canalhas. Di-lo-ei na cara de todos os anciões, de todos esses anciões respeitáveis, perfumados, de cabelos argênteos! Di-lo-ei na cara de todo o mundo! Tenho direito de falar assim, porque eu próprio hei de viver até os sessenta! até os setenta! até os oitenta! Um momento! Deixai-me tomar fôlego... (apud BAKHTIN, 2015, p. 264).

Segundo Bakhtin (2015), as palavras iniciais da citação acima marcam uma *PV*, uma vez que a palavra do outro, embora esteja presente de modo invisível, não deixa de determinar o estilo do discurso de dentro para fora. Sobre a *PV* apresentada neste início do fragmento, convém ressaltarmos que o discurso do autor, “*Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive além dos quarenta?*”, não se dirige ao discurso refutável do outro, mas ao próprio conteúdo objetual, que é o seu referente. Nesse caso, o discurso do outro encontra-se subentendido, porém age ativamente no discurso do personagem.

A instauração da *PA*, segundo Bakhtin (2015), pode ser observada no meio do fragmento: “*Dir-vos-ei: os imbecis e os canalhas. Di-lo-ei na cara de todos os anciões, de todos os anciões respeitáveis, perfumados, de cabelos argênteos! [...]*”. Em contrapartida ao exemplo da *PV*, a polêmica irrompe-se abertamente nesse segundo caso. Os processos de *nomeação* (imbecis/canalhas) e de *adjetivação* (respeitáveis/perfumados/argênteos) intensificam a instauração da polêmica aberta contra os anciões. Vale lembrarmos que o signo *anciões* pode refratar um posicionamento axiológico de sabedoria, de experiência ou mesmo de autoridade para algumas culturas. Nesse sentido, é para vozes de autoridade que o herói em *Memória do subsolo* lança o seu ataque polêmico: a afirmação do personagem de que há também de viver após os sessenta é uma tentativa de igualar-se a estes respeitáveis e perfumados anciões, embora pertençam a *status* sociais divergentes. Por meio de seu discurso, há uma busca pela atenção do outro diante do sofrimento alheio. Segundo Bakhtin (2015), o discurso em *Memórias do subsolo* pode ser definido como um discurso-apelo, pois, por meio deste, o personagem fala para si e de si mesmo tendo em vista o apelar para o outro, para o mundo.

Após a exemplificação acima e com base no arcabouço teórico exposto, podemos sintetizar o discurso bivocal polêmico na perspectiva dialógica da seguinte forma:

➤ Polêmica aberta (PA): é o discurso bivocal que se caracteriza pela tomada da fala do outro como objeto de refutação. Neste caso, será o próprio discurso do outro que determinará o desenvolvimento do discurso de seu interlocutor;

➤ Polêmica velada (PV): é o discurso bivocal cujo afrontamento entre vozes ocorre por meio do conteúdo semântico, ou seja, o objeto ou referente. Para este tipo de discurso, a voz do outro permanece “fora das fronteiras” da voz do autor, porém o influencia ativamente em seu discurso.

Bakhtin (2015) também destaca a importância do *discurso polêmico* interno na área da literatura para a formação do estilo. Segundo Bakhtin (2015, p. 225), o discurso polêmico interno

[...] discurso que visa ao discurso hostil do outro – é extremamente difundido tanto no linguajar do cotidiano quanto no discurso literário e sua importância é imensa para a formação do estilo. O linguajar do cotidiano incorpora todas as “indiretas” e “alfinetadas”. Incorpora, ainda, todo discurso aviltado, empolado, autorrenegado, discurso com milhares de ressalvas, concessões, evasivas, etc. Esse tipo de discurso se torce na presença ou ao pressentir a palavra, a resposta ou a objeção do outro. A maneira individual pela qual o homem constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela.

A *PV* recebe grande destaque no discurso literário. Segundo o autor, em cada estilo há a presença de um elemento de polêmica interna, pois, no discurso em foco, apreciações, objeções, refletidas pelo ouvinte, leitor, poderão ser sentidas com maior ou menor agudeza. Bakhtin (2015) chama a atenção para o fato de uma réplica de qualquer diálogo dotado de essência e profundidade ser análoga à *PV*. Segundo o autor, todas as palavras relacionadas a essas réplicas e que se orientam para o objeto reagem à palavra do outro ao mesmo tempo e com rigidez, correspondendo-lhe e antecipando-a. Neste processo, tanto o ato de corresponder como o de antecipar penetra profundamente no interior do discurso intensamente dialógico. O autor explica que ocorre uma espécie de reunião e absorção, ao mesmo tempo, das réplicas do outro dentro do discurso.

Bakhtin (2015) acrescenta ainda que, na *PV*, há uma influência ativa da palavra do outro no discurso do autor, “forçando-o a mudar adequadamente sob o efeito de sua influência e envolvimento” (2015, p. 226).

É necessário destacarmos também o fenômeno do *diálogo velado* que, segundo Bakhtin (2015), não deve confundir-se com a *polêmica velada*. A fim de explicar o primeiro fenômeno, o autor parte da seguinte situação: há um diálogo entre duas pessoas e, durante este processo, as réplicas do segundo interlocutor foram omitidas, porém sem comprometer o

sentido geral destas réplicas. As palavras do segundo interlocutor estão, portanto, ausentes, embora deixem seus resquícios que serão determinantes nas palavras do primeiro interlocutor. Bakhtin (2015) ressalta que, embora apenas um dos interlocutores fale, há uma tensão constante neste diálogo, pois todas as palavras enunciadas pelo primeiro interlocutor não só respondem e reagem profundamente ao interlocutor invisível como também sugerem, fora dos seus limites, a palavra suprimida alheia.

Consideremos, então, um fragmento retirado da novela *Gente Pobre*, de Dostoiévski, em que o herói *Makar Diévuchkin* descreve, via correspondência, o seu lar para a sua amada *Várienka Dobrossiélova*:

Eu moro na cozinha, ou seria bem mais correto dizer assim: aqui ao lado da cozinha (mas, preciso lhe dizer, a nossa cozinha é limpa, clara, muito boa) existe um quartinho, pequeno, um cantinho modesto... isto é, para dizer melhor ainda, a cozinha é grande, tem três janelas, de sorte que ao longo da parede transversal há um tabique, de maneira que isso resulta como que em mais um cômodo, um quarto extraordinário; tudo amplo, confortável, tem até janela, e tudo – numa palavra, tudo confortável. Pois bem, é esse o meu cantinho. Bem, mas não vá você pensar, minha cara, que nisso aqui exista alguma outra coisa, um sentido misterioso; que, vamos, se trate de uma cozinha! – quer dizer, eu moro mesmo nesse quarto, atrás do tabique, mas isso não é nada; vivo cá em meu canto, isolado de todos, modestamente, às ocultas. Pus em meu quarto uma cama, uma mesa, uma cômoda, um par de cadeiras, pendurei um ícone na parede. É verdade, existem quartos melhores – talvez até bem melhores, mas o essencial é o conforto; pois eu faço tudo isso pelo conforto, e não vá você pensar que seja por outra coisa (*apud* BAKHTIN, 2015, p. 236).

Sobre esse fragmento, no qual podemos perceber um caso de *diálogo velado*, Bakhtin (2015) observa que cada palavra enunciada por *Diévuchkin* leva, em consideração, as possíveis réplicas de sua interlocutora, embora esta esteja ausente. Por meio de suas palavras, o personagem visa a desfazer, em *Várienka Dobrossiélova*, a imagem de um homem queixoso, que poderia viver sob melhores condições, enfim, visa a desconstruir em sua interlocutora invisível a ideia de desgosto por morar na cozinha. Mais adiante, Bakhtin (2015) comenta que a réplica do outro não existe neste diálogo, porém ela tanto projeta a sua sombra como deixa os seus vestígios sobre o discurso do herói. Este vestígios da palavra do outro deixam-se transparecer, por exemplo, em “[...] Bem, mas não vá você pensar, minha cara, que nisso aqui exista alguma outra coisa, um sentido misterioso; que, vamos, se trate de uma cozinha! [...]”. Bakhtin (2015), explica que a palavra “cozinha” irrompe o acento apreciativo da palavra do outro no discurso de *Diévuchkin*, embora este a deturpe um pouco através da polêmica. Bakhtin (2015) também ressalta que, assim como ocorre com a palavra “cozinha”, a maior parte das palavras presentes neste fragmento caracteriza-se por apresentar dois pontos de vista: o modo

como o próprio personagem as entende e deseja que assim elas sejam entendidas; o modo como o outro pode entendê-las.

Enfim, o discurso bivocal do tipo ativo difere-se constantemente das duas primeiras variedades, consideradas passivas. Para Bakhtin (2015), enquanto a palavra do outro é completamente passiva nas mãos do autor na estilização ou na paródia, por exemplo, a palavra influencia ativamente o discurso do autor na polêmica velada e no diálogo, forçando o autor “a mudar adequadamente sob o efeito de sua influência e envolvimento” (BAKHTIN, 2015, p. 226).

Contudo, Bakhtin (2015) ressalta que, para todas as variedades do tipo passivo, pode ocorrer o aumento do grau de atividade da palavra alheia, ou seja, uma variedade passiva pode irromper-se em uma variedade ativa. Como exemplo, Bakhtin (2015) explica que uma paródia, dependendo do grau de profundidade na palavra do outro que parodia, pode apresentar-se com tons de polêmica velada. Neste caso, a paródia soa de forma mais ativa, tornando-se, portanto, internamente dialógica. Esse discurso, uma vez dialógico, apresenta não só duas vozes (a voz do autor e a voz do outro), mas também dois acentos. A ideia do outro, portanto, já não se reflete sob total domínio da ideia do autor (como ocorre com as variedades do tipo passivo), e a fala deste torna-se inquieta, com apreciações ambivalentes.

Bakhtin (2015) observa, contudo, que todas as variedades (passivas e ativas) por ele levantadas apresentam um caráter abstrato e que de longe esgotam todas as possíveis ocorrências do discurso bivocal e todas as formas de orientação para o discurso do outro. O autor ressalta também que a palavra concreta pode pertencer a diversas variedades, ou seja, “[...] a inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se em discurso orientado para diversos fins, a dialogação interna pode intensificar-se ou atenuar-se, o tipo passivo pode tornar-se ativo, etc. (BAKHTIN, 2015, p. 228). Ademais, as relações exercidas pela palavra do autor com o discurso do outro apresentam um caráter dinâmico, uma vez que a língua, enquanto fenômeno concreto e vivo, é dinâmica.

Para o estudo das polêmicas discursivas na perspectiva proposta por Bakhtin (2015), convém retornarmos à noção de *palavra* enquanto signo ideológico por excelência. O autor defende a inserção da *palavra* como objeto de estudo no campo da comunicação dialógica, uma vez que uma abordagem puramente linguística não apresenta a dimensão real deste fenômeno em sua autenticidade. Sobre este signo ideológico, Bakhtin (2015, p. 232) observa que

[...] A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.

Neste sentido, Bakhtin (2015) ratifica que uma *palavra* nunca se encontra de modo neutro⁵² por um dado grupo de falantes, ou seja, desprovido de acentos apreciativos, de posições axiológicas ou pelas vozes de outros. A palavra, segundo o autor, está repleta do discurso alheio, apresenta-se povoada de elucidações de outros e, durante o processo de interação verbal, “deriva de outro contexto” (BAKHTIN, 2015, p. 232).

Em *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*, Bakhtin (2014) ressalta a capacidade da palavra de ultrapassar seus limites enquanto atividade psíquica e de manifestar-se axiologicamente. Para o autor, a palavra “dirige-se para fora de si própria, pois ela é uma atividade que ama, exalta, denigre, celebra, deplora, etc., ou seja, é uma relação axiologicamente determinada [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 64).

Já em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2009) destacam a palavra como uma verdadeira arena em miniatura na qual se pode observar tanto um entrecruzamento como a luta dos mais diversos valores sociais de orientação contraditória, enfim, um fenômeno ideológico que se expressa “[...] como um produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 67).

Em suma, convém enfatizarmos que o conceito de dialogismo, para Bakhtin, é muito amplo, cabendo à análise de nossa pesquisa o estudo do terceiro tipo de variedade ativa de inserção do discurso do outro: as *polêmicas aberta* e *velada*. Partindo, pois, do pressuposto bakhtiniano de que toda palavra manifesta-se como um espaço de confronto entre as mais diversas vozes sociais, este trabalho pretende analisar as polêmicas discursivas *aberta* (PA) e *velada* (PV) em uma entrevista do Jornal Nacional com a petista Dilma Rousseff, candidata à Presidência do Brasil no ano de 2014 e, para a nossa análise, adotaremos as seguintes categorias:

⁵² Devemos enfatizar que o signo *neutro*, citado nesse caso, não deve ser confundido com o sentido de *neutro* conforme proposto por Bakhtin/Volochínov (2009). No primeiro exemplo, Bakhtin (2015) ressalta que toda *palavra*, por ser o signo ideológico por excelência, estará sempre carregada de apreciações valorativas, de determinados pontos de vista, enfim, de posicionamentos axiológicos. Já no segundo exemplo, Bakhtin/Volochínov (2009) chamam atenção para o fato de que uma mesma palavra poderá adequar-se a todo e qualquer aparelho ideológico (Política, Religião, Ciência, etc.).

Fluxograma 4 – Categorias de análise



Fonte: Elaborado pela autora.

O fluxograma acima nos mostra uma síntese que norteará o percurso metodológico a ser seguido durante a nossa análise. A parte superior do gráfico representa o gênero discursivo em sua dimensão macro (entrevista midiática audiovisual) e em sua dimensão micro (foco no discurso político). Na parte inferior, apresentamos as categorias selecionadas para a nossa pesquisa, na qual consideraremos o estudo do discurso bivocal, com ênfase nas polêmicas aberta e velada. Ao longo de nossa pesquisa, destacaremos também a ocorrência de réplicas dialógicas, uma vez que este fenômeno também favorece a inserção do conteúdo polêmico, bem como a verbo-visualidade, cuja presença torna-se reveladora de posicionamentos axiológicos dos participantes.

Para finalizarmos este capítulo, nós apresentamos, a seguir, esse quadro comparativo com as principais ideias abordadas pelos autores citados ao longo desta seção, a fim de que nós possamos estabelecer uma relação de proximidade e/ou de distanciamento entre as três perspectivas em torno da noção de polêmica:

Quadro 1: Comparação teórica entre Ducrot x Maingueneau x Bakhtin

A noção de polêmica		
Ducrot	Maingueneau	Bakhtin
Vincula-se à teoria de polifonia da enunciação: negação polêmica.	Vincula-se ao registro do tipo comunicacional; tradução ligada ao processo de interincompreensão.	Vincula-se à ideia de discurso bivocal.
Quanto à inserção do outro		
Distinção entre sujeito empírico, locutor e enunciador em um dado enunciado.	Troca de papéis entre discurso agente e paciente, ambos compartilhadores da mesma FD.	Inclusão da voz do outro que age ativamente, determinando a palavra do autor.
Quanto à relação com o outro		
Necessidade de se atribuir alteridade, ou seja, a presença do outro no próprio discurso, como um valor constitutivo da linguagem	A relação com o adversário pode ser constitutiva da identidade do posicionamento.	A palavra do EU encontra-se intimamente relacionada à palavra do outro. Essa relação intrínseca não implica

(ALMEIDA; RODRIGUES, 2007, p. 72).		necessariamente que haja uma fusão da palavra do EU com a palavra do outro, mas esta palavra tem a propriedade de conservar a sua própria autonomia.
Quanto ao auditório		
_____	Supõe a existência de um terceiro espectador.	Supõe a existência de um superdestinatário.
Quanto à relação entre a polêmica e a língua		
Manifesta-se como uma das possibilidades de revelar a heterogeneidade linguística (negação polêmica inerente à língua).	Defende que a noção de polêmica não deve limitar-se aos traços linguísticos; primado do interdiscurso sobre o discurso.	Propõe uma abordagem metalinguística da polêmica, pois as relações dialógicas não podem ser dissociadas do campo do discurso; primado do interdiscurso sobre o discurso.
Quanto à manifestação da polêmica a partir de categorias linguísticas		
Inclusão de enunciados negativos durante a enunciação por parte do locutor.	Presença de marcadores do discurso que podem contribuir para a refutação (elementos conectores com ideia de oposição).	Uso de categorias nominais (nomeação, adjetivação etc.), de elementos conectivos, de certos advérbios, dentre outras, que contribuem para a instauração da polêmica.

Fonte: Elaborado pela autora.

No próximo capítulo, seguiremos nosso estudo com foco em alguns princípios teóricos referentes à dimensão política e midiática propostos Barros Filho (2008) e por Charaudeau (2015a, 2015b). Com isso, apresentaremos o contexto de enunciação do material de análise da nossa pesquisa, o qual será imprescindível para compreendermos a dimensão polêmica em torno das questões debatidas durante a entrevista.

4 O DISCURSO E SEU MODO DE FUNCIONAMENTO NA MÍDIA E NA POLÍTICA

“A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 2014, p. 88).

Como o propósito desta pesquisa é de fazermos uma análise das polêmicas discursivas em uma entrevista política midiática sob a ótica bakhtiniana, este capítulo propõe-se a apresentar alguns dos principais conceitos referentes ao modo de funcionamento do discurso midiático e do discurso político, bem como um quadro geral do panorama do primeiro mandato da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff, durante o período de 2011 a 2014.

Tendo em vista os nossos objetivos, subdividimos este capítulo em 4 tópicos: o primeiro, intitulado de *Discurso midiático: a questão da “objetividade” informativa*, no qual apresentaremos a importância da noção de objetividade para o discurso midiático; o segundo, *Entrevista jornalística e a noção de gênero*, em que faremos uma breve abordagem sobre a entrevista jornalística com destaque para a entrevista política; o terceiro, *O Discurso Político: Definição e Caracterização*, no qual apresentaremos a noção de discurso político além de algumas estratégias fundamentais para o funcionamento deste discurso; e, no último tópico, intitulado de *Contexto eleitoral da vitória de Dilma Rousseff à Presidência do Brasil*, levantaremos alguns dos principais fatos que marcaram a trajetória da eleição da candidata petista no ano de 2010 aos meses que antecederam a sua reeleição no ano de 2014, a fim de melhor compreendermos as questões polêmicas levantadas pelos participantes durante a entrevista a ser analisada no próximo capítulo.

4.1 DISCURSO MIDIÁTICO: A QUESTÃO DA “OBJETIVIDADE” INFORMATIVA

Não há dúvidas sobre a importância das mídias para a modernidade. Vivemos em uma era em que a informação e a comunicação são palavras-chave não apenas para a esfera jornalística como também para as mais diversas esferas da sociedade. Sobre este papel central exercido pelo campo midiático nos dias atuais, Barros Filho (2008, p. 7) assevera que “[...] a mídia faz parte integrante da realidade, elaborando uma visão mediada dessa realidade. Tendo

o poder de, concomitantemente, divulgá-la, [...] a mídia contribui para criar a realidade⁵³ que ela se propõe ‘descrever’”.

No entanto, em que medida as informações veiculadas nas mídias são dotadas de objetividade? Em outras palavras, é possível considerar estas informações midiáticas como verdades incontestáveis? O tema da objetividade inerente às informações veiculadas pelas mídias tem-se tornado cada vez mais controverso. Segundo Barros Filho (2008), esta complexidade referente ao tema ocorre devido às múltiplas demandas metodológicas de análise científica as quais provocam, comumente, os alunos da área da comunicação ou aqueles interessados no assunto. Questionamentos como um texto informativo ser ou não classificado como objetivo, ou a objetividade ser concebida como uma categoria de análise, são exemplos de como essa temática está relacionada à multiplicidade metodológica referente ao estudo em comunicação.

Em virtude dessa controvérsia no que tange à temática da objetividade informativa das mídias e, a fim de sistematizar o pensamento dos doutrinadores da área da Comunicação frente ao tema, Barros Filho (2008) sintetiza uma classificação para a objetividade informativa em dois grupos:

4.1.1 Objetividade impossível ideal-típica

Segundo Barros Filho (2008), essa classificação para a objetividade representa um ideal-tipo, isto é, um conjunto de abstrações que não existem tais como são apresentadas na realidade. Sobre os autores que defendem este pensamento, Barros Filho (2008, p. 20-21) explica que, para eles, “[...] a ‘objetividade informativa’ é um modelo abstrato que, embora não possa ser atingido na sua plenitude, deve significar uma tendência, uma orientação, uma direção a ser buscada em permanência pela informação jornalística”.

Ainda sobre esse conceito de objetividade, Brajnovic (1979) ratifica que a informação mantém uma relação intrínseca com a verdade, com a maior exatidão possível e com a realidade a ser transmitida ou notificada. Deste modo, a verdade é condição para o desenvolvimento da comunicação que, por sua vez é imprescindível para a manifestação da verdade.

⁵³ Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, podemos interpretar do seguinte modo: a mídia busca a reflexão (representação da realidade) e a refração (as diversas interpretações) da realidade a fim de manifestar os seus posicionamentos axiológicos (FARACO, 2009).

Em síntese, o respeito pela verdade informativa, a pressuposição de uma imparcialidade jornalística possível e desejável, a legibilidade dos textos informativos, entre outros, são exemplos de características citadas para a constituição teórica de um ideal-tipo de objetividade. Ou conforme as palavras de Barros Filho (2008, p, 20), “trata-se de uma racionalização utópica”.

4.1.2 Objetividade impossível-indesejável

Segundo Barros Filho (2008), os autores adeptos dessa perspectiva consideram inatingível a concepção de uma objetividade absoluta em virtude de alguns aspectos relacionados à própria especificidade da produção midiática. O fato que serve de base para a informação, por exemplo, é imprevisto, único, e o observador deste fato, não necessariamente experimentado, dará interpretação ao ocorrido de acordo com a sua história, com os seus juízos de valores.

A inacessibilidade à informação objetiva pode também ser explicada a partir das limitações de tempo e de espaço da produção midiática. De acordo com Barros Filho (2008), são inúmeros os fatos que chegam às reuniões midiáticas e que podem gerar uma notícia. No entanto a seleção temática é inevitável, uma vez que a produção de uma notícia dependerá do grau de valoração atribuído pelo jornal.

Outro argumento adotado pelos teóricos dessa perspectiva tem relação com a ideia de notícia enquanto produto real simbólico, ou seja, de algo que se refere a algo que lhe é exterior. Barros Filho (2008, p. 36) explica que, para os autores desta perspectiva, “O texto jornalístico, como qualquer texto de literatura, é um ‘referente’. Assim, todo texto informativo ‘se refere’ a um fato sem ser o próprio fato, daí sua dimensão ficcional”. Neste sentido, o jornal constrói “um mundo ficcional com aparência de mundo real”, no qual articulistas e colunistas exercem, a rigor, o papel de personagens (BARROS FILHO, 2008, p. 37).

Sobre a discussão do tema, convém também ressaltarmos, de acordo com Barros Filho (2008), a noção de “cultura do simulacro”. Para o autor, dá-se este nome à aparente objetividade “do produto informativo veiculado pelos meios de comunicação (p. 49). Estas técnicas da chamada “construção do verossímil” acentuaram-se no Brasil à medida que o campo jornalístico tem visado a distinguir as matérias opinativas (editoriais e artigos assinados) das não opinativas, caracterizando estas, portanto, como simplesmente informativas.

Sobre a relação entre informação e forma do produto midiático, Barros Filho (2008) explica ainda que o segundo elemento exerce o papel de enquadrar toda mensagem e, portanto,

converter-se em mensagem. Com efeito, não só o conteúdo das mensagens como também e, principalmente, as diversas formas as quais os meios de comunicação e seus produtos podem assumir, ganham destaque nas pesquisas em Comunicação.

Nesse sentido, o autor salienta a importância da linguagem e da comunicação como instrumentos imprescindíveis para construir a realidade social, dando destaque para aspectos como o código linguístico (termo adotado pelo autor) e a expectativa da realidade. Segundo Barros Filho (2008, p. 54), a construção da realidade social pode ser definida como “a produção de sentido levada a cabo por todo o processo produtivo, desde a entrada da informação potencial e a canalização temática até a codificação e a formalização do produto informativo”⁵⁴.

Conforme Barros Filho (2008), a informação jornalística está quase sempre marcada pelo código linguístico e nela pode encontrar-se a comunicação não verbal. Barros Filho (2008, p. 54-55) acrescenta que “[...] Quando o apresentador de um jornal televisivo sorri após transmitir uma informação, também está codificando uma mensagem. As mensagens não-verbais interagem com a palavra – os códigos linguísticos – para reforçá-la, alterá-la ou negá-la”⁵⁵. Com efeito, a informação, com uma aparente objetividade, propicia a ocorrência da persuasão, produz um efeito do real, ainda que a correspondência entre o mundo e a notícia não seja, de fato, exata. Sobre este efeito do real, Barros Filho (2008, p. 59) destaca que

Clareza de exposição, simplicidade de estruturas, limitação léxica, velocidade de leitura e atualidade dos temas são algumas características do jornalismo informativo que justificam a objetividade aparente e produzem o efeito real, porque escondem o arbitrário das escolhas que lhes dão origem. O efeito do real, como ilusão do real causada pelo trabalho de formação simbólica, será tanto mais perceptível quanto menos evidente for a mediação do enunciado. Essas características e efeitos ritualizados no consumo acabam por produzir um conjunto de expectativas no receptor que, por sua vez, (re)determinarão o permanente processo seletivo da produção mediática.

Nesse sentido, toda escolha, seja ela no plano temático, sintático ou léxico, será compreendida como lógica para o receptor⁵⁶, portanto produzindo um efeito “objetivo” e capaz de gerar um conjunto de expectativas, dentre as quais a ideia de que as regras da objetividade

⁵⁴ Partindo do pressuposto de que o discurso jornalístico é uma das formas de produto ideológico, a perspectiva adotada por Barros Filho (2008), no que tange ao modo como se dá a *construção da realidade*, vai de encontro à noção de *signo ideológico*, proposta por Bakhtin/Volochínov (2009): por meio deste produto, um sistema midiático, seja ele televisivo, radiofônico, virtual, dentre outros, ultrapassa as fronteiras da realidade a fim de *refletir* e *refratar* o seu posicionamento axiológico sobre a informação veiculada. Neste sentido, não há informação jornalística neutra, pois, em torno dessa refração da realidade, há sempre uma tentativa de “[...] distorcer essa realidade, [...] ou apreendê-la de um ponto de vista específico [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 32).

⁵⁵ Vale destacarmos a importância da relação entre a linguagem verbal e não verbal para a análise dialógica das polêmicas discursivas aberta e velada, objeto de estudo deste trabalho.

⁵⁶ Termo adotado pelo autor.

devem ser mantidas. Por conseguinte, espera-se que a continuidade e a credibilidade da informação estejam garantidas, a fim de que se mantenha um acordo entre produtor e consumidor.⁵⁷

Por fim, convém destacarmos a importância dada pelo autor à noção de *persuasão*, elemento este central para o estudo das mídias. Segundo Barros Filho (2008), a preocupação com este aspecto remonta à Segunda Guerra Mundial, através do trabalho realizado pelo *Institute for Propaganda Analysis*, embora só recentemente o estudo da persuasão informativa tenha adquirido rigor científico. Os estudiosos sobre este assunto preocupavam-se, *a priori*, com os segmentos que buscavam a adesão a um ponto de vista ou a uma ideia. Deste modo, os editoriais, os artigos assinados e principalmente os anúncios publicitários ganharam total destaque, sofrendo exaustivas análises de conteúdo e, por conseguinte, “alterações de visão de mundo, de comportamento etc. A ‘informação pura’, por se tratar de ‘um mero reflexo da realidade’, era entendida como sendo neutra, imparcial” (BARROS FILHO, 2008, p. 66).

No entanto, se a objetividade aparente da informação jornalística relativiza a questão da ética no trabalho das mídias, por outro lado, reforça o papel da persuasão diária através dos meios. Sobre essa aparência da objetividade na informação, Barros Filho (2008, p. 67) comenta que

A mídia constrói um mundo objetivo que, por se impor como o “real” de todos”, não é subjetivamente o “real de ninguém”, impondo-se a todos pela força da violência simbólica que caracteriza a objetividade aparente. Se a eficácia simbólica das palavras só se exerce quando o receptor reconhece o emissor como legítimo, a legitimidade do texto jornalístico advém de um reconhecimento de legitimidade outorgado à imprensa jornalística para que informe. Opera-se um rito de instituição temático que consagra ou legitima um fato como mediático, ou seja, midiaticamente abordável.

Com efeito, quanto menor for a percepção da realidade fenomênica tratada na mídia, maior será a legitimidade jornalística em sua aparente objetividade na percepção do receptor. A objetividade aparente, por sua vez, permite ao receptor a crença de que a mídia é um verdadeiro reflexo da realidade.

Dados os pressupostos teóricos no que tange à aparente objetividade da informação midiática, passemos, então, à abordagem da entrevista jornalística televisiva na perspectiva de Charaudeau (2015a).

⁵⁷ Barros Filho (2008) chama de “pacto de leitura” o consumo controlado por uma delegação de poderes a qual está fundamentada no acordo entre produtor e consumidor. O autor ressalta que a codificação deste acordo “assume sua forma mais acabada com os manuais de redação e de estilo (BARROS FILHO, 2008, p. 59).

4.2 ENTREVISTA POLÍTICA E A NOÇÃO DE GÊNERO DISCURSIVO

Para discutirmos sobre a noção de entrevista jornalística, convém antes destacarmos alguns pontos referentes ao conceito de gênero ou classe textual. Segundo Charaudeau (2015a, p. 204), “Um gênero é constituído pelo conjunto das características de um objeto e constitui uma classe à qual o objeto pertence. Qualquer outro objeto tendo essas mesmas características integrará à mesma classe”. Em se tratando de textos, estes serão definidos como classes textuais ou gêneros textuais. Desse modo, a notícia, a reportagem, a entrevista jornalística, são exemplos de gêneros os quais se enquadram no campo dos gêneros jornalísticos.

Charaudeau (2015a) comenta ainda que, para Bakhtin, a noção de *gêneros* está vinculada às chamadas *classes de linguagem*, por meio das quais Charaudeau (2015a) cita a divisão entre *gêneros primários* (simples) e *gêneros secundários* (complexos). Sobre essa classificação proposta por Bakhtin, Charaudeau (2015a, p. 205) explica que

É a oposição entre textos dialógicos e textos monológicos baseada numa diferença de situação de troca – se essa inclui ou não o direito à alternância do turno de fala; é também a oposição entre oralidade e escrituralidade que se baseia nas diferenças da materialidade linguageira e das condições de produção. Nesse grau de generalidade das classes, coloca-se o problema de saber se as características que as definem são propriedades constituintes ou específicas.

Nesse caso, as propriedades constituintes definem as grandes classes antropológicas, em oposição a outras linguagens ou a outros comportamentos humanos, e as propriedades específicas podem exercer o papel de traços (oralidade, dialogismo, situação espontânea, etc.) que definem um ato de linguagem ou de um texto, embora se reconheça que um conjunto destes traços não sejam o suficiente para definir a constituição de um gênero.

No que concerne à definição de gênero de informação midiática, Charaudeau (2015a) propõe, então, que esta classe textual resultará do cruzamento dos seguintes critérios:

➤ O tipo de instância enunciativa: relaciona-se à origem do sujeito falante além de seu grau de implicação, podendo esta origem ser interna à própria mídia (um jornalista, por exemplo) ou exterior a ela (um político, uma personalidade etc.). É por meio dessa instância que se permite identificar, por exemplo, se um texto é escrito por um representante da política (instância externa) ou escrito pelo diretor de um jornal (instância interna);

➤ O tipo de modo discursivo: é responsável por converter o acontecimento midiático em notícia “atribuindo-lhe propriedades que dependem do tratamento geral da informação” (CHARAUDEAU, 2015a, p. 207). O ato de relatar, comentar e provocar o

acontecimento são imprescindíveis porque são em torno destas categorias que se organizam os modos discursivos, além de possibilitar, por exemplo, a distinção entre uma reportagem, o editorial e o debate;

➤ O tipo de conteúdo temático: representa a categoria que constitui o macrodomínio veiculado pela notícia (temática política, esportiva, cultural etc.). É da combinação entre o modo discursivo e o tema que os diversos subgêneros se distinguem;

➤ O tipo de dispositivo: possibilita as especificações para o texto e nos permite distinguir os diversos gêneros conforme o suporte midiático. Uma entrevista radiofônica, por exemplo, não se confunde com uma entrevista televisionada, em virtude desta apresentar não só as imagens como também as “múltiplas incidências nos papéis desempenhados por entrevistador e entrevistado” (CHARAUDEAU, 2015a, p. 207).

Por fim, os gêneros de informação podem ser definidos como o resultado do encontro das características peculiares de um dispositivo, do grau de compromisso de um sujeito falante e do modo discursivo a ser escolhido. Ademais, em virtude do desdobramento do contrato midiático na tríade *instância da informação – instância do comentário - instância consumidora*, três desafios tornam-se presentes no processo de construção dos gêneros informativos: a visibilidade, a inteligibilidade e a espetacularização.

O desafio da visibilidade possibilita a atenção mais rápida possível sobre as notícias selecionadas pela instância midiática além de permitir simultaneamente que a distribuição temática seja nelas reconhecida. A inteligibilidade contribui para a operação das hierarquizações no tratamento das notícias, sendo estas “tratadas ou como acontecimento relatado ou como acontecimento comentado ou provocado (CHARAUDEAU, 2015a, p. 212). Além disso, é através deste desafio que a encenação verbal⁵⁸, visual e auditiva dão à notícia a impressão de que o conteúdo a ser informado pareça acessível. A espetacularização, por sua vez, contribui para que as diversas encenações, “presentes” nos fatos noticiados, despertem interesse no interlocutor/telespectador.

Nesse sentido, estes desafios mesclam-se intrinsecamente nos dispositivos, sendo estes, contudo, mais interligados do que outros dispositivos à relação triangular constituída pelos desafios abordados.

⁵⁸ Termo empregado pelo autor para se referir à linguagem verbal.

4.2.1 Entrevista jornalística

Segundo Charaudeau (2015a), o subgênero informativo *entrevista* pode ser definido como uma situação dialógica que pressupõe “uma troca linguageira na qual os dois parceiros estão fisicamente presentes um diante do outro e têm direito a uma alternância nos turnos de fala” (CHARAUDEAU, 2015a, p. 214)⁵⁹. Ao contrário do bate-papo e da conversa, a entrevista exige uma distinção de *status* entre entrevistador e entrevistado, estando o primeiro na legítima posição de questionador, e o segundo na posição de “questionado-com-razões-para-ser-questionado” (p. 214)⁶⁰. Por conseguinte, a alternância dos turnos de fala torna-se regularizada e controlada pelo entrevistador e de acordo com as finalidades da entrevista.

Sobre a entrevista jornalística, Charaudeau (2015a, p. 214-215) explica que

[...] possui as características de qualquer entrevista, mas, além disso, ela é especificada pelo contrato midiático: entrevistador e entrevistado são ouvidos por um terceiro-ausente, o ouvinte, num dispositivo triangular. O primeiro tira sua legibilidade de um “Procurar fazer falar seu convidado para revelar uma verdade oculta”, pelo fato de que seu papel consiste em fazer surgir opiniões, o segundo de um “Tenho algo a dizer que concerne ao bem comum”, pelo fato de que sua presença [...] o consagra nesse papel; o terceiro de um “Estou aqui para ouvir alguma coisa de interesse geral que me seja dada como uma revelação”, pelo fato de que ele está ali para saber.

A partir desses pressupostos teóricos, Charaudeau (2015a) propõe algumas variantes da entrevista, dentre as quais focalizamos a entrevista política, em virtude do grau de importância desta variante para este estudo.

Segundo o autor, essa subcategoria define-se “pelo propósito de concernir à vida cidadã, e pela identidade do entrevistado (CHARAUDEAU, 2015a, p. 215). O convidado, por sua vez, exerce o papel de um ator representante de si mesmo ou de um grupo em nome da política ou cidadania, o qual apresenta um determinado poder de decisão ou de pressão. Mais adiante, Charaudeau (2015a, p. 215) explica que

Ele [o entrevistado] sabe que o que disser será interpretado de maneiras diversas, razão pela qual não pode se permitir dizer as coisas como ele pensa. O entrevistador, por seu turno, tenta tirar do convidado o máximo de informações e fazer aparecer as

⁵⁹ Charaudeau (2015a) explica que o bate-papo e a conversa também são definidos como situações dialógicas, distinguindo-se da entrevista pelo modo de regular a alternância nos turnos de fala. O bate-papo supõe uma igualdade de *status* entre os interlocutores e que ambos tratem do mesmo tema, permitindo, deste modo, uma certa regularidade na alternância dos turnos de fala. Já a conversa caracteriza-se por não exigir nada de peculiar dos participantes, além de não apresentar necessariamente um controle regular nas mudanças de turno.

⁶⁰ Durante a nossa análise, observaremos que a seleção de perguntas pelos entrevistadores William Bonner e Patrícia Poeta não só estará vinculada ao posicionamento valorativo da emissora da TV Globo, como também terá, por objetivo, desconstruir o discurso da entrevistada com base em diversos assuntos polêmicos em torno de seu Governo.

intenções ocultas deste, com o auxílio de um jogo de questionamento sutil e alternando, ou misturando, falsa inocência, falsa cumplicidade, provocação, e trazendo à luz as posições contraditórias do convidado; mas ele deve, sobretudo, parecer sério e competente, mostrando que conhece bem o domínio em questão.

A entrevista política define-se, então, como um gênero que pretende dispor, à opinião pública, uma série de fatores que justifiquem a escolha de um entrevistado como autoridade para representar um grupo político em uma dada entrevista. Ou como Charaudeau (2015a, p. 215) acrescenta: a entrevista política baseia-se num “é-preciso-dizer-a-qualquer-preço”.

Charaudeau (2015a), por fim, traz a discussão a respeito da credibilidade em torno da entrevista jornalística, principalmente no que tange ao subgênero político. Segundo o autor, há uma mecânica consideravelmente previsível em relação às perguntas e às respostas para esta dinâmica ser credível, ou seja, possibilita-se ao público-alvo o conhecimento antecipado das perguntas e respostas: “perguntas provocadoras mas pouco convenientes do entrevistador, com direito de resposta difícil de levar a bom termo, respostas de defesa, de esquiva ou de contra-ataque do entrevistado, quer sejam governantes no poder ou membros da oposição (CHARAUDEAU, 2015a, p. 217).

Com base nessas palavras de Charaudeau (2015a), retomemos à concepção de discurso polêmico interno⁶¹ na perspectiva de Bakhtin (2015) no que diz respeito ao efeito provocado por esse discurso no interlocutor. Segundo Bakhtin (2015), essa orientação discursiva caracteriza-se por se torcer na presença da resposta ou da objeção do outro, tendo em vista uma possível resposta hostil do interlocutor durante a interação verbal. Essa característica poderá ser observada durante a nossa análise, pois, em alguns contextos da entrevista selecionada, tanto os entrevistadores como a candidata entrevistada “quebram” o protocolo das regras em relação ao tempo determinado para cada participante expor a sua fala. Poderemos também observar, assim como explica Charaudeau (2015a), a apresentação antecipada do teor das perguntas a serem discutidas durante a entrevista, no entanto não com a finalidade de levar ao público-alvo o conhecimento sobre as propostas de Governo da candidata, mas sim de envolver a entrevistada num verdadeiro embate discursivo no qual a mesma terá que, muitas vezes, defender-se ou esquivar-se.

No tópico seguinte, apresentaremos alguns dos conceitos-chave voltados para o discurso político, bem como o seu funcionamento enquanto prática social.

⁶¹ Alusão à polêmica velada na perspectiva de Bakhtin (2015).

4.3 O DISCURSO POLÍTICO: DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Segundo Pinto (2006), o *discurso político* apresenta espaços clássicos para a enunciação⁶². Contudo, durante as campanhas eleitorais, este discurso ultrapassa os limites dos locais tradicionais de enunciação e, por conseguinte, tornamo-nos enunciadores de discursos políticos. Todo eleitor, ao votar, torna-se um construtor do *discurso político*, e a política se concretiza por intermédio de nossa fala.

Partindo deste pressuposto, o termo *discurso político* não deve ser definido apenas para se referir a um pronunciamento de texto formal, embora não haja problema na relação entre esses dois termos. No entanto, quando se trata de uma Teoria do Discurso, deve-se considerar o processo de produção e circulação e o papel exercido pelos interlocutores no ato de comunicação.

Desse modo, o termo *discurso* pode ser entendido, em princípio, como uma teoria de fixação de sentidos, precária e diametralmente exitosa: precária, devido à ameaça de ser constantemente desconstruída; exitosa, por conter uma continuidade histórica. Quanto ao *discurso político*, Pinto (2006, p. 80) concebe como “uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa”. Para isto, a autora observa a disputa sobre os significados de determinadas “noções” como “esquerda”, “direita” entre outras, cuja urgência faz-se amplamente perceptível durante as campanhas eleitorais.

Em suma, tomaremos o termo *discurso político* sob a ótica discursiva, a qual considera imprescindíveis não só o processo pelo qual se concretiza o fazer político, como também a atuação dos interlocutores enquanto sujeitos do discurso político. Neste sentido, compreendemos também a noção de *discurso político* com base na concepção de *discurso* para Bakhtin (2015), segundo o qual devemos ter em vista “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 207).

Após a exposição da perspectiva de *discurso político* para este trabalho, nós apresentaremos, na próxima seção, os espaços nos quais ocorre o fazer político, na visão de Charaudeau (2015b).

⁶² O discurso político pode formar-se na palavra dos governantes, nos judiciários, nos legislativos, etc.

4.3.1 Os Espaços de Fabricação do Discurso Político

Segundo Charaudeau (2015b), não há política sem discurso. Isso ocorre porque a linguagem é o fator motivador da ação, ao passo que também a orienta e lhe dá sentido. Para Charaudeau (2015b, p. 39),

[...] a política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso.

Desse modo, o autor defende que é a situação comunicativa que torna político um determinado discurso. Para a manifestação do pensamento político, o autor enfatiza que este pensamento não se reserva apenas aos responsáveis pela governança, mas a produção do sentido é resultado da interação entre os participantes. Assim, o autor propõe a distinção de três lugares de fabricação desse pensamento, os quais correspondem, respectivamente, aos seguintes lugares: “um lugar de elaboração dos sistemas de pensamento, um lugar cujo sentido está relacionado ao próprio ato de comunicação, um lugar onde é produzido o comentário” (p. 40).

Segundo Charaudeau (2015b), o discurso político como *sistema de pensamento* é o produto de uma atividade discursiva que visa à fundação de um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos. É por intermédio desse sistema que se determinam as filiações ideológicas e, para isso, uma análise do discurso deve se dedicar a fim de descrevê-los a partir de textos diverso.

Quanto ao discurso político como *ato de comunicação*, Charaudeau (2015b, p. 40) afirma que este “[...] concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos”. Esse discurso é resultado de aglomerações que organizam parcialmente a ação política e constroem imaginários de filiação comunitária, mais em nome de um comportamento comum, ao invés de um sistema de pensamento, embora este perpassse o comportamento. Neste espaço, “o discurso político dedica-se a construir imagens de atores e a usar estratégias de persuasão e de sedução, empregando diversos procedimentos retóricos”⁶³.

⁶³ Charaudeau (2015b) destaca que os meios discursivos propostos por Aristóteles os quais influenciam o auditório são: o *logos*, referente ao domínio da razão e que torna possível convencer; o *ethos* e o *pathos*, referentes ao domínio da emoção e que “tornam possível emocionar” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 113).

Sobre o discurso político como *comentário*, Charaudeau (2015b, p. 40) explica que este tipo de discurso não necessariamente se volta para um fim político, mas ele “[...] inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo da ação política: é um discurso a respeito do político, sem risco do político”. O autor ressalta mais adiante que

[...] um discurso de comentário tem por particularidade não engajar o sujeito que o sustenta em uma ação. Ele pode ser revelador da opinião do sujeito que o comenta, mas sem que se saiba necessariamente qual é o seu grau de engajamento em relação àquela (CHARAUDEAU, 2015b, p. 41).

Esse conceito explica por que muitas discussões políticas tomam rumos diversos sem que consigam fixar uma opinião ou tomar uma posição. No entanto, Charaudeau (2015b) esclarece que, embora haja uma grande dificuldade para determinar este discurso, isto não significa que o discurso político como *comentário* deva escapar à análise.

Em suma, Charaudeau (2015b) enfatiza que o discurso político pode manifestar-se tanto *intragoverno*, o qual corresponde a um desafio de ação em que a palavra política se realiza de modo performativo a fim de poder governar com os parceiros diversos, quanto *extragoverno*, que se refere a “[...] um desafio de deliberação no qual a palavra circula entre esses mesmos parceiros sem que estes tenham poder de decisão” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 41).

No entanto, o autor enfatiza que, tanto no plano do *intragoverno* como do *extragoverno*, a linguagem se aliará à ação, de modo recíproco, conforme as palavras de Arendt (1983, p. 235):

[...] sem o acompanhamento da linguagem, a ação não perderia somente seu caráter revelador, ele perderia também, por assim dizer, seu sujeito; não haveria homens, mas robôs executando atos que, humanamente falando, permaneceriam incompreensíveis. A ação muda não seria mais ação, pois não haveria mais ator e o ator, este fazedor de atos, não é possível se ele não for, ao mesmo tempo, fazedor de palavras. A ação que ele começa é revelada humanamente pelo verbo, e ainda que possamos perceber seu ato em sua aparência física bruta sem acompanhamento verbal, o ato não adquire um sentido senão pela palavra na qual o agente identifica-se como ator, anunciando o que ele faz, o que ele fez, o que ele quer fazer.

Desse modo, linguagem e ação são vistos como dois fatores indissociáveis, uma vez que não há linguagem sem ação e, por conseguinte, esta não teria sentido, pois o sentido da ação se adquire por intermédio da palavra⁶⁴.

⁶⁴ Ressaltamos o pensamento de Bakhtin (2014) a respeito desta força geradora da palavra: “[...] ela uma atividade que ama, exalta, denigre, deplora, etc., ou seja, é uma relação axiológicamente determinada” (BAKHTIN, 2014, p. 64).

Quanto à relação entre os lugares de fabricação do discurso político, Charaudeau (2015b) explica que eles não estão dissociados uns dos outros, pois o discurso social circula e se difunde no interior dos grupos que o constituem, como também para outros grupos, de modo que ele se transforme até perder seus dados de origem.

Assim, o discurso político pode ser construído de modo rigoroso na tentativa de elaborar um sistema de pensamento; após esta etapa, o discurso se manifesta em diferentes situações de comunicação, perpassando comunidades diversas de opinião, até insinuar-se nos comentários; este mesmo discurso “volta às vezes ao seu ponto de origem e reaparece em outras épocas, mas se reconstruindo de forma diferente” (p. 42).

Charaudeau (2015b) acrescenta ainda que, independentemente de seu lugar de aparição, o discurso político “não constitui um ornamento da conduta política”, mas é “[...] constitutivo do político [...]” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 42). Este discurso une-se intrinsecamente à organização da vida social como governo e como discussão, para o melhor e para o pior. Charaudeau (2015b, p. 43) afirma que o discurso

É ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação, de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação, o que tornaria mais justo falar dos discursos do conceito político do que do discurso político.

Ao se referir ao conceito de política proposto por Rosanvallon (2000), Charaudeau (2015b) explica que o fenômeno da política seja tanto uma modalidade de existência da vida comum quanto um modo da ação coletiva que se diferencie, de forma implícita, do exercício da política. Já a prática política estaria vinculada, de modo mais particular, à gestão da vida coletiva na qual diferentes instâncias (de governança e cidadania) estivessem implicadas, e “que regulam suas relações mediante um jogo de poder e contra-poder” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 45).

Charaudeau (2015b) explica que tanto o conceito de política como a prática política são duas noções de reciprocidade dialética, pois “[...] a prática política não pode ser concebida sem os princípios do conceito político que a funda, e o conceito de política não teria razão de ser se não fosse colocado à prova pela prática política que, em contrapartida, o questiona” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 45).

Sobre esta prática política, Charaudeau (2015b) destaca ainda que, no plano da linguagem, deve-se haver um lugar em que o discurso político se inscreve, principalmente em que ocorre o encontro entre opinião e linguagem, conforme veremos na próxima seção.

4.3.2 O Duplo Fundamento do Discurso Político

Para Charaudeau (2015b), o discurso político é resultado de uma mistura sucinta entre a palavra responsável por fundar a política e a palavra que deve gerenciar a política. Nesse caso, a análise do discurso deve preocupar-se com todos os componentes constituintes do fenômeno político (fatos políticos, sociais e jurídicos etc.) ao passo que estes componentes deixam traços discursivos, o que significa afirmar que a análise desse discurso é um campo vasto e complexo, mas também ela não pode limitar-se às ideias veiculadas pelos discursos. O autor acrescenta ainda que “[...] o discurso das ideias se constrói mediante o discurso do poder, o primeiro pertencendo a uma problemática da verdade [...] e o segundo a uma do verossímil (dizer ao mesmo tempo o Verdadeiro, o Falso e o Possível)” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 46).

É com base nisso que os estudos sobre o discurso político se orientam para dois direcionamentos: um, para os conteúdos do discurso, e o outro, para os mecanismos da comunicação. Contudo, o autor esclarece que a análise do discurso político preocupou-se mais, até o momento, com os conteúdos discursivos ao invés dos mecanismos de comunicação, devido à importância atribuída pelo jogo político aos sistemas de pensamento. Charaudeau (2015b) verifica que o discurso político, embora seja uma combinação entre *logos*, *ethos* e *pathos*, deslocou-se do lugar do *logos* para o lugar do *ethos* e do *pathos*, além de deslocar-se do lugar do teor dos argumentos para preocupar-se com o de sua própria encenação. Desse modo, “[...] o discurso político mostra mais sua encenação que a compreensão de seu propósito: os valores de *ethos* e de *pathos* terminam por assumir o lugar de valores de verdade” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 46).

Charaudeau (2015b) também enfatiza que esses dois modos de abordagem do discurso político são inseparáveis, pois, como o próprio autor afirma,

Efetivamente, se é verdade que o pensamento pode ter em si influência, ocorre que ele pode igualmente ser mascarado por procedimentos de comunicação empática tais que, ao final dessas manipulações comunicativas mais ou menos voluntárias, se constroem outras formas do pensamento político.

É com base em alguns desses procedimentos de comunicação que seguiremos no próximo subtópico.

4.3.3 As estratégias do Discurso Político

Para Charaudeau (2015b), a política representa um domínio de prática social, ou seja, nela se enfrentam relações de forças simbólicas as quais objetivam à conquista e à gestão de um poder. Além disso, a política, enquanto prática social, só pode ser efetivada mediante a condição mínima de seu fundamento com base em uma legitimidade adquirida e atribuída. Mas, para isso, convém que o sujeito político utilize estratégias de persuasão⁶⁵, a fim de garantir o maior número de indivíduos com os quais ele partilhe valores específicos, em outras palavras, de articular opiniões a fim de estabelecer um consenso.

Charaudeau (2015b) explica que o político pode encontrar-se em uma dupla posição, pois ele tanto “[...] deve convencer todos da pertinência de seu projeto político [...]”, como “[...] fazer o maior número de cidadãos aderirem a esses valores” (p. 79). O autor propõe que o político construa uma dupla identidade discursiva:

- 1) Uma, correspondente ao conceito político, enquanto espaço de constituição de um pensamento referente à vida dos homens em sociedade;
- 2) Outra, correspondente à prática política, espaço das estratégias da gestão do poder.

Charaudeau (2015b) também acrescenta que a primeira corresponde ao posicionamento ideológico do sujeito do discurso, enquanto a segunda constitui a posição do sujeito no processo comunicativo. Sob essa perspectiva, conclui-se que essa identidade discursiva se caracteriza pela relação *Eu-nós*, uma identidade do singular-coletivo.

Sobre essa relação, Charaudeau (2015b, p. 80) afirma que

O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um Terceiro, enunciador de um ideal social. Ele estabelece uma espécie de pacto de aliança entre estes tipos de voz – a voz do Terceiro, a voz do Eu, a voz do Tu-todos – que terminam por se fundir em corpo social abstrato, frequentemente expresso por um Nós que desempenha o papel de guia [...].

Convém, pois, que o político saiba inspirar credibilidade em seu público-alvo, para que este possa reconhecer naquele “[...] a imagem ideal do chefe que se encontra no imaginário coletivo dos sentimentos e das emoções” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 80-81).

⁶⁵ Tendo em vista o conhecimento de que há um vasto número de estratégias a serem adotadas na política a fim de persuadir o público-alvo, enfatizamos que não faz parte de nossos objetivos a apresentação de um levantamento aprofundado destas estratégias, mas citaremos apenas alguns exemplos que serão relevantes para o nosso estudo.

Charaudeau também (2015b, p. 82) ressalta que a garantia da credibilidade do público-alvo pelo político dependerá de vários fatores:

[...] de sua própria identidade social, da maneira como ele percebe a opinião pública e do caminho que ele faz para chegar até lá, da posição dos outros atores políticos, que sejam parceiros ou adversários, enfim, do que ele julgar necessário defender ou atacar: as pessoas, as ideias ou as ações.

Para isso, o autor explica que o político deve estar atento quando a opinião pública lhe é favorável, desfavorável ou incerta; o político deve ajustar seus discursos a esses tipos de público; deve ainda compreender “[...] que eles podem se sobrepor uns aos outros, gerando efeitos perversos” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 83).

Em suma, para garantir a dominação legítima sobre às massas populares, é preciso que o político recorra aos discursos “[...] que tentam suscitar uma paixão comum voltada para um homem ou um projeto” (CHARAUDEAU, 2015b, p. 83). O político, como afirma Charaudeau, deve recorrer as mais diversas estratégias disponíveis a fim de que o maior número de cidadãos possa aderir as suas ideias, ao seu projeto político.

Partindo do pressuposto de que o contexto socio-histórico é imprescindível para uma análise discursiva na perspectiva dialógica, faremos, a seguir, um levantamento geral dos bastidores em torno da eleição da petista Dilma Rousseff à Presidência, bem como os altos e baixos que marcaram a trajetória da Presidente no período de 2010 a 2014.

4.4 CONTEXTO ELEITORAL DA VITÓRIA DE DILMA ROUSSEFF À PRESIDÊNCIA DO BRASIL

Em 31 de outubro de 2010, a candidata petista Dilma Rousseff vence o segundo turno e é eleita ao cargo de Presidência do Brasil. Com uma vitória de 56% dos votos válidos sobre o seu adversário José Serra, candidato do PSDB, a ex-ministra da Casa Civil entra para a história ao tornar-se a primeira mulher a ocupar o cargo supremo do país⁶⁶. Além da vitória, Dilma teria uma vantagem não adquirida pelo ex-presidente Lula: um Congresso Nacional composto por mais de 350 parlamentares a seu favor, o suficiente para provocar mudanças na Constituição. Em contrapartida, a candidata eleita terá que lidar com a força de uma oposição forte constituída por parlamentares do PSDB, principalmente em São Paulo e nas Minas Gerais, os dois maiores colégios eleitorais do país. Embora pouco conhecida pelos brasileiros, a nova

⁶⁶ Fonte retirada do site <http://veja.abril.com.br/politica/uma-mulher-no-planalto-dilma-e-eleita-presidente/>

presidente precisaria enfrentar o desafio de substituir o presidente mais popular da história do país e ganhar autonomia para conquistar a simpatia do povo.

Com base nessas informações que envolvem a vitória da candidata petista, apresentaremos, no próximo subtópico, uma síntese de alguns dos principais acontecimentos que marcaram o primeiro mandato da candidata petista Dilma Rousseff.

4.4.1 Quadro político do primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff

Este subtópico tem, por objetivo, apresentar o panorama de algumas decisões políticas e econômicas ocorridas durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff, período compreendido entre os anos de 2010 e 2014.

Essas informações tornam-se pertinentes para o nosso estudo, uma vez que em nosso *corpus*, ou seja, na entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2014, alguns desses acontecimentos que marcaram o seu governo serão citados, além de serem decisivos para a instauração de uma polêmica.

Para a constituição desse quadro-resumo, tomaremos as informações coletadas por Moreno (2017), o qual selecionou não só dados políticos referentes ao governo petista, como também o contexto histórico contemporâneo ao governo de Dilma Rousseff. No entanto, convém ressaltarmos que, neste subtópico, atender-nos-emos a apenas alguns dos fatos políticos ocorridos durante este governo.

Quadro 2 - Quadro político do primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff

Resumo do governo-Dilma durante o primeiro mandato (2011 a 2014)
<ul style="list-style-type: none"> • Dilma Rousseff torna-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente do Brasil; • Com o escândalo de Furnas e sua direta implicação sobre o deputado Eduardo Cunha (PMDB), Dilma nomeia um novo presidente para o órgão, ligado a José Sarney, também do PBDB; • O vice-presidente Michel Temer torna-se alvo de processo no STE por suspeita de recebimento de propina de uma empresa com interesses voltados para o Porto dos Santos (SP); • Antonio Pallocci deixa a Casa Civil; • Através de troca, os petistas Luiz Sérgio e Ideli Salvatti assumem, respectivamente, o ministério das Relações Institucionais e Pesca; • Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes e presidente do PR, demite-se de seu cargo devido a denúncias de corrupção e superfaturamento de contratos; • A fim de proteger e desenvolver as indústrias de calçados, confecções, móveis e software no Brasil, Dilma adota nova política porém veta o aumento real para aposentados em 2012; • Em meio às crises por conta de denúncias de corrupção, o ministro do Trabalho Carlos Lupi se afasta do cargo; • O chefe do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) Albert Gradvohl é demitido, provocando um embate entre Dilma e o PMDB; • Supremo decide que a Lei da Ficha Limpa deve valer para as eleições em 2012; • Dados mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) desacelera de 7,5% em 2010 para 2,7% em 2011;

- Dilma demite Afonso Florence do Ministério do Desenvolvimento Agrário e o substitui pelo também petista Pepe Vargas;
- Apesar dos escândalos de corrupção, Ibope mostra uma aprovação de 64% do governo Dilma em 2012;
- Governo aprova a Lei de Acesso à Informação Pública;
- O processo do mensalão petista na Justiça revela números grandiosos envolvendo 80 réus;
- STF conclui a compra de apoio político por parte do PT para Lula via esquema operado por Marcos Valério;
- Dados relativos a 2012 mostram que a balança comercial brasileira apresenta o pior resultado dos últimos dez anos;
- Dilma faz novas mudanças em ministérios: Manoel Dias (PDT) assume o Ministério do Trabalho, e Antônio Andrade (PMDB) vai para a Agricultura;
- “Supremo determina a execução imediata das penas de 18 dos 25 réus condenados no processo de mensalão; 15 são presos, entre eles José Genoíno, José Dirceu, Delúbio Soares, Marcos Valério e Roberto Jefferson” (MORENO, 2017, p. 143);
- O ano de 2014 inicia-se com o anúncio de que a balança comercial brasileira apresentou o pior resultado desde 2000;
- Dilma privilegia o PMDB para a reforma ministerial embora apresente desavenças com a bancada peemedebista;
- Lava-Jato deflagra mais três operações no período compreendido entre maio e outubro de 2014;
- Apesar da crise, Dilma é formalizada à recandidatura para a Presidência em 2014.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo, por base, os pressupostos teóricos no que concerne ao discurso midiático e político, bem como alguns fatos marcantes do governo de Dilma Rousseff, no período de 2011 a 2014, analisaremos, no capítulo subsequente, as polêmicas discursivas aberta e velada na entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a candidata petista em agosto de 2014.

5 ANÁLISE DAS POLÊMICAS DISCURSIVAS ABERTA E VELADA EM ENTREVISTA POLÍTICA COM A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

“O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas” (BAKHTIN, 2015, p. 223).

Este capítulo tem, por objetivo, analisar as *polêmicas discursivas aberta e velada* em uma entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a petista Dilma Rousseff, candidata à reeleição para a Presidência do Brasil, no ano de 2014.

A fim de alcançarmos os nossos objetivos, subdividimos este capítulo em 4 seções:

A primeira seção, intitulada de *Tipo de pesquisa*, na qual apresentaremos a caracterização e os aspectos a serem analisados em nossa pesquisa, à luz de Gil (2008), de Godoy (1995) e de Bakhtin/Volochínov (2009);

A segunda, denominada pelo título *O Corpus*, em que faremos uma breve descrição do nosso *corpus* de pesquisa, a saber, da entrevista selecionada para o nosso estudo;

A terceira, denominada de *Procedimentos de análise*, na qual exporemos cada etapa a ser seguida em nossa análise;

E, por fim, a quarta seção, intitulada de *Discurso bivocal: a polêmica aberta e velada como modo de inserção do discurso de outrem*, em que faremos a análise dessas polêmicas discursivas na entrevista política selecionada para o nosso estudo.

5.1 TIPO DE PESQUISA

Sob a ótica dos estudos do Círculo de Bakhtin e embasados no pressuposto teórico de que “toda e qualquer palavra estará sempre povoada pela palavra do outro” (FIORIN, 2016, p. 21), pretendemos, com esta pesquisa, uma análise descritiva e de natureza qualitativa das polêmicas discursivas, *aberta e velada*, na entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a candidata à Presidência da República do ano de 2014, Dilma Rousseff (PT).

Conforme Gil (2008), a pesquisa descritiva tem por finalidade a descoberta e a observação de determinados fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

A presente pesquisa também será de natureza qualitativa em virtude da importância que este método de estudo tem apresentado ao longo da história. Segundo Godoy (1995, p. 62),⁶⁷ “dados históricos mostram que o desenvolvimento da perspectiva qualitativa gerou uma grande diversidade de métodos de trabalho, estilos de análise e a apresentação de resultados e diferentes considerações quanto aos sujeitos”. O autor também ressalta a importância da palavra na abordagem qualitativa, desempenhando, então, um papel de destaque tanto no processo de obtenção dos dados investigados como na disseminação dos resultados obtidos. Godoy (1995) também ressalta a importância de se investigar o fenômeno a ser estudado em toda a sua totalidade. Conforme Godoy (1995, p. 62) atesta:

[...] o que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

Partindo do pressuposto de que o estudo analítico deste trabalho é de natureza dialógica, consideraremos também o quadro metodológico proposto por Bakhtin/Volochínov (2009, p. 45) segundo o qual os autores propõem as seguintes regras metodológicas:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora desse sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura).

Desse modo, nossa análise seguirá os seguintes aspectos:

Quadro 3 – Aspectos para a análise das polêmicas discursivas

Horizonte social: contexto socio-histórico e cultural de produção e de recepção; espaço socioideológico, situação e participantes mais imediatos: A candidata à reeleição para a Presidência do Brasil Dilma Rousseff (PT) será entrevistada por William Bonner e Patrícia Poeta no Jornal Nacional; abordagem de temas polêmicos referentes à candidatura e confronto com a candidata com ações, com o desempenho por ela apresentada à frente de um cargo público; período das eleições à Presidência do Brasil no ano de 2014;
Superdestinatário: os telespectadores;
Gênero discursivo: Entrevista televisiva;

⁶⁷ Informações retiradas do site <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>, acesso em 21/11/16.

Enunciado verbo-visual: discurso (político), gestos, entonação enfática, olhares.
--

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2 O CORPUS

O presente estudo analisará um *corpus* constituído pela entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a candidata à reeleição Dilma Rousseff, naquele contexto a candidata mais bem colocada nas pesquisas de opinião pública realizada em todo o Brasil. A entrevista, exibida no dia 08 de agosto de 2014, apresenta uma duração aproximada de 15 minutos e se encontra disponível, tanto em vídeo como em sua versão digitalizada, no seguinte endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional-.html>.

Partindo do pressuposto teórico do Círculo de Bakhtin (2011) de que todo enunciado é um enunciado concreto, uma vez que este se constitui pela parte material (verbal e não verbal) além dos contextos de produção, circulação e recepção, consideraremos que cada entrevista selecionada representa um enunciado concreto por apresentar uma unidade de sentido. Por conseguinte, esses enunciados concretos devem vincular-se à noção de gênero discursivo que, na concepção do Bakhtin (2011, p. 261-262), refere-se aos enunciados presentes na língua que

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional [...] estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado. [...] Evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Dessa forma, consideraremos não apenas as vozes dos sujeitos discursivos presentes no espaço socioideológico e na situação mais imediata referente às entrevistas selecionadas para este estudo, como também as outras vozes sociais⁶⁸ presentes no discurso dos apresentadores e dos interlocutores, além da dimensão verbo-visual (entonação, gestos, olhares) dos participantes durante as entrevistas.

⁶⁸ A recorrência ao nome de representantes da Justiça, aos dados estatísticos, aos interesses do público, por exemplo.

5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE⁶⁹

Tendo, em vista, a análise das polêmicas discursivas *aberta* e *velada* em sua dimensão verbo-visual nas entrevistas televisivas selecionadas, seguiremos os seguintes passos que nortearão a organização metodológica para a nossa análise:

1. Após a exposição digitalizada da entrevista, faremos uma breve introdução acerca do assunto a ser discutido em cada seção;

2. A análise da entrevista será realizada por etapas, obedecendo aos seguintes critérios: a) seleção de perguntas e de respostas que estão inseridas no mesmo campo temático (economia, saúde, educação, etc.); b) a entrevista será exposta em tamanho menor (10), com espaçamento simples e recuo de 4 centímetros;

3. A exposição verbal das entrevistas para a análise apresentará as seguintes características: a) letras em caixa alta para a entonação enfática na fala; b) o emprego das reticências para sinalizar uma pausa; c) o emprego do símbolo :: para sinalizar o alongamento de vogal ou consoante na fala; d) o emprego do símbolo / para sinalizar um truncamento durante a fala; e) as sobreposições de vozes estarão sublinhadas na parte verbal; em alguns casos, as categorias não verbais estarão descritas entre parênteses; g) a fim de facilitar a retomada ao texto, cada fragmento será enumerado de cinco em cinco linhas;

4. As figuras podem constituir ou não mais de uma imagem; essas sequências deverão ser lidas da esquerda para a direita, linearmente. Caso haja figuras com mais de uma imagem, essa pode vir enumerada (imagem 1, imagem 2... primeira imagem da sequência...) durante a parte verbal da análise.

5. Durante a análise, usaremos a abreviatura PA, para a polêmica aberta, e PV, para a polêmica velada;

6. A dimensão visual (gestos, olhares) será analisada através de imagens à medida que este recurso ocorre com o intuito de contribuir para a compreensão da dimensão polêmica presente nas entrevistas;

Observação: a análise de cada turno de fala será feita não de modo aleatório, mas seguindo a ordem conforme a explicação de William Bonner na parte introdutória da entrevista⁷⁰.

⁶⁹ Alguns desses códigos (tópico 3, itens a, b, c e d), adotados a fim de nortear a organização metodológica do nosso trabalho, foram adaptados de Veloso (2011). Os demais códigos são de nossa própria adaptação.

⁷⁰ Segundo William Bonner, a candidata entrevistada terá um minuto e meio reservado para responder as perguntas feitas pelos entrevistadores, e um minuto no fim, para que possa expor aqueles projetos considerados prioritários para o governo.

Exemplifiquemos, pois, este modo de inserção da voz de outrem na entrevista selecionada para o nosso estudo.

5.4 DISCURSO BIVOCAL: A POLÊMICA ABERTA E VELADA COMO MODO DE INSERÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM

Figura 2 - Panorâmica do local da entrevista (Palácio da Alvorada)



Fonte: Adaptado pela autora.⁷¹

Esta seção tem, em vista, a análise das polêmicas discursivas *aberta e velada*, sob a ótica de Bakhtin (2015), na entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a petista Dilma Rousseff, candidata à reeleição para a Presidência do Brasil no ano de 2014.

Para fins didáticos, subdividimos esta seção em seis partes, considerando-se a temática a ser discutida pelos participantes:

1. Os escândalos de corrupção do Governo Dilma;
2. Medidas do Governo para o combate à corrupção;
3. Envolvimento de partidários do PT nos escândalos de corrupção;
4. A situação atual da saúde pública no Brasil;
5. A situação atual da Economia no Brasil;
6. Projetos prioritários do Governo Dilma.

Feitas estas observações, passaremos, então, para a nossa análise.

5.4.1 Os escândalos de corrupção do Governo Dilma

1 Dilma Rousseff é entrevistada no Jornal Nacional

A candidata do PT à Presidência da República foi entrevistada ao vivo... no Palácio do Alvorada... por William Bonner e Patrícia Poeta.

⁷¹ Todas as figuras, presentes neste capítulo, são prints que nós retiramos do vídeo referente à entrevista a qual constitui o nosso *corpus* e que pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional-.html>.

- 5 [...] **William Bonner:** Nós vamos fazer hoje o que temos feito sempre... vamos abordar os temas polêmicos das candidaturas e vamos confrontar a candidata com ações... com o desempenho dela à frente de um cargo público... como temos feito com todos os candidatos. Nas próximas semanas... os candidatos estarão também
- 10 no Bom Dia Brasil e no Jornal da Globo.
[...]
- William Bonner:** Candidata... boa noite.
- 15 **10. Dilma Rousseff:** Boa noite... Bonner. Boa noite... Patrícia Poeta. Boa noite... telespectadores.
- William Bonner:** O tempo total da entrevista é de 15 minutos... como foi o dos demais candidatos. E a gente procura reservar um minuto e meio... um minuto no fim... para que o candidato possa expor aqueles projetos que ele considera prioritários para o governo no caso de ser eleito... ou no caso de ser reeleita... no caso de hoje. O tempo começa a contar a partir de agora. Candidata... no seu governo houve . uma SÉRIE⁷² de escândalos de corrupção e de desvios éticos. Houve escândalo de corrupção no Ministério da Agricultura... houve escândalo de corrupção no Ministério das Cidades... no Ministério dos Esportes... houve escândalo de corrupção no Ministério da Saúde... no Ministério dos Transportes... houve escândalo de corrupção no
- 20 Ministério do Turismo, no Ministério do Trabalho. A PETROBRÁS acabou se tornando objeto de DUAS CPIs no Congresso. A senhora SEMpre diz que . Todos esses escândalos foram REvelados PEla Polícia Federal e estão sendo investigados pela Polícia Federal... que é um ÓRGÃO do governo federal. A questão que eu lhe faço é a seguinte: QUAL É A DIFICULDADE de... desde o início... se cercar de
- 25 pessoas... HONESTAS... que lhe permitam formar uma equipe de governo... HONESTA e que evite esta situação que nós vimos de repetidos casos de corrupção? Ah... Não há uma sensação... não pode haver uma sensação no ar de que o PT... DESCUIda da questão ética ou da questão da corrupção?
- Dilma Rousseff:** Bonner... não pode... NÃO. Sabe por QUÊ? Porque nós... justamente... fomos aquele governo que MAIS estruturou os mecanismos de combate à corrupção... à irregularidade e maus feitos. Por exemplo... a Polícia Federal... no meu governo e no do presidente Lula... ganhou imensa autonomia. Para investigar... para descobrir... para prender. ALÉM disso... NÓS tivemos uma relação muito
- 30 **30RESPEITOSA** com o Ministério Público. Nenhum PROCURADOR-geral da República foi chamado... no meu governo ou no do presidente Lula... de engavetador-geral da República. Por quê? Porque também escolhemos... com absoluta isenção... os/ procuradores. Outra coisa: fomos nós que criamos a/ Controladoria-Geral da União... que se transformou num órgão forte e também que investigou e descobriu muitos casos. TERCEIRO... aliás... eu já estou no quarto. NÓS criamos a Lei de
- 35 Acesso à Informação. CRIAMOS... no governo... um portal da transparência. Mas eu quero te dizer uma coisa: nem TODAS as denúncias de escândalo... Bonner... resultaram em... realmente... a constatação que a pessoa tinha de ser punida e seria condenada. Pelo contrário. Muitos daqueles que foram identificados como tendo... pela mídia... como tendo praticado atos indevidos... foram posteriormente inocentados. Eu
- 40 quero te dizer o seguinte... eu nunca... (Fragmento 1).

Esta seção tem, por foco de análise das *polêmicas aberta e velada*, o objeto semântico referente aos inúmeros casos de escândalos de corrupção ocorridos durante o primeiro mandato do governo de Dilma Rousseff, período compreendido entre os anos de 2011 a 2014.

⁷² Os enunciados em caixa alta indicam ênfase na fala. As reticências indicam uma pausa. As barras indicam um truncamento na fala.

Neste subtópico, há uma divisão em duas partes, conforme esclarecida pelo mediador William Bonner: a primeira parte, em que o jornalista faz as considerações iniciais e explica a dinâmica da entrevista; e a segunda parte, constituída pelo par de perguntas e de respostas.

Observemos que, logo no início da apresentação, o entrevistador enuncia o termo *temas polêmicos* (linha 7) para referir-se à natureza da intencionalidade discursiva em torno dos assuntos a serem discutidos na entrevista, revelando, portanto, que a entrevista será um verdadeiro embate de vozes. O enunciado *como temos feito com todos os candidatos* (linhas 8 e 9) supõe imparcialidade do entrevistador, tendo em vista a ética jornalística de se posicionar neutramente perante os fatos. Com isso, o entrevistador visa a transpassar tanto para a entrevistada como para os telespectadores que a emissora Globo não apresenta uma postura ideológica de acordo com um determinado grupo político, mas trata a todos os candidatos de forma igualitária, uma vez que todos serão questionados a respeito de temas polêmicos relacionados aos seus respectivos partidos e/ou governos.

Com o intuito de analisar a bivocalidade polêmica, notemos a instauração da PV no discurso do entrevistador logo em suas palavras iniciais: *Candidata, no seu governo houve uma série de escândalos de corrupção e desvios éticos [...]*” (linhas 20 e 21). A PV, observada neste contexto, ocorre devido à concentração do entrevistador em dirigir o seu discurso para o objeto-semântico *série de escândalos* ocorridos durante o governo da candidata entrevistada. Embora o discurso alheio esteja fora de seu limite, este mesmo discurso influenciará ativamente as palavras deste participante, orientando-lhe a restringir a sua pergunta inicial a informações previamente veiculadas em diversas esferas midiáticas.

Observemos também o jogo linguístico adotado pelo entrevistador a partir da recorrência constante do termo *escândalos de corrupção* (nomeação) em contraposição ao termo *honesto* (adjetivação), enunciada para referir-se aos membros do governo petista. Segundo Veloso (2011), tanto a *nomeação* como a *adjetivação* são categorias discursivas que podem delimitar a inserção da polêmica aberta.

Nesse caso, podemos constatar uma relação dialógica entre uma PV e uma PA: embora o discurso do outro se insira nas palavras do entrevistador por meio do objeto semântico *série de escândalos de corrupção e de desvios éticos*, fato que caracteriza uma PV, notemos que o jornalista polemiza abertamente com a candidata ao introduzir, em seu discurso, a repetição constante da nomeação *escândalos*, enfatizada tanto pela categoria extraverbal prosódica (o que ocorre na entonação expressiva referente aos diversos ministérios citados nos

quais ocorreram casos de corrupção), como pela presença de gestos durante a citação destes números de escândalos.

A seguir, destacamos uma sequência de seis imagens⁷³ que retratam a fala de William Bonner ao se referir aos escândalos presentes nos ministérios durante o governo Dilma:

Figura 3 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 1



Fonte: Adaptado pela autora.

Durante o processo de interação sociodiscursiva, é comum a ocorrência de gestos os quais, muitas vezes, podem sinalizar os posicionamentos axiológicos dos interlocutores. Na sequência de imagens acima, por exemplo, podemos perceber a expressão gestual através das mãos utilizada pelo jornalista. Com esse ato de enumerar gestualmente os diversos casos de corrupção durante o governo da candidata, constatamos que o entrevistador pretende não só apresentar os fatos como também chamar a atenção dos telespectadores provocando, por conseguinte, a indignação pública frente aos escândalos.

O modo como o entrevistador orienta o seu discurso revela, conseqüentemente, a sua postura avaliativa com relação ao atual governo. Com esse discurso, ele não só pretende confrontar um dado posicionamento ideológico sobre o atual governo, como também mostrar

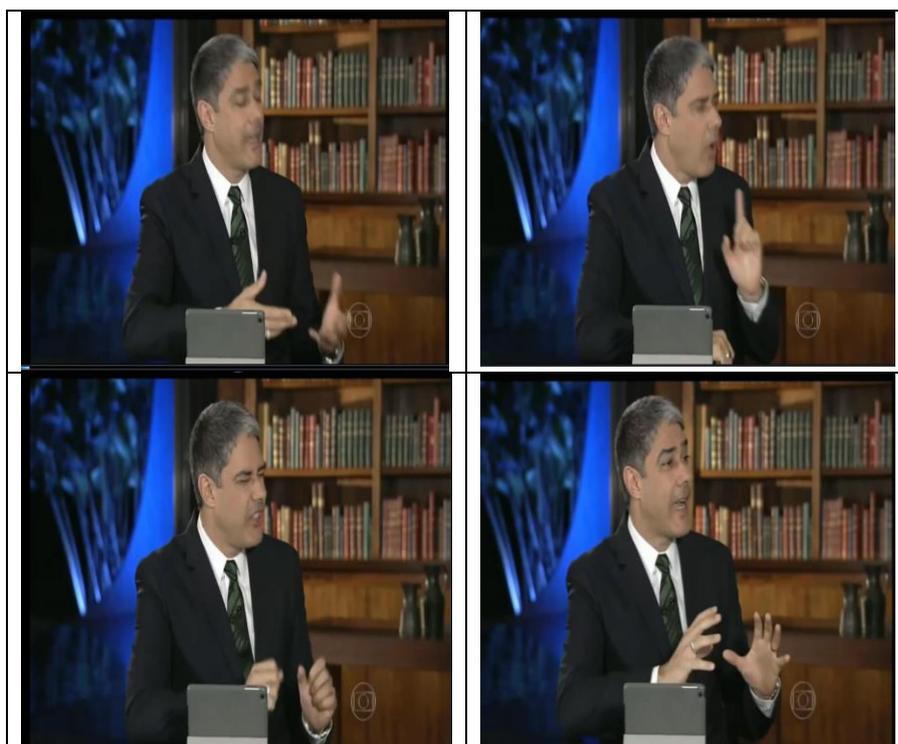
⁷³ As sequências de imagens em cada figura devem seguir a leitura na ordem linear.

ao telespectador que uma candidata, cujo mandato se encontra imerso em vários casos de corrupção, não merece credibilidade para continuar no cargo presidencial.

A instauração da PA nas palavras do entrevistador pode também ser observada em “*A senhora sempre diz que todos esses escândalos foram revelados pela Polícia Federal [...]*” (linhas 26 e 27), já que, nesse contexto, o discurso da candidata servirá como “pano de fundo” para moldar as palavras do entrevistador. A recorrência à própria citação das palavras da entrevistada quanto à investigação desses casos de corrupção pela Polícia Federal tem o propósito de desconstruir o discurso da candidata, uma vez que, sendo a Polícia Federal um órgão do Governo Federal, a corrupção continua sendo o mais grave problema de acusação contra o governo. Concomitantemente o entrevistador coloca em xeque a qualidade e a seriedade da Polícia Federal enquanto órgão federal nos casos de investigação. O subentendido presente nas palavras do entrevistador, de tonalidade velada (uma vez que ele pretende recolher-se tendo em vista a orientação do seu discurso para o objeto semântico *Polícia Federal*), é sentido pela candidata, conforme veremos posteriormente.

Atentemos, a seguir, para as perguntas do jornalista que antecedem à fala da entrevistada. Nesse contexto, faz-se igualmente importante a presença da categoria não verbal visual como reveladora de conteúdo polêmico:

Figura 4 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 2



Fonte: Adaptado pela autora.

As imagens acima retratam o questionamento do entrevistador com relação à dificuldade da candidata em manter a presença de pessoas honestas em seu governo. As expressões fisionômicas na face do interlocutor, o gesto de apontar em direção à entrevistada, revelam a insatisfação do jornalista perante o conteúdo objetal exposto. Neste contexto, concluímos a presença de uma PV com tonalidade aberta. Observemos que o jornalista, ao introduzir em seu discurso o adjetivo *honesto*, pretende orientar o(s) seu(s) interlocutor(es) a um caminho inverso: de que, desde o início, a candidata está cercada de pessoas desonestas. Desse modo, o entrevistador polemiza veladamente com a sua interlocutora, já que o seu discurso se volta para um objeto referencial. A tonalidade aberta da polêmica instaurada, nesse contexto, realiza-se através da entonação enfática do entrevistador. Ressaltarmos que as imagens acima apresentam expressões fisionômicas bem enfatizadas para marcar a sincronia desses gestos tanto com a entonação prosódica como também com a pausa intencional para delimitar os enunciados *Qual é a dificuldade* (primeira linha da sequência, respectivamente), *desde o início* (segunda linha da sequência) e *honestas* (segunda linha da sequência).

A mesma estratégia para inserir uma PV é utilizada pelo entrevistador em “*Não há uma sensação, não pode haver uma sensação no ar de que o PT descuida da questão ética ou da questão da corrupção?*” (linhas 33 e 34). Note-se que por meio do advérbio *não*, presente no início de cada pergunta, o articulista nos leva, inversamente, à conclusão de que há um descuido por parte do PT frente à questão da ética e da corrupção no país. O subentendido presente na construção discursiva do entrevistador direciona-nos, conseqüentemente, ao apelo pela instauração de políticas públicas que tenham, em vista, o combate à corrupção no país.

Feita a análise das palavras iniciais do jornalista William Bonner, passemos, então, às palavras da candidata convidada.

Figura 5 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 3



Fonte: Adaptado pela autora.

As imagens acima relacionam-se às primeiras palavras da candidata à Presidência, Dilma Rousseff. Ressaltamos que, logo no início, a entrevistada toma o discurso de seu interlocutor como objeto de refutação, fato que caracteriza a instauração de uma PA. Por meio do advérbio “*não*”, a candidata discorda abertamente do discurso do jornalista no que concerne à falta de cuidados do PT sobre a questão da ética e da corrupção. Embora a candidata parta de uma PA para refutar o discurso de seu interlocutor, é importante salientarmos que o seu discurso se desenvolverá principalmente por meio de PVs.

Tomemos, por exemplo, o emprego do termo “*engavetador-geral*”⁷⁴ (linhas 40 e 41). O uso desse enunciado-concreto pela entrevistada relaciona-se dialogicamente como réplica à polêmica levantada pelo entrevistador (os escândalos de corrupção do governo PT serem revelados pela Polícia Federal, um órgão também federal). Ao enunciar esse enunciado em destaque, a candidata polemiza veladamente contra discursos anteriores segundo os quais “Tudo acaba em pizza”⁷⁵. Desse modo, a entrevistada revela uma postura de seriedade da Procuradoria-geral, já que os representantes deste órgão têm revelado, segundo a candidata, vários casos de corrupção durante os dois últimos governos, cujo acompanhamento pode ser feito em um portal de transparência.

Além do rebate da entrevistada logo no início da réplica através do advérbio *não*, enfatizado na fala, recurso linguístico que, como vimos, pode marcar uma PA, há uma relação dialógica de confronto entre os adjetivos *honesto* e *respeitosa*, termos enunciados, respectivamente, pelo entrevistador e pela entrevistada. Ao passo que o primeiro interlocutor visa à desconstrução discursiva da candidata ao adotar o termo *honesto* em tom pejorativo, tendo em vista “*a dificuldade de, desde o início, [a Presidente] se cercar de pessoas honestas*” (linhas 29 e 30), a candidata pretende chamar a atenção para a relação de respeito que ela mantém dentro de seu governo.

Por meio do adjetivo *respeitosa*, a candidata visa também a mostrar que, como atual Presidente, não exerce influência sobre as investigações dos órgãos federais. Podemos constatar

⁷⁴ Segundo o Jornal Digital *Brasil 247*, Dilma Rousseff adotou o termo “engavetador-geral” para se referir ao ex-procurador-geral da República Gerardo Brindeiro, indicado durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e que ficou conhecido pelo termo em destaque devido a sua insistência em não dar continuidade a denúncias de corrupção. Informação extraída do site <https://www.brasil247.com/pt/247/poder/214379/Dilma-sobre-a-Lava-Jato-falou-tem-de-ser-provado.htm>

⁷⁵ Segundo *O Povo online*, a expressão “tudo acaba em pizza” foi primeiramente adotada pelo radialista esportivo Milton Peruzzi para transmitir a ideia de que tudo acabará bem após conflitos entre os bastidores de seu programa. Posteriormente, essa expressão foi amplamente difundida entre os brasileiros, adquirindo novas ressignificações, tendo, como exemplo mais recente, o julgamento dos infratores no caso do mensalão que, para muitos brasileiros, “tudo acabou em pizza”. Informação retirada do site <https://www20.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2013/09/20/noticiasbrasil,3133113/conheca-de-onde-surgiu-a-expressao-tudo-acaba-em-pizza.shtml>

essa conclusão por meio dos sintagmas nominais “*combate à corrupção*” (linhas 35 e 36) e “*imensa autonomia*” (linha 28). Em suma, há um jogo linguístico (nomeação/adjetivação), com ênfase na fala, adotado por ambos os interlocutores, e que instaura uma refutação entre eles, cabendo a cada sujeito discursivo a defesa de seu próprio discurso.

Segundo Bakhtin (2015), nem sempre é fácil delimitar uma linha divisória entre a polêmica velada e a polêmica aberta em um caso concreto, embora reconheça que as diferenças entre ambas são significativas. Conforme a análise exposta, uma mesma polêmica instaurada de forma aberta pode apresentar uma tonalidade velada, já que o interlocutor, principalmente o mediador da entrevista, pretende recolher-se do discurso alheio com o propósito de manter uma postura parcial perante a candidata. Apesar da inserção de polêmica velada, a partir do discurso do mediador, essa contraposição implícita é perceptível pela entrevistada, conforme constatamos nas réplicas da candidata, a fim de defender o seu discurso perante os entrevistadores.

Passemos, então, para o segundo fragmento da entrevista. Nessa sequência, o conteúdo polêmico levantado pelo entrevistador gira em torno das medidas tomadas pela atual presidente após ocorridos os escândalos de corrupção.

5.4.2 Medidas do Governo para o combate à corrupção

- William Bonner:** [...] candidata... eu deveria só dizer à senhora o seguinte: a / a senhora listou aqui uma série de medidas que foram providenciadas depois... de ocorridos os escândalos.
- Dilma Rousseff:** Não. Isso tudo foi antes.
- 5 **William Bonner:** Bom... entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros. Em quatro casos... a senhora trocou um ministro... por alguém... que era do mesmo partido dele... e do mesmo grupo político dele. E que... frequentava o mesmo círculo. ESSA situação... a senhora considera que NÃO FOI trocar... SEIS por meia dúzia? A
- 10 senhora considera que foi... uma atitude... PRUDENTE... como presidente... substituir nessas circunstâncias? Foi uma medida eficaz da sua parte... candidata?
- Dilma Rousseff:** Eu... continuando o que eu estava dizendo... Bonner... nem todos... as pessoas denunciadas... foram... punidas... pelo Judiciário... e tiveram COMPROVADAMENTE culpa. Muitas pessoas... inclusive... se afastaram...
- 15 porque... é MUITO difícil resistir... à pressão da família... ou à apresentação da pessoa como tendo praticado... um crime.
- William Bonner:** Mas a senhora manteve gente do mesmo grupo político nos casos.
- Dilma Rousseff:** Agora... na SEGUNDA... respondendo a segunda pergunta... por exemplo... recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio. Ora, o Paulo Sérgio... foi... meu ministro e foi ministro do presidente Lula. Quando saiu do governo... ele ficou dentro do governo no cargo... importante... que é da Empresa de Planejamento... Logístico. O Cesar Borges o substituiu. Posteriormente... eu troquei... o César Borges... novamente
- 25 aí pelo... pelo Paulo Sérgio. Fiz a troca ao contrário. O César Borges também

ficou dentro do governo... na Secretaria de Portos. Os dois... são pessoas que eu escolhi... as/ nas quais eu confio... acho que são pessoas... bastante...

William Bonner: Mas não foi exigência do partido, candidata?

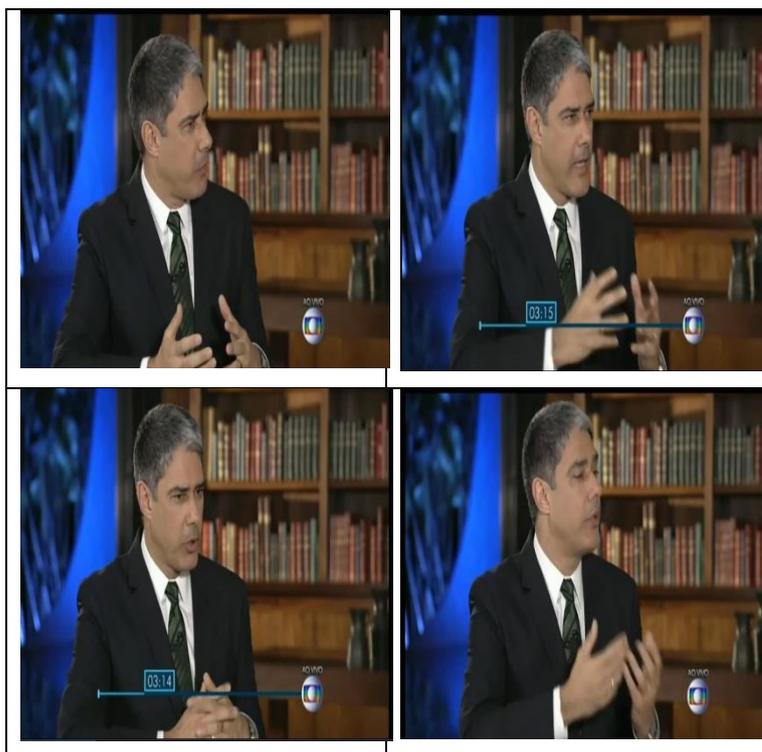
- 30 **Dilma Rousseff:** Os partidos... é:: podem fazer exigências. Agora... eu só aceito... quando eu considero que ambos... e é isso que eu queria concluir, ambos são pessoas íntegras... e não só íntegras... são competentes... têm tradição na área. E são... pessoas... da minha... confiança. Então... eu troquei porque eu tinha confiança nessas pessoas. (Fragmento 2).

Nesse contexto, tomaremos as medidas providenciadas pela entrevistada como objeto de contestação entre os interlocutores. Consideraremos esta tomada discursiva como conteúdo semântico de instauração de uma PA, uma vez que o discurso do entrevistador orienta-se para o discurso refutável da entrevistada, ou seja, para as decisões tomadas e defendidas por sua interlocutora.

Para a análise da PA, instaurada neste fragmento, destaquemos as seguintes categorias linguísticas: a nomeação/adjetivação, o emprego de elemento conectivo com valor adversativo e de alguns advérbios, bem como a ocorrência de categorias extraverbais (gestos e entonação enfática). Observemos que a pergunta “*Essa situação, a senhora considera que não foi trocar SEIS por meia dúzia?*” (linha 9), lançada pelo entrevistador, revela um posicionamento negativo em relação à série de medidas tomada pela interlocutora no que tange à desocupação de diferentes cargos do Governo e sua subsequente ocupação por membros de mesmo partido político. Considerando-se a perspectiva dialógica de *superdestinatário*, proposta por Bakhtin/Volochínov (2009), e da presença de um *terceiro espectador subjacente à dimensão polêmica*, proposta por Maingueneau (2010), podemos destacar a importância do enunciado-concreto “*Seis por meia dúzia*” para o propósito comunicativo dessa entrevista. De acordo com o *Dicionário informal*⁷⁶, esta expressão, bastante popular no Brasil, significa “*ficar tudo na mesma*” ou “*voltar à estaca zero*”, termos igualmente populares na oralidade brasileira. Por meio do emprego deste ditado popular em seu discurso, Bonner não só pretende situar os telespectadores nesse contexto imediato como também fazê-los refletir criticamente sobre as ações do Governo. A avaliação negativa do entrevistador é também corroborada pela entonação enfática e pelos gestos, conforme podemos averiguar nas quatro imagens a seguir:

⁷⁶ Informação retirada do site www.dicionarioinformal.com.

Figura 6 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 4



Fonte: Adaptado pela autora.

A sequência de imagens representa o momento em que o jornalista enuncia a pergunta em destaque. A expressão fisionômica do apresentador (olhar mais sério, sem direcioná-lo para a sua interlocutora, e gesticulação labial mais rígida), na primeira linha da sequência, marca a pausa feita antes da palavra “*Seis*”, revelando a ênfase prosódica sobre esta palavra nas imagens duas imagens subsequentes (olha para a entrevistada e, simultaneamente, articula enfaticamente com os lábios) e, por conseguinte, a sua apreciação valorativa sobre a atitude da presidente Dilma em relação à troca de pessoas do mesmo círculo político para a ocupação de ministérios do Governo. A última imagem dessa sequência destaca o momento em que o jornalista enuncia a palavra “*prudente*”, por meio da qual o entrevistador polemiza com a sua interlocutora. Ressaltemos que, assim como na enunciação da palavra “*seis*”, o apresentador enfatiza acentuadamente esta palavra, pretendendo, desse modo, despertar a atenção sobre as medidas tomadas pela candidata. Chamemos atenção para o fato de que, por meio de adjetivos de significação dicionarizada positiva, *prudente* e *eficaz*, o tema, nesses casos, ganha uma orientação com finalidade oposta: desqualificar as decisões tomadas pela candidata frente aos telespectadores.

Outro exemplo de PA pode ser observada nos trechos sublinhados, em que as vozes dos interlocutores se sobrepõem para refutar a palavra do outro, conforme veremos na imagem a seguir:

Figura 7 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 5



Fonte: Adaptado pela autora.

Nessa sobreposição de vozes, a candidata discorda abertamente da afirmação feita por seu interlocutor através do advérbio *não*, ao passo que o jornalista, sobrepostamente, refuta a negação da entrevistada. Podemos constatar esta informação a partir do emprego do advérbio “depois” empregado na réplica “*Bom, entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros*” (linhas 5 e 6), pelo qual o jornalista ratifica a sua afirmação e, conseqüentemente, invalida a refutação da candidata, já que esta não retomou a palavra em sua defesa no que concerne ao tempo cronológico em que tomou as suas medidas. Atentemos para a fisionomia facial e os gestos nas mãos do jornalista: nesse contexto, seu olhar irritado e seus movimentos com as mãos sinalizam o momento em que foi interrompido, revelando, assim, a sua desaprovação em relação a esta atitude da entrevistada.

A segunda réplica da entrevistada, neste fragmento, pode também caracterizar-se pela inserção de uma PA. Ao afirmar “*Eu, continuando o que estava dizendo, Bonner, nem todos as pessoas denunciadas foram punidas pelo Judiciário e tiveram comprovadamente culpa [...]*” (linhas 21 a 14), a candidata refuta explicitamente a afirmação do jornalista apresentada logo no início do primeiro fragmento de que o governo petista apresentou vários casos de corrupção e desvios éticos. No entanto, ao longo de suas réplicas, seu discurso irrompe em PV, uma vez que toda a orientação discursiva se volta agora para o seu próprio objeto, ou seja, as medidas tomadas como positivas em seu governo.

Observemos a polemicidade velada em torno dos recursos linguísticos empregados pela entrevistada: à medida que o entrevistador visa a desconstruir o discurso da interlocutora

por meio das nomeações *escândalos* e *seis* e das adjetivações *prudente* e *eficaz*, ambos os processos enunciados com acentos axiológicos de desaprovação, a entrevistada qualifica as suas atitudes por meio do substantivo *confiança*, do sintagma nominal *tradição na área* e dos adjetivos *íntegra* e *competentes*.

Podemos sintetizar estas relações dialógicas do seguinte modo:

Quadro 4 – Síntese das relações dialógicas dos interlocutores sobre o tema *Corrupção no Governo Dilma Rousseff*

Medidas tomadas pelo Governo Federal frente aos casos de corrupção	
Perspectiva do entrevistador	Perspectiva da entrevistada
Visa a apresentar os fatos na posição de jornalista; orienta a entrevistada e o telespectador a considerarem como imprudente e ineficaz as decisões providenciadas pela presidente em relação ao combate à corrupção.	Visa a apresentar os fatos na posição de presidente da República; orienta o entrevistador e o telespectador a tomarem como íntegras e competentes as decisões por ela feitas no combate à corrupção.

Fonte: Elaborado pela autora.

O emprego de conectivo com valor adversativo pode também apresentar-se como recurso linguístico para a instauração de conteúdo polêmico. Nesse caso, observamos a inserção de uma PA nos seguintes questionamentos levantados pelo jornalista: “*Mas a senhora manteve gente do mesmo partido político nos casos*” (linhas 17 e 18) e “*Mas não foi a exigência do partido, candidata?*” (linha 29). Por meio do conectivo adversativo *mas*, o entrevistador polemiza abertamente contra o discurso da candidata sobre a eficácia de suas ações para combater os inúmeros casos de corrupção no Governo. Em relação à segunda pergunta lançada pelo jornalista, notamos uma tentativa de desqualificar a autoridade da presidente para tomar decisões importantes no Governo, o que pode ser corroborado pela réplica da interlocutora, na qual ela confirma a sua autoridade como voz final para as grandes decisões: “*Os partidos podem fazer exigências. Agora, eu só aceito quando eu considero [...] ambas são pessoas íntegras [...]*” (linhas 30 e 32).

Feitas as análises sobre a polemicidade em torno das medidas providenciadas pela candidata durante o seu Governo para o combate à corrupção, passemos para o terceiro fragmento cujo foco se volta agora para os membros do partido do Governo, o PT.

5.4.3 Envolvimento de partidários do PT nos escândalos de corrupção

William Bonner: Então, me deixa agora perguntar à senhora. E EM RELAÇÃO ao seu partido? O seu partido teve um grupo de elite... de... pessoas CORRUPTAS... comprovadamente corruptas. Eu digo isso porque foram...

- JULGADAS... condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta (levanta as
5 mãos para o alto) corte do Judiciário brasileiro. Eram corruptos. E o seu partido...
tratou... esses condenados por corrupção como... GUERREIROS... como...
VÍTIMAS... como... pessoas que não mereciam esse tratamento... vítimas de
injustiça. A pergunta... que eu lhe faço... ISSO NÃO É... ser
CONDESCENDENTE com a CORRUPÇÃO... candidata?
- 10 **Dilma Rousseff:** Eu vou te falar uma coisa... Bonner... eu sou presidente da
República. Eu... não faço NENHUMA OBSERVAÇÃO... sobre julgamentos
realizados pelo Supremo Tribunal, por um motivo muito simples... sabe por que...
Bonner? Porque A Constituição... ELA... exige... que o presidente da República...
como exige dos demais... é... chefes de Poder... que NÓS RESPEITEMOS e/
15 CONSIDEREMOS... a importância da autonomia dos outros órgãos.
William Bonner: Então a senhora condena a postura do PT nesse caso!
Dilma Rousseff: Eu não JULGO ações do Supremo. Eu tenho as minhas...
opiniões pessoais.
William Bonner: Mas e a ação do SEU PARTIDO... a senhora condena essa
20 ação?
Dilma Rousseff: Enquanto... Enquanto eu for presidente... eu... não
EXTERNO... opinião... a respeito de julgamento do Supremo. E vou te dizer,
Bonner (risos), não É... a primeira vez... que eu respondo isso. Eu, durante o
processo INTEIRO, não... manifestei... NENHUMA opinião sobre o julgamento.
25 Até porque respeito o julgamento.
William Bonner: Mas candidata... a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura
DO SEU PARTIDO! Qual sua posição a respeito da postura do seu partido?
Dilma Rousseff: EU NÃO VOU TOMAR... tomar nenhuma posição, Bonner,
que me coloque... em... confronto... conflito... é... ou... aceitando ou não. Eu
30 RESPEITO a decisão da Suprema Corte brasileira. Isso NÃO É... uma questão
subjéctiva. Para mim exercer o cargo de presidência... eu tenho de fazer isso
(Fragmento 3).

Este fragmento representa o momento de maior tensão entre os interlocutores. Podemos constatar a partir das inúmeras sobreposições de vozes entre os participantes bem como a entonação enfática sobre determinadas palavras e o uso de gestos. No plano linguístico, observamos a inserção da polêmica por meio do emprego das seguintes categorias: a nomeação/adjetivação, alguns advérbios, o conectivo com valor adversativo, a réplica dialógica antecipada do outro e a recorrência a uma voz de autoridade.

Focalizemos, então, na fala inicial do entrevistador. Nesse trecho, discute-se a respeito do envolvimento de partidários petistas em casos de corrupção. Partindo do pressuposto de que as polêmicas discursivas *aberta* e *velada* são refrações dialógicas que não devem ser interpretadas isoladamente, mas sim em plena relação dialógica, consideramos que essas primeiras palavras introduzem uma PV com predomínio de PA. Observemos que já na pergunta inicial, “*E EM RELAÇÃO ao seu PARTIDO?*” (linhas 1 e 2), o jornalista parte de um objeto referencial (o PT) tendo em vista, *a posteriori*, refutar abertamente o discurso da entrevistada, o que pode ser corroborado pela entonação expressiva atribuída a este enunciado, por meio da qual podemos perceber a irritação na fala do interlocutor.

No que tange à instauração da PA, logo após a pergunta acima, destaquemos que o entrevistador mobiliza o adjetivo “*corruptas*” (linha 3) para se referir a um determinado grupo

de pessoas que pertencem ao partido da candidata, revelando, assim, o seu posicionamento ideológico frente ao conteúdo objetal em questão. Essa apreciação valorativa pode ser também revelada através da *marca de primeira pessoa* e do verbo *discendi* na afirmação “*Eu digo isso*” (linha 3). Através dessas marcas, o jornalista não só reflete e refrata o seu ponto de vista, mas também assume uma postura ética frente aos seus interlocutores (inclusive o telespectador) de comprometimento em relação ao que se diz. Faz-se necessário ressaltarmos que o enunciado-concreto “*Eu digo isso porque foram JULGADAS, condenadas e mandadas para a prisão pela mais alta corte do Judiciário brasileiro*” (linhas 3 a 5) confere um maior grau de credibilidade ao discurso polêmico do jornalista, uma vez que este apoia-se em um discurso oficial (o Judiciário brasileiro) para refutar contra uma possível réplica de defesa da presidente. Ressaltemos também que, durante a enunciação do sintagma nominal “*mais alta corte*”, o mediador direciona as mãos e o olhar para cima, reforçando, desse modo, o seu discurso a partir de uma voz de autoridade e, por conseguinte, direciona os seus interlocutores à conclusão de que há um compartilhamento de valores e da verdade dos fatos entre ele e o discurso oficial representante da Lei.

Um exemplo de PV com tons de PA apresenta-se no trecho “*E o seu partido... tratou... esses condenados por corrupção como... GUERREIROS... como... VÍTIMAS... como... pessoas que não mereciam esse tratamento... vítimas de injustiça*” (linhas 5 a 8). A relação dialógica entre PV e PA se instaura na afirmação acima à medida que consideramos a manobra discursiva feita pelo mediador: por meio do objeto semântico “*E o seu partido [...]*”, o entrevistador, na verdade, orienta-nos à ideia de que a candidata, uma vez pertencente ao Partido dos Trabalhadores, também é responsável por esse tratamento “condescendente” dado aos membros petistas condenados por corrupção. No plano linguístico, podemos destacar a inserção da tonalidade aberta da polêmica a partir do emprego da conjunção de valor adversativo “*E*”, a qual contrapõe o discurso da entrevistada (segundo o qual os petistas condenados por corrupção deveriam ser tratados como guerreiros ou vítimas de injustiça) ao discurso oficial do Judiciário brasileiro com o qual o mediador se identifica.

Observemos também as pausas feitas pelo mediador para delimitar os signos ideológicos “*guerreiros*” e “*vítimas*”. Por meio desse recurso, depreende-se que o jornalista não só visa a chamar a atenção sobre essas categorias, ambas prosodicamente enfatizadas, mas também nos norteia à constatação de que se deve considerar um absurdo o ato de julgar pessoas comprovadamente corruptas como vítimas de injustiça. Podemos também confirmar isto a partir da pergunta final “[...] ISSO NÃO É... ser CONDESCENDENTE com a CORRUPÇÃO... candidata?” (linhas 8 e 9). A partir deste questionamento, o mediador direciona a sua própria

interlocutora a concordar com a ideia de que houve negligência de sua parte para o controle do combate à corrupção dentro do próprio partido.

Em relação à primeira réplica de Dilma Rousseff neste fragmento, algumas considerações podem ser feitas no que diz respeito ao conteúdo polêmico. Entendemos que, nesta enunciação, prevalece a PV, já que a candidata opta por orientar o seu discurso para o próprio objeto, ou seja, a postura de total neutralidade a ser tomada por chefes de Poder diante das investigações realizadas pelo Supremo Tribunal.

A entonação enfática atribuída ao sintagma nominal “*Nenhuma observação*” (linha 9), ao pronome “*ela*” (a Constituição [linha 13]) e aos verbos “*respeitemos*” (linha 14) e “*consideremos*” (linha 15), destacados em caixa alta, reforçam a ideia visada pela candidata de que, enquanto presidente da República, assume uma conduta séria e, portanto, ética de uma cumpridora da Lei, de quem demonstra a capacidade de separar o que é politicamente correto de seus próprios interesses pessoais. Destaquemos aqui a dupla função da polêmica velada inserida no discurso da entrevistada: ao mesmo tempo em que Dilma ataca indiretamente o discurso de seu interlocutor no que tange à postura “condescendente” por ela apresentada em relação aos membros condenados de seu partido, ela também pretende transpassar aos seus eleitores a imagem de uma candidata apta para dar continuidade ao cargo de Presidência do Brasil.

Nas três réplicas subsequentes, faz-se necessário analisarmos as imagens que acompanham o exato momento da enunciação em que ocorreram. Consideramo-las importantes porque entendemos, à luz bakhtiniana, que categorias não verbais quando tomadas em sua dimensão sociodiscursiva, podem ser reveladoras de posicionamentos axiológicos, conforme veremos a seguir:

Figura 8 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 6



Fonte: Adaptado pela autora.

A sequência de imagens acima representa o contexto em que William Bonner enuncia as seguintes palavras: “*Então a senhora condena a postura do PT nesse caso!*” (linha 16). Podemos considerar esta retomada no turno de fala como uma réplica dialógica antecipada do discurso do outro, já que o jornalista, por meio de uma construção sintática hábil, orienta a candidata a concluir que a afirmação exposta pelo mediador baseia-se nas próprias palavras por ela anteriormente ditas. Entendemos que esta réplica dialógica apresenta tons de PA, pois o entrevistador apoia-se no discurso refutável de sua interlocutora para construir o seu próprio discurso. O gesto de apontar com o dedo indicador, repetidas vezes, em direção à face da candidata, o emprego da conjunção de valor conclusivo “*então*”, o uso do verbo “*condena*”, reforçam a orientação pretendida pelo mediador, como se ele articulasse para que a entrevistada tomasse como dela mesma a afirmação em destaque.

Em princípio, um telespectador menos atento poderá pensar que o mediador, por meio de sua interlocução, esteja elogiando a presidente por demonstrar uma atitude prudente, ou seja, que a candidata também é capaz de reconhecer os erros cometidos por membros de seu partido político. No entanto, vale salientarmos que é exatamente aí onde entra o *colorido polêmico* desejado pelo jornalista. Através dessa afirmação, o entrevistador pretende levar a candidata a uma contradição dupla: tanto em relação à real postura a ser seguida por um chefe

de Poder; tanto em relação a julgamentos pessoais sobre o seu partido. Se considerarmos a primeira opção, a candidata se contradiz à medida que permite transparecer o seu posicionamento frente às decisões tomadas pela Justiça e, portanto, acaba por desqualificar a sua própria conduta (e o seu discurso) enquanto Presidente no que tange à dissociação entre observações pessoais e medidas tomadas pela Justiça. Se considerarmos a segunda opção, os efeitos de sentido produzidos pela polêmica levantada poderão levar a candidata a duas direções: ou ela rompe com a ética partidária do PT segundo a qual não se recomenda comprometer a imagem pública do Partido e dos seus membros⁷⁷; ou ela opta pelo respeito à imagem pública de seu partido mas, em virtude disto, reconhece involuntariamente a sua culpa em relação a ser “condescendente” com a corrupção do PT.

A réplica dialógica antecipada da presidente Dilma Rousseff, presente nas palavras do jornalista, pode também ser explicada à luz dos conceitos de *tradução* e de *interincompreensão* propostos por Maingueneau (1997). Acho-as importantes porque reconhecemos nelas a influência do pensamento de Bakhtin (2014) sobre o teórico francês e, por isso, podemos estabelecer uma relação dialógica entre ambas as perspectivas.

Focalizemos, então, neste fragmento retirado das palavras de ambos os interlocutores:

- Dilma Rousseff:** Eu vou te falar uma coisa... Bonner... eu sou presidente da República. Eu... não faço NENHUMA OBSERVAÇÃO... sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal, por um motivo muito simples... sabe por que... Bonner? Porque A Constituição... ELA... exige... que o presidente da República... como exige dos demais... é... chefes de Poder... que NÓS RESPEITEMOS e/
- 10
15
- William Bonner:** Então a senhora condena a postura do PT nesse caso!
- Dilma Rousseff:** Eu não JULGO ações do Supremo. Eu tenho as minhas... opiniões pessoais.

Com base no trecho acima, consideraremos o entrevistador como representante do *discurso agente*, já que é ele quem exerce o papel de “tradutor” do enunciado do Outro, e Dilma Rousseff como representante do *discurso paciente*, aquele que será traduzido. Quando o entrevistador antecipa a réplica dialógica, ou na concepção de Maingueneau, “traduz” as palavras de sua interlocutora, ele assim o faz a partir de suas próprias categorias semânticas ou, em outras palavras, ele as interpreta de acordo com o seu ponto de vista, mobilizando o discurso da candidata num sentido que vai de encontro (integração) ao que foi por ele expresso. No entanto, podemos observar que esta tentativa do apresentador de integrar o discurso da

⁷⁷ Código de Ética do PT, art. 3º, parág. XIV.

entrevistada em seu discurso a partir de suas próprias apreciações valorativas gera um conflito resultante de um mal-entendido entre ambos os interlocutores, pois enquanto o entrevistador considera que não se posicionar perante os julgamentos do Supremo Tribunal, por parte da candidata, significa uma forma discreta de condenar a postura do PT em casos de corrupção, a entrevistada considera que o não posicionamento pessoal frente às investigações da Justiça significa agir de forma ética conforme deve ser a conduta de todo chefe de Poder.

Enfim, convém ressaltarmos que não faz parte de nosso propósito fazer uma análise minuciosa deste fragmento à luz de Maingueneau (1997), porém fizemos este paralelo porque reconhecemos que ambos os fenômenos, a tradução ligada à interincompreensão e a réplica antecipada com tons de PA, podem convergir-se à medida que consideram o discurso do outro como fator importante para a instauração de uma polêmica.

Feita a ressalva acima, foquemos novamente no trecho que serviu de base para a breve explanação dos três últimos parágrafos. Como havíamos anteriormente mencionado, este terceiro fragmento, voltado para o envolvimento de membros petistas em casos de corrupção e seus subsequentes julgamentos pelo Supremo Tribunal, representa aquele cuja tensão se mostrou mais significativa entre os interlocutores. Constatamos isto a partir das constantes sobreposições de vozes entre ambos os interlocutores, representadas pelas partes sublinhadas do texto, bem como pelas inúmeras entonações expressivas em determinadas palavras, representadas em caixa alta. Nesse contexto, acentua-se a tonalidade de uma polêmica explícita objetivando a refutação do discurso do outro, já que ambos, de certa forma, quebram as regras que conduzem as mudanças nos turnos de fala tendo em vista o seu próprio discurso.

A fim de analisarmos a PA nas palavras da candidata, tomemos, nesse caso, o enunciado “*Eu não JULGO as ações do Supremo. Eu tenho as minhas... opiniões pessoais*” (linha 17 e 18). A resposta da presidente contrapõe-se diretamente às palavras do mediador a partir da relação dissociativa entre os verbos *julgo* e *condena*, ambos pertencentes ao mesmo campo semântico (discurso jurídico). A partir desta réplica, a candidata reforça a ideia de que, como presidente da República, não deve expor seus posicionamentos em relação às ações do Supremo.

Chamemos a atenção para a pergunta subsequente do mediador, “*Mas e a ação do SEU PARTIDO... a senhora condena?*” (linhas 19 e 20). Neste contexto, podemos observar uma reorientação no discurso do jornalista, cuja pergunta poderia ser reformulada do seguinte modo: *Já que a senhora não pode julgar as ações do Supremo... então a ação do seu partido... a senhora condena essa ação?* Considerando-se esta reformulação na pergunta levantada pelo mediador, constatamos que o jornalista visa à inserção da candidata em uma dimensão

discursiva em que ela, enquanto presidente, apresente autoridade para falar e, portanto, possa responder satisfatoriamente à questão feita pelo mediador. Vale lembrarmos que, neste caso, não se deve entender uma *resposta satisfatória* como uma réplica que vá estabelecer uma ruptura na polemicidade em torno das questões levantadas, mas sim que há uma intencionalidade polêmica subjacente a estas questões, provocando, por conseguinte, uma resposta no mínimo, tensa, conforme analisamos no trecho a seguir:

- 20 **Dilma Rousseff:** Enquanto... Enquanto eu for presidente... eu... não EXTERNO... opinião... a respeito de julgamento do Supremo. E vou te dizer, Bonner (risos), não É... a primeira vez... que eu respondo isso. Eu, durante o processo INTEIRO, não... manifestei... NENHUMA opinião sobre o julgamento. Até porque respeito o julgamento.

Destacamos o trecho acima como um exemplo de PA contra o questionamento levantado pelo jornalista sobre a avaliação a ser feita pela entrevistada em relação às ações do PT. Antes de analisarmos as categorias presentes nesse turno de fala da candidata, observemos as seguintes imagens que acompanham a enunciação em destaque:

Figura 9 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 7



Fonte: Adaptado pela autora.

Se tomarmos essa sequência de imagens isoladamente de sua enunciação, consideraremos, à primeira vista, que se trata de um momento de descontração entre os participantes e, em virtude disto, tenha gerado um possível declínio na polemicidade em torno das questões debatidas ao longo da entrevista. No entanto, devemos ressaltar que é nesse contexto em que se instaura o ponto máximo de tensão entre entrevistador e entrevistada, o que se pode analisar através das marcas destacadas no trecho. As inúmeras pausas feitas pela candidata, por exemplo, revelam a sua tentativa de controle sobre as próprias palavras a fim de

garantir uma possível não contradição em relação ao que é questionado pelo mediador. Em “*Eu... durante o processo INTEIRO... não... manifestei... NENHUMA opinião sobre o julgamento. Até porque respeito o julgamento.*” (linhas 22 a 24), a candidata ratifica a sua réplica inicial no que concerne à conduta neutra a ser exercida por um presidente da República diante das ações da Justiça.

Considerando-se a última resposta dada pela entrevistada, observemos a seguir a última sequência de imagens a ser analisada nesse fragmento:

Figura 10 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 8



Fonte: Adaptado pela autora.

A sequência das quatro imagens acima representa o exato momento em que o entrevistador enuncia o enunciado “*Mas candidata... a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do SEU PARTIDO! Qual a sua posição a respeito do seu partido?*” (linhas 26 e 27). Destacamos esse enunciado como um exemplo de PA em virtude da contraposição feita pelo mediador em relação à resposta anterior dada pela entrevistada, o que pode ser corroborado pelo emprego do conectivo de valor adversativo *mas*. Ademais, é necessário ressaltarmos a importância das categorias não verbais para a construção da polêmica explícita nesta fala do mediador. A expressão fisionômica e o ato de bater repetidas vezes com as mãos na mesa revelam a irritação do jornalista e, conseqüentemente, a desaprovação em relação às respostas de sua interlocutora não corresponderem às questões discutidas, conforme constataremos também na réplica a seguir:

Dilma Rousseff: EU NÃO VOU TOMAR... tomar nenhuma posição, Bonner, que me coloque... em... confronto... conflito... é... ou... aceitando ou não. Eu RESPEITO a decisão da Suprema Corte brasileira. Isso NÃO É... uma questão subjetiva. Para mim
30 exercer o cargo de presidência... eu tenho de fazer isso

Nesse último trecho, podemos destacar que a candidata tem, em vista, manter uma coerência entre todas as suas réplicas voltadas para a pergunta inicial lançada pelo entrevistador, “[...] *isso não é ser condescendente com a corrupção?*”, por meio da qual se discute sobre o tratamento inadequado do PT em relação aos membros condenados por corrupção pelo Supremo Tribunal. Consideramos também essa última fala como um caso explícito de polêmica, já que a candidata, utilizando-se da mesma orientação discursiva, toma o discurso do mediador como objeto de refutação. O emprego do advérbio de negação *não* nos dois sintagmas verbais sublinhados evidenciam a PA, o que não só reforça a ideia de que a entrevistada sabe dissociar as questões subjetivas das decisões da Justiça, mas também evita uma possível contradição discursiva pretendida pela instauração do conteúdo polêmico lançado pelo entrevistador em cada pergunta.

Após as observações feitas sobre as polêmicas subjacentes à conduta do PT, focalizaremos, na seção seguinte, referente aos escândalos do Governo Federal em torno da saúde pública.

5.4.4 A situação atual da saúde pública no Brasil

Patrícia Poeta: Corrupção... não é o único problema. O seu governo diz que sempre investiu... MUITO... na área de saúde. E essa continua sendo EXATAMENTE a maior preocupação dos brasileiros... segundo uma pesquisa do Instituto Datafolha. Isso depois... de DOZE ANOS de governos do PT... ou
5 seja... mais de uma década... candidata. Não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos... não?

Dilma Rousseff: Olha... Patrícia... nós tivemos... e ainda temos MUITO problemas... problemas a enfrentar e desafios a enfrentar na Saúde. EU acredito que nós... ENFRENTAMOS... um dos MAIS graves desafios... que há na Saúde.
10 PORQUE NA SAÚDE... você... PRECISA de ter médicos. Pode ter tudo, se não TIVER MÉDICOS... NÃO TEM atendimento à saúde. TAMBÉM... é possível a gente... OLHAR A POPULAÇÃO... e ver nas PESQUISAS... que ela reclama SEMPRE reclamou da falta... de médicos. NÓS TIVEMOS uma atitude muito
15 corajosa. O Brasil tem uma das MENORES taxas... de MÉDICOS... por mil habitantes... 1,8. E ISSO... levou a uma carência... IMENSA de médicos da atenção básica... são os postos de saúde. É sabido que 80 POR CENTO... DOS PROBLEMAS DE SAÚDE da população... você... CONSEGUIE RESOLVER... na atenção básica. ENTÃO QUAL FOI A PROVIDÊNCIA que nós tomamos...
20 com MUITA RESISTÊNCIA... mas MUITA RESISTÊNCIA? Nós... primeiro... chamamos médicos brasileiros para atender. O NÚMERO? Precisávamos em torno de 14 mil médicos. O número veio... insuficiente... não tinha médicos suficientes FORMADOS no Brasil... com CONDIÇÕES de atender. Depois...
25 chamamos médicos... BRASILEIROS ou não... formados no interior individualmente. Na SEQUÊNCIA... também NÃO CHEGOU... a um número

- suficiente. Na SEQUÊNCIA... chamamos médicos... é/ CUBANOS, através da OPAS... e aí conseguimos chegar a 14.462... médicos... QUE... pelos dados da OMS... CORRESPONDEM... A... UMA CAPACIDADE de... ATENDIMENTO... de 50 MILHÕES de brasileiros.
- 30 **Patrícia Poeta:** Deixa eu fazer só um adendo aqui.
Dilma Rousseff: Cinquenta milhões de brasileiros não TINHAM atendimento médico... hoje têm. Agora NÓS ESTAMOS em uma SEGUNDA etapa.
Patrícia Poeta: Deixa eu só fazer um adendo que eu acho que é importante para os nossos telespectadores.
- 35 **Dilma Rousseff:** Perfeitamente... Patrícia.
Patrícia Poeta: A senhora diria que... então... diante dos nossos telespectadores... que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais (enumerando nos dedos)... muitas vezes são atendidos em macas... que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico... que a SITUAÇÃO da Saúde no nosso país hoje é
- 40 MINIMAMENTE razoável... depois de DOZE anos?
Dilma Rousseff: NÃO. Não acho... não acho... até porque... Patrícia... o Brasil precisa também de uma reforma federativa... porque há responsabilidades federais... estaduais e municipais. Nós assumimos... no caso dos Mais Médicos... o atendimento aos postos... de saúde como uma/uma responsabilidade
- 45 basicamente... nós assumimos como federal. Ela é uma responsabilidade compartilhada. Mas assumimos... como federal porque temos mais recursos.
AGORA veja o resto do raciocínio... Patrícia.
William Bonner: Nós vamos falar de economia hein?
Dilma Rousseff: Não. EU Vou falar de economia... tenho o maior prazer...
- 50 Bonner. É... Veja só... qual é a sequência disso. Agora nós consideramos que é MUITO importante duas coisas: PRIMEIRA... tratar das especialidades... criar as condições para o Brasil dar atendimento de especialidades... que são aquelas que nós sabemos...o ortopedista... o/o/o... ginecologista... o cardiologista... COM... exames mais rápidos. Assim como nós enfrentamos...
- 55 **William Bonner:** Candidata... desculpe a senhora... a senhora disse...
Dilma Rousseff: E resolvemos o problema dos 14 milhões... a/liás dos 50 milhões de brasileiros e dos 14 mil médicos... hoje nós temos já condição de resolver isso... porque DIMINUÍMOS a pressão... porque TODO MUNDO... que não era atendido num posto de saúde ia para uma UPA ou para um hospital.
- 60 **William Bonner:** Nós entendemos. Entendemos. Vamos à economia.
Patrícia Poeta É que a colocação... candidata... era/era DOZE anos! DOZE anos de governos três mandatos. Mas o Bonner quer falar sobre economia.
William Bonner: Vamos falar de economia porque é um tema importantíssimo.
- 65 **Dilma Rousseff:** Nestes três mandatos... a gente teve... não vamos esquecer... teve o Samu... que atende 149 milhões de brasileiros... e que não existia.
William Bonner: A SENHORA JÁ RESPONDEU à Patrícia dizendo que NÃO!... Não é minimamente razoável. A senhora disse isso. Então... vamos em frente.
Dilma Rousseff: Eu acho que... NÓS TEMOS que... melhorar a saúde... eu não
- 70 TENHO DÚVIDA disso. Nenhuma (Fragmento 4).

Essa seção tem, por objetivo, focalizar na inserção da polêmica a partir da tomada de discursos oficiais sobre a saúde pública no Brasil. Antes de iniciarmos a análise desse fragmento, faz-se necessário tecermos alguns comentários preliminares a respeito desse momento. Primeiramente, esse é a única seção, dentre as seis, a ser conduzida pela jornalista Patrícia Poeta. Segundo, destaquemos que a entonação prosódica dessa jornalista é a que mantém o maior controle emocional dentre os participantes ao longo de toda a entrevista, embora a presença da ênfase entonacional sobre algumas palavras e a ocorrência de gestos expressivos sejam importantes para revelar o posicionamento ideológico da entrevistadora. Por

fim, considerando-se que, até o final da entrevista, teremos as três vozes presentes, adotaremos o signo *interlocutora 1*, para referir-se à jornalista, e *interlocutora 2*, para referir-se à candidata entrevistada.

Focalizemos, então, nas palavras da entrevistadora. Podemos observar que, já na afirmação inicial, “*Corrupção não é o único problema [...]*” (linha 1), revela-se um posicionamento avaliativo da jornalista em relação ao Governo da candidata. A própria estrutura sintática do enunciado como um todo, a saber, o emprego de substantivos (*corrupção/problema*) com sentidos negativos, o uso do adjetivo *único* e do advérbio *não*, corroboram para evidenciar a polemicidade em torno da questão a ser discutida pela jornalista. Consideramos estas palavras iniciais da interlocutora 1 como um exemplo de PV para, em seguida, irromper em PA, uma vez que ela, primeiramente, foca no objeto semântico *Corrupção não é o único problema* para, a *posteriori*, voltar-se ao discurso refutável da interlocutora 2.

Na subsequente afirmação de Patrícia Poeta, há a mobilização de um discurso citado indireto em: “[...] *O seu governo diz que sempre investiu MUITO na área de saúde. E essa continua sendo EXATAMENTE a maior preocupação dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Datafolha*” (linhas 1 a 4). Nesse contexto, compreendemos que a polêmica instaurada pela interlocutora 1 se dá de modo explícito, pois, ao dirigir-se para o objeto semântico *o seu governo*, é, na verdade, para o próprio discurso refutável da candidata a quem a primeira se dirige, uma vez que a entrevistada representa todos os membros e, por conseguinte, é responsável por todas as decisões de seu governo. A PA, nesse caso, é reforçada pelo emprego do conectivo de valor adversativo *E*, o qual relaciona duas ideias antagônicas, conforme podemos observar no esquema a seguir:

Quadro 5 – Discurso oficial do Governo x Discurso oficial do Datafolha

Discurso oficial do Governo	Discurso oficial do Datafolha
<i>O seu governo diz que sempre investiu MUITO na área de saúde.</i>	<i>E essa continua sendo EXATAMENTE a maior preocupação dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Datafolha.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio dessa contraposição de ideias e da recorrência a uma voz de autoridade (Datafolha), cujo discurso se constitui com base em pesquisas estatísticas, podemos constatar uma dupla tentativa da entrevistadora: não só desmistificar o discurso oficial do governo no que tange aos cuidados com a saúde pública no Brasil, como também recolher-se em nome da ética jornalística e, assim, refratar a imagem de um jornalismo que se posiciona imparcialmente perante os fatos.

Atentemos também para a entonação prosódica nos advérbios MUITO e EXATAMENTE. Em ambas as palavras, mantém-se uma relação dialógica de divergência, pois, ao passo que a primeira visa a intensificar a ação de *investir* na área de saúde, por parte do governo, a segunda põe em xeque o discurso oficial do governo, já que a saúde continua sendo o maior problema na opinião dos brasileiros. Ainda em relação à entonação enfática na fala da jornalista, a PA se reflete principalmente na palavra destacada na seguinte afirmação: “*Isso depois de DOZE anos de governo do PT*” (linha 4). Por meio dessa ênfase e, associado à coloquialidade da pergunta “*Não foi tempo suficiente para colocar esses problemas nos trilhos não?*” (linhas 5 e 6), a interlocutora 1 chama atenção sobre o tempo de governo exercido pela entrevistada, refratando, desse modo, a ideia de que a não resolução dos problemas da saúde pública em um período de três mandatos pode definir-se como um verdadeiro absurdo. A seguir, focalizemos a réplica de Dilma Rousseff como um exemplo de polêmica velada:

Dilma Rousseff: Olha... Patrícia... nós tivemos... e ainda temos MUITO problemas... problemas a enfrentar e desafios a enfrentar na Saúde. EU acredito que nós... ENFRENTAMOS... um dos MAIS graves desafios... que há na Saúde. PORQUE NA SAÚDE... você... PRECISA de ter médicos. Pode ter tudo, se não
 10 TIVER MÉDICOS... NÃO TEM atendimento à saúde. TAMBÉM... é possível a gente... OLHAR A POPULAÇÃO... e ver nas PESQUISAS... que ela reclama SEMPRE reclamou da falta... de médicos. NÓS TIVEMOS uma atitude muito corajosa. O Brasil tem uma das MENORES taxas... de MÉDICOS... por mil
 15 habitantes... 1,8. E ISSO... levou a uma carência... IMENSA de médicos da atenção básica... são os postos de saúde. É sabido que 80 POR CENTO... DOS PROBLEMAS DE SAÚDE da população... você... CONSEGUE RESOLVER... na atenção básica. ENTÃO QUAL FOI A PROVIDÊNCIA que nós tomamos... com MUITA RESISTÊNCIA... mas MUITA RESISTÊNCIA? Nós... primeiro...
 20 chamamos médicos brasileiros para atender. O NÚMERO? Precisávamos em torno de 14 mil médicos. O número veio... insuficiente... não tinha médicos suficientes FORMADOS no Brasil... com CONDIÇÕES de atender. Depois... chamamos médicos... BRASILEIROS ou não... formados no interior individualmente. Na SEQUÊNCIA... também NÃO CHEGOU... a um número
 25 suficiente. Na SEQUÊNCIA... chamamos médicos... é/ CUBANOS, através da OPAS... e aí conseguimos chegar a 14.462... médicos... QUE... pelos dados da OMS... CORRESPONDEM... A... UMA CAPACIDADE de... ATENDIMENTO... de 50 MILHÕES de brasileiros.

Consideramos essa réplica da candidata como um exemplo de PV, uma vez que ela direciona todo o seu discurso para o seu próprio objeto, ou seja, *os desafios enfrentados e as conquistas na área da saúde durante o seu governo*. Vale salientarmos que, por meio de sua resposta, a candidata pretende mostrar que também está a par dos dados obtidos através das pesquisas. Podemos constatar esta informação a partir do enunciado “*TAMBÉM... é possível a gente... OLHAR A POPULAÇÃO... e ver nas PESQUISAS... que ela reclama SEMPRE*

reclamou da falta... de médicos” (linhas 11 a 13), assim como a partir dos dados estatísticos apresentados.

Notemos que a interlocutora 2 avalia como “*muito corajosa*” (linha 14) a atitude do governo no que tange à contratação de mais de 14 mil médicos para atender à população na atenção básica (postos de saúde), um número considerado superior ao exigido, se considerarmos que, inicialmente, o Brasil só apresentava uma taxa de 1,8 médicos para cada mil habitantes. Com isto, a entrevistada refrata a visão de que seu governo conhece as principais queixas do brasileiro, bem como sabe cuidar da saúde da população. Esse posicionamento axiológico pode ser também observado na ênfase prosódica dada em suas palavras: através dessa entonação prosódica, a candidata chama a atenção para o fato de que ela enxerga o sofrimento da população nas pesquisas em relação à saúde, e é por estar ciente dessa problemática que o seu governo tem trabalhado a fim de garantir melhorias para a saúde pública.

Destaquemos novamente o discurso citado indireto em “[...] e ver nas PESQUISAS que ela (a população) SEMPRE reclamou da falta... de médicos [...]” (linhas 13 e 14). Por meio dessa afirmação, a entrevistada faz uma ressalva em relação a afirmação da jornalista de que os problemas na área da saúde continuam sendo a maior preocupação dos brasileiros. Comprendemos que, por meio desse discurso citado indireto, a candidata não só polemiza contra o discurso da jornalista, mas refrata a ideia de que a interlocutora 2 não está levando os fatos de modo contextualizado para os telespectadores.

A seguir, apresentemos uma sequência de 6 imagens que retratam o momento de intervenção da jornalista após a réplica de Dilma Rousseff:

Figura 11 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 9



Fonte: Adaptado pela autora.

As imagens acima acompanham a réplica de Patrícia Poeta após a afirmação da entrevistada de que, naquele contexto, cinquenta milhões de brasileiros apresentavam atendimento médico. Antes de analisarmos essas imagens, faz-se necessário retomarmos a noção de um *terceiro espectador*, na perspectiva de Maingueneau (2010), ou de *superdestinatário*, na perspectiva de Bakhtin/Volochínov (2009). Ambas as propostas compartilham a ideia de que, durante a interação discursiva, outras vozes sociais devem ser consideradas, ainda que não estejam presentes no contexto imediato, já que em alguns casos (uma entrevista política, por exemplo), são exatamente essas outras vozes que os participantes pretendem atingir.

Em relação à réplica de Patrícia Poeta, “*Deixa eu só fazer um adendo que eu acho que é importante para os nossos telespectadores*” (linhas 33 e 34), a jornalista deixa explícito que o seu discurso, neste contexto, volta-se para este *terceiro espectador* ou *superdestinatário*, refratando, assim, o posicionamento ideológico de um jornalismo que sabe representar os interesses do público-alvo, principalmente daqueles mais desvalorizados pela sociedade. Este direcionamento para o telespectador fica mais evidente na seguinte fala que acompanha a sequência das imagens expostas: “*A senhora diria que... então... diante dos nossos*

telespectadores... que hoje enfrentam filas e filas nos hospitais... muitas vezes são atendidos em macas... que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico... que a SITUAÇÃO da Saúde no nosso país HOJE é MINIMAMENTE razoável... depois de DOZE anos?” (linhas 36 a 40). Na sequência 1 e 2 das imagens, a jornalista direciona o seu olhar para a câmera, demonstrando, deste modo, que pretende situar os telespectadores dentro do contexto imediato; na sequência 3 e 4, a jornalista enumera com os dedos os problemas enfrentados pelos brasileiros no que concerne à questão da saúde pública, problemas estes representados, no plano linguístico, pelas orações subordinadas adjetivas destacadas no trecho; e na sequência 5 e 6, a entrevistadora redireciona seu olhar e aponta para a entrevistada no momento em que enuncia o signo *Doze*, revelando indignação perante a afirmação de que a situação da saúde pública melhorou no Brasil.

A partir do objeto semântico *Situação da Saúde no Brasil dos dias atuais*, podemos observar que se formam duas vozes conflitantes, as quais serão sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 6 - Discursos oficiais antagônicos sobre a saúde pública no Brasil

Situação da Saúde no Brasil dos dias atuais	
Patrícia Poeta (em nome do Jornal Nacional)	Dilma Rousseff (em nome do Governo)
A situação da saúde no Brasil hoje é minimamente razoável.	A situação da saúde no Brasil melhorou consideravelmente com a ampliação da contratação de mais de 14 mil médicos para atender 50 milhões de brasileiros.

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre esse imbricamento de dois posicionamentos axiológicos para um mesmo objeto referente, consideramos a mobilização de uma PA nas palavras da jornalista, uma vez que esta toma o próprio discurso da candidata para mostrar ao telespectador que doze anos seria um período suficiente (e não minimamente razoável) para colocar os problemas na área da saúde *nos trilhos*.

Analisemos mais um caso de PA, presente na réplica da entrevistada: “*Não! Não acho... não acho... até porque... Patrícia... o Brasil precisa também de uma reforma federativa... porque há responsabilidades federais... estaduais e municipais [...]*” (linhas 41 e 43). Por meio da construção sintática “Não acho”, a candidata polemiza abertamente contra o discurso segundo o qual as melhorias na área da saúde no Brasil são minimamente razoáveis após doze anos. Também podemos observar que, através de sua réplica, a candidata procura chamar a atenção para o fato de que o compromisso para garantir a saúde pública não compete apenas à esfera federal, mas se estende tanto ao nível estadual como municipal. Desse modo, a candidata refrata a ideia de que o governo, em nível federal, cumpre com a sua parte, cabendo

às demais esferas que exerçam também as suas responsabilidades a fim de proporcionar melhores condições para a saúde pública. A seguir, vejamos a primeira intervenção do jornalista William Bonner nesse contexto:

Figura 12 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 10



Fonte: Adaptado pela autora.

A figura acima evidencia o momento em que o entrevistador interrompe a réplica da entrevistada com o enunciado “*Nós vamos falar de economia hein?*” (linha 48). Observemos o olhar e o gesto de apontar na mão esquerda do jornalista. Ambas as expressões não verbais, atreladas ao termo “*hein*”, reforçam o tom de ameaça por parte do entrevistador em relação à entrevistada. Com base nessa associação verbo-visual, subjaz a informação de que a entrevista ainda não chegou ao ápice no que concerne aos assuntos polêmicos em torno do governo federal. Esse subentendido pode também ser observado na resposta da candidata, que, por meio do enunciado “*Não. Vou falar de economia... tenho o maior prazer, Bonner [...]*” (linhas 49 e 50), instaurador de uma PA, visa a mostrar que ela é a voz de autoridade em relação ao tema *Economia* e que, portanto, sente-se segura para falar sobre o assunto.

Após as palavras ditas por William Bonner e que foram analisadas no parágrafo anterior, é importante salientarmos que o tempo referente ao objeto *Saúde pública* já houvera esgotado, provocando, por consequência, a sobreposição das vozes entre cada participante: a entrevistada, dando continuidade às informações referentes ao trabalho feito na área da Saúde; o entrevistador, tendo em vista a discussão sobre o tema *Economia*; a entrevistadora, demonstrando insatisfação perante a resposta da entrevistada. Sobre a interlocutora 2, podemos constatar esta desaprovação observando a próxima sequência de imagens:

Figura 13 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 11



Fonte: Adaptado pela autora.

Nessa sequência, as imagens retratam o momento em que a jornalista enuncia o enunciado “*É que a colocação... candidata... era DOZE anos. DOZE ANOS de governo. TRÊS mandatos [...]*” (linhas 61 e 62). Compreendemos este enunciado como um exemplo de PV, já que a jornalista polemiza indiretamente contra o discurso de Dilma Rousseff, ou seja, por meio do objeto semântico *período de mandatos governado pela entrevistada*. Observemos, nesta sequência, os gestos das mãos da jornalista: os gestos referentes à primeira e à segunda parte da sequência, os quais acompanham o signo *doze*, e os gestos da terceira parte, que acompanham o signo *três mandatos*, revelam o assombro da entrevistadora devido a esse

período não ter sido o suficiente para resolver os principais problemas enfrentados pelos brasileiros no que tange à saúde pública.

A seguir, retomemos as réplicas finais em relação ao tema *Saúde pública*:

- William Bonner:** Vamos falar de economia porque é um tema importantíssimo.
- 65 **Dilma Rousseff:** Nestes três mandatos... a gente teve... não vamos esquecer... teve o Samu... que atende 149 milhões de brasileiros... e que não existia.
- William Bonner:** A SENHORA JÁ RESPONDEU à Patrícia dizendo que NÃO!... Não é minimamente razoável. A senhora disse isso. Então... vamos em frente.
- 70 **Dilma Rousseff:** Eu acho que... NÓS TEMOS que... melhorar a saúde... eu não TENHO DÚVIDA disso. Nenhuma .

Nesse contexto, há uma sobreposição de vozes entre os participantes devido ao avanço sobre a duração para cada pergunta e resposta⁷⁸. A segunda réplica do entrevistador revela irritação em relação à resposta dada pela candidata. Podemos constatar esta informação com base na entonação enfática atribuída pelo jornalista ao enunciado “*A SENHORA JÁ RESPONDEU à Patrícia dizendo que NÃO!... Não é minimamente razoável. A senhora disse isso...*” (linhas 67 e 69), o qual consideramos como um exemplo de PA, já que esta resposta dada pela candidata contrapõe-se explicitamente ao questionamento levantado pela interlocutora 1 em relação à não resolução dos principais problemas na área da saúde pública em um período de doze anos. Sobre esta réplica do jornalista, faz-se necessário enfatizar que este desconsidera toda a explicação feita pela entrevistada, orientando o seu discurso, nesse caso, à conclusão de que é a própria candidata quem afirma ser a situação da saúde pública no Brasil minimamente razoável num período de três mandatos. Por fim, na réplica final, “*Eu acho que... NÓS TEMOS que... melhorar a saúde [...]*” (linha 70), podemos observar um aparente ponto de consenso entre o discurso da entrevistada e dos entrevistadores. Tal consenso não significa, a nosso ver, um rompimento da polemicidade em torno da temática discutida, uma vez que, das palavras finais da candidata, podemos depreender duas apreciações: não só refratar a imagem de um governo que reconhece a necessidade de melhorar em relação à saúde pública, como também mostrar, aos seus interlocutores, que, como presidente da República, têm direito à palavra final.

A seguir, analisaremos a polemicidade em torno da temática *Economia*.

⁷⁸ Convém lembrarmos que o tempo de duração para a discussão sobre cada temática era de um minuto e meio, conforme fora estabelecido por William Bonner na introdução desta entrevista.

5.4.5 A situação atual da Economia no Brasil

- William Bonner:** Vamos em frente: economia. A inflação, neste momento, a inflação anual tá NO TETO... daquela... meta estabelecida pelo governo... está em 6,5%. A economia... ENCOLHEU... 1,2% no segundo TRÍmestre desse ano e tem uma projeção de crescimento... BAIXÍSSIMA... para esse ano... MENOR
- 5 do que 1%. O superávit do primeiro semestre desse ano foi o pior dos últimos 14 anos. Quando a senhora é confrontada com estes números RUINS... a senhora diz que eles são produtos... são resultado de uma crise INTERNACIONAL... aliás... a senhora diz até que eles NEM SÃO tão ruins assim... porque a senhora lembra o caso das demissões de MILHÕES na Europa e o fato de o Brasil ter hoje
- 10 uma situação... praticamente... de pleno emprego. Aí quando os analistas dizem que 2015... ano que vem... vai ser um ano DIFÍCIL... um ano de ACERTOS de casa... que é preciso ARRUMAR a economia brasileira e portanto isso vai impor algum sacrifício... vai ser um ano duro... a senhora diz que isso... É
- 15 PESSIMISMO. E AÍ EU LHE PERGUNTO: a senhora considera justo... ORA... olhando para os números da economia... ORA... CULPAR... o pessimismo... ORA CULPAR... a crise internacional pelos problemas? Ah/ O seu governo não tem nenhum papel... nenhuma RESPONSABILIDADE nos resultados que estão aí?
- 20 **Dilma Rousseff:** Oh Bonner... PRIMEIRO,...nós enfrentamos a crise... pela PRIMEIRA vez no Brasil... NÃO DESEMPREGANDO... NÃO ARROCHANDO os salários... NÃO AUMENTANDO os tributos... pelo contrário... DIMINUÍMOS. REDUZIMOS e desoneramos a folha. REDUZIMOS... a:: incidência de tributos sobre a cesta básica. NÓS... É/
- 25 ENFRENTAMOS a crise... TAMBÉM... sem demitir. Qual era o padrão anterior...
- William Bonner:** Mas o resultado... no momento... É MUITO RUIM... candidata.
- Dilma Rousseff:** Não... o resultado no momento... veja bem...
- 30 **William Bonner:** Inflação ALTA (contando nos dedos)... indústrias com estoques ELEVADOS... ameaça de desemprego ali na frente.
- Dilma Rousseff:** Veja bem... Bonner. Eu não sei... eu não sei da onde que estão seus dados... mas nós estamos...
- William Bonner:** Da indústria... candidata.
- 35 **Dilma Rousseff:** Só um pouquinho. Nós temos duas coisas acontecendo. Nós temos uma melhoria prevista no segundo semestre. Vou te dizer por quê. Primeiro.
- William Bonner:** Isso não é ser otimista em contrapartida ao pessimismo que a senhora critica?
- 40 **Dilma Rousseff:** Não. Não. Você sabe... Bonner... tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes e os índices que... evidenciam como é que é a situação atual. O que que são os índices antecedentes... por exemplo? A quantidade... de papelão que é comprada... a quantidade de energia elétrica consumida... a quantidade de carros que são vendidos. TODOS esses índices
- 45 indicam UMA recuperação no segundo semestre... VIS-A-VIS ao primeiro. Além disso... a INFLAÇÃO... Bonner... CAI... DESDE ABRIL... e AGORA... ela atinge... HOJE... se você não olhar pelo retrovisor... e olhar pelo que está acontecendo hoje... ELA ATINGE... 0 POR CENTO. Zero. O último dado do IPC-S que saiu... se não me engano hoje ou ontem... chegou a 0,08%. O que eu
- 50 estou dizendo... é o seguinte... o Brasil...
- William Bonner:** Candidata, nosso tempo...
- [...] (Fragmento 5).

Essa seção tem, por foco de análise, a instauração da PA e da PV na discussão acerca do conteúdo referencial *Economia*. Averiguando este fragmento, podemos destacar a inserção dessas polêmicas discursivas a partir das seguintes categorias:

Quadro 7 – Economia: análise de PAs e PVs por categorias

William Bonner		Dilma Rousseff	
Polêmica aberta	Polêmica velada	Polêmica aberta	Polêmica velada
Categorias verbais		Categorias verbais	
Nomeação/adjetivação; Discurso citado indireto; Conectivo com valor adversativo.	Apresentação de dados estatísticos; Recorrência a vozes de autoridade (analistas da economia e indústria).	Emprego do advérbio de negação <i>não</i> .	Nomeação/adjetivação; Construções sintáticas gerundivas.
Categorias não verbais		Categorias não verbais	
Gestos; Entonação enfática; Expressões fisionômicas.	Gestos; Entonação enfática; Expressões fisionômicas.	Gestos; Entonação enfática; Expressões fisionômicas.	Gestos; Entonação enfática; Expressões fisionômicas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a exposição do quadro acima, analisemos a instauração da PV nas palavras iniciais do jornalista William Bonner. Consideramos as informações referentes às linhas 1 a 6 como uma sinalização de PV, devido à concentração do interlocutor em limitar-se aos números relacionados à atual situação econômica no Brasil. Observemos que, logo no início, William Bonner coloca duas informações antagônicas no que tange à economia brasileira na atualidade: a inflação está no teto, ao passo que a economia encolheu consideravelmente no primeiro trimestre (1,2 %), além de apresentar uma projeção baixíssima para o mesmo ano. A recorrência à expressão popular “[...] *está no teto* (linha 1 e 2), o qual propicia um certo grau de informalidade à entrevista e, por consequência, a proximidade com os telespectadores, a entonação enfática atribuída a esta expressão popular, bem como aos adjetivos *baixíssima* (linha 4), *menor* (linha 4) e *ruins* (linha 6), evidenciam o posicionamento axiológico do apresentador, refratando uma avaliação negativa em relação ao governo atual, com base nos dados apresentados.

Na sequência, a fala do entrevistador irrompe em PA, conforme podemos observar através do discurso citado indireto presente em: “[...] *Quando a senhora é confrontada com estes números RUINS... a senhora diz que eles são produtos... são resultado de uma crise INTERNACIONAL... aliás... a senhora diz até que eles NEM SÃO tão ruins assim [...]*” (linhas 6 a 8); e no trecho “[...] *Aí quando os analistas dizem que 2015... ano que vem... vai ser um ano DIFÍCIL... um ano de ACERTOS de casa... que é preciso ARRUMAR a economia brasileira e*

portanto isso vai impor algum sacrifício... vai ser um ano duro... a senhora diz que isso... É PESSIMISMO” (linhas 10 a 15). Em ambos os casos, podemos constatar que dois discursos são abertamente confrontados: os números oficiais apresentados pelos analistas da economia, os quais consideram que essa área precisa de uma reforma política no Brasil, e a avaliação da entrevistada acerca destes números, os quais não podem ser encarados de forma tão negativa, já que o Brasil passa por uma situação plena de emprego ao passo que o mundo passa por uma crise internacional.

Outro caso de PA pode ser observado na pergunta feita pelo jornalista no que tange ao papel exercido pelo Governo federal na área da economia (linhas 15 a 19). Ao questionamento do apresentador, subjaz uma avaliação depreciativa em relação ao Governo, por considerar que este não assume a sua responsabilidade em relação aos números negativos no atual panorama econômico do país.

Destaquemos, a seguir, um caso de PV na réplica da candidata. Constatamos a réplica inicial da entrevistada (linhas 20 a 24) como um exemplo de polêmica velada em virtude de sua preocupação em apresentar, aos seus interlocutores, as informações referentes ao papel exercido pelo governo para enfrentar a crise financeira. Observemos que, por meio do enunciado “[...] *não desempregando... não arrojando os salários... não aumentando os tributos... pelo contrário... diminuímos... reduzimos e desoneramos a folha [...]*” (em que cada ação é enumerada nos dedos), a interlocutora 2 chama a atenção para os avanços apresentados pelo Governo na área da economia, refratando, assim, a imagem de um governo capaz de superar a crise mundial.

Novamente atentemos para um caso de PA na subsequente réplica de William Bonner: “*Mas o resultado... no momento... É MUITO RUIM... candidata*” (linhas 27 e 28). A PA, nesse contexto, torna-se evidente devido ao emprego do conectivo de valor adversativo logo no início da fala, o qual relaciona dois discursos antagônicos: os resultados positivos na área da economia, apresentados pela entrevistada; os resultados negativos na área da economia, apresentados pelos analistas. A intervenção do jornalista provoca uma inserção de PA na réplica seguinte da candidata, conforme podemos perceber em “*Não... o resultado no momento, veja bem [...]*”. Devemos ressaltar que essas duas últimas réplicas (linha 29) e as réplicas seguintes (linhas 30 a 34) são sobrepostas, conforme podemos observar nas seguintes imagens:

Figura 14 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 12



Fonte: Adaptado pela autora.

A primeira imagem da sequência sinaliza o momento em que o jornalista interrompe a fala da candidata (linhas 28 e 29); as imagens subsequentes evidenciam o contexto em que o interlocutor enumera os pontos negativos do Governo em relação à economia (linhas 30 e 31). Simultaneamente a essa intervenção do jornalista, observemos os gestos nas mãos da entrevistada: por meio destas expressões não verbais (a entrevistada estende a mão para o seu interlocutor e eleva a voz), a candidata visa a garantir o seu turno de fala, revelando insatisfação diante da dupla intervenção do jornalista.

A seguir, analisemos mais uma caso de réplicas sobrepostas.

- Dilma Rousseff:** Não... o resultado no momento... veja bem...
- 30 **William Bonner:** Inflação ALTA (contando nos dedos)... indústrias com estoques ELEVADOS... ameaça de desemprego ali na frente.
- Dilma Rousseff:** Veja bem... Bonner. Eu não sei... eu não sei da onde que estão seus dados... mas nós estamos...
- William Bonner:** Da indústria... candidata.
- 35 **Dilma Rousseff:** Só um pouquinho. Nós temos duas coisas acontecendo. Nós temos uma melhoria prevista no segundo semestre. Vou te dizer por quê. Primeiro.
- William Bonner:** Isso não é ser otimista em contrapartida ao pessimismo que a senhora critica?

Nesse trecho, podemos fazer algumas observações importantes em relação à introdução de PAs e PVs. Primeiramente, destaquemos um caso de PV na réplica do jornalista (linha 34), já que este se recolhe diante do discurso de sua interlocutora por meio da recorrência a uma voz de autoridade (a indústria), refratando, deste modo, o posicionamento avaliativo de um jornalista que sabe manter a imparcialidade perante os fatos. A PV também pode ser observada na resposta da entrevistada (linhas 35 a 37), uma vez que essa direciona o seu discurso para o seu próprio objeto, ou seja, à previsão de melhorias na área da economia para o semestre posterior. Por fim, destaquemos uma réplica dialógica antecipada da voz do outro, conforme observamos nas linhas 38 e 39. Por meio dessa réplica antecipada, o jornalista ressignifica o discurso da candidata, como se a resposta para o seu questionamento estivesse implicado na própria resposta da presidente. Dessa pergunta, podemos constatar uma avaliação negativa do jornalista em relação ao discurso da candidata, visto que, na concepção do apresentador, os números apresentados pelos analistas e pela indústria não permitem uma visão positiva, visão esta axiologicamente refratada pela entrevistada.

Na última fala da candidata (linhas 40 a 50), podemos destacar um caso de PA que, em seguida, irrompe em PV. A polêmica aberta, nesse contexto, destaca-se pelo emprego do advérbio de negação *não*, por meio do qual a entrevistada polemiza explicitamente contra o questionamento levantado pelo apresentador, segundo o qual a candidata se mostra otimista diante do pessimismo em torno dos números inicialmente levantados sobre a economia. A PV instaura-se à medida que a candidata restringe o seu discurso na apresentação de algumas informações referentes ao trabalho executado pelo governo na área da economia. A partir desta PV, a candidata visa a refratar uma avaliação positiva do seu governo, de que esse consegue exercer um trabalho capaz de produzir tantos avanços mesmo em meio a uma profunda crise econômica internacional.

Considerando-se esta seção de um modo geral, devemos também ressaltar sobre a importância atribuída ao objeto referencial *tempo* por parte dos interlocutores o qual, a nosso

ver, contribui para a dimensão polêmica durante esse subtópico. Observemos que enquanto o apresentador enxerga o futuro à luz do presente, ou seja, aponta para os números negativos atuais que, segundo ele (e reforçado por dados da Indústria), repercutirão de forma também negativa no futuro da economia do país, a entrevistada interpreta a tríade *presente-passado-futuro* a partir dos avanços do Governo na atualidade se comparados à realidade econômica do mundo atual, refratando a ideia de que o Brasil, em meio a tantas crises econômicas, poderá ainda avançar satisfatoriamente no semestre seguinte.

Em suma, podemos sintetizar algumas das refrações dialógicas analisadas nessa seção, conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 – Perspectivas antagônicas sobre o tema *Economia brasileira*

Situação da economia brasileira na atualidade	
Perspectiva do entrevistador	Perspectiva da entrevistada
Avaliação negativa em relação ao papel exercido pelo governo na área da economia: o governo é responsável pelos déficits na economia.	Avaliação positiva em relação ao papel exercido pelo governo na área da economia: o governo mostra-se capaz de avançar, em contrapartida à crise econômica internacional.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise das polêmicas discursivas em cada seção, passemos para as considerações finais da entrevista.

5.4.6 Projetos prioritários do governo Dilma

- William Bonner:** Candidata, nosso tempo...
Patrícia Poeta: (O tempo está acabando, candidata.)
Dilma Rousseff: ACABOU?
William Bonner: É.
 5 **Dilma Rousseff:** Desculpa.
William Bonner: É que nós temos... Eu quero garantir a senhora o seu tempo de 1 minuto e meio.
Dilma Rousseff: O meu 1 minuto?
William Bonner: Exato.
 10 **Patrícia Poeta:** Que agora já diminuiu.
William Bonner: Os seus projetos prioritários.
Dilma Rousseff: Eu só estou querendo dizer que... pra mim... NÓS estamos SUPERANDO a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir... gerando emprego e renda.
 15 **William Bonner:** Seus projetos prioritários.
Dilma Rousseff: Olha... Bonner... eu fui eleita para DAR continuidade aos avanços do governo Lula.
 AO MESMO TEMPO nós PREPARAMOS o Brasil... para um NOVO CICLO de crescimento. O Brasil moderno... MAIS inclusivo... MAIS produtivo... MAIS competitivo. NÓS... CRIAMOS... as condições para o país dar um salto... colocando a educação no centro de tudo. E isso significa... Bonner... que nós... queremos continuar a ser... um país de classe média. Cada vez maior a participação da classe média... MAIS oportunidades para todos.

- William Bonner:** O tempo... 15 minutos e meio.
- 25 **Patrícia Poeta:** Para concluir candidata... nosso tempo já esgotou.
Dilma Rousseff: Queria concluir dizendo o seguinte: eu acredito no Brasil. Acho que... mais do que nunca... TODOS NÓS precisamos acreditar no Brasil e diminuir o pessimismo. E...
Patrícia Poeta: OK... obrigada candidata.
- 30 **Dilma Rousseff:** E peço o voto dos/dos... telespectadores e...
William Bonner: E nós agradecemos a COMPREENSÃO. A compreensão por ter que interromper.
Dilma Rousseff: Peço o voto para o Brasil continuar avançando. Também compreendo e suspendo a minha fala.
- 35 **Patrícia Poeta:** Nós temos que encerrar.
Rousseff: Muito obrigado.
William Bonner: Eu que agradeço a sua presença no Jornal Nacional (Fragmento 6).

Conforme as próprias palavras do jornalista William Bonner, essa última parte da entrevista é reservada para a exposição das principais propostas governamentais da candidata caso ela seja eleita. Devemos enfatizar que essa seção final é a que mais vai de encontro à caracterização de entrevista política proposta por Charaudeau (2015a), já que, só nesse momento, a entrevistada pode exercer o papel de representante de si mesma e de seu governo, a partir do direito de expor seus projetos de Governo.

Convém ressaltarmos que essa seção é também marcada por várias interlocuções dos entrevistadores, conforme podemos observar a partir das inúmeras sobreposições de fala, impedindo, assim, a entrevistada de dar prosseguimento a sua fala final. Logo na parte inicial dessa seção (linhas 1 a 16), notemos que William Bonner chama a atenção da entrevistada para a questão do direito ao minuto e meio para falar, embora não seja isso o que ocorre. Constatamos isso por meio da interlocução “*Que agora já diminuiu*” (Patrícia Poeta), caracterizando-se como uma interrupção descortês, uma vez que a candidata torna-se inviabilizada de exercer o seu direito de fala nesse tempo estabelecido.

Considerando-se toda a entrevista como um único enunciado-concreto constituído por diversas réplicas dialógicas, destacamos as palavras da entrevistada (linhas 16 a 23) como um exemplo de PV, devido a sua restrição em apresentar os avanços no país durante o seu primeiro mandato na área da economia, da educação e da inclusão social. A partir dessa PV, a entrevistada visa a refratar a apreciação valorativa de um governo que tem se esforçado para oferecer mais oportunidades, principalmente, à classe média.

Podemos observar um caso de PA nas seguintes palavras da entrevistada: “*Queria concluir dizendo o seguinte: eu acredito no Brasil. Acho que... mais do que nunca... TODOS NÓS precisamos acreditar no Brasil e diminuir o pessimismo. E...*” (linhas 26 e 28). Ao

enunciar essas palavras, a candidata polemiza explicitamente contra o discurso daqueles (os analistas) que avaliam como bastante negativa a economia brasileira para o ano seguinte. Nesse sentido, a entrevistada pretende transpassar, para os seus interlocutores, uma tranquilidade em relação ao futuro do Brasil.

A seguir, atentemos para a imagem que sinaliza o momento de despedida entre os participantes (linhas 30 a 35).

Figura 15 – Entrevista do Jornal Nacional com Dilma Rousseff: Sequência 13



Fonte: Adaptado pela autora.

Pela imagem, podemos observar uma troca de sorrisos entre os participantes, o que pode ser considerado como uma atitude previsível e de polidez na finalização de uma entrevista. No entanto, queremos chamar a atenção para as réplicas que acompanham o exato momento dessa situação sociointerativa: a réplica da entrevistada é bruscamente interrompida pelos entrevistadores, inviabilizando-a de finalizar a exposição de seus projetos prioritários caso seja reeleita. A nosso ver, a essa tomada no turno de fala dos entrevistadores subjaz uma tentativa da emissora jornalística de impor-se como a voz final durante a entrevista e, por conseguinte, deslegitimar o discurso da entrevistada perante os telespectadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos discutir e analisar a importância das polêmicas discursivas *aberta* e *velada* como fenômenos que permitem a refração de diversos posicionamentos axiológicos em uma determinada situação sociodiscursiva.

Para isso, consideramos o princípio dialógico de que todas as nossas palavras tendem a revestir-se de algo novo, uma vez que todos nós, enquanto sujeitos discursivos, constituímos-nos a partir de relações alteritárias, ou seja, da nossa relação com o outro, de modo que as nossas vozes sejam, inevitavelmente, povoadas do discurso alheio. E nessa relação entre o *eu* e o *outro*, a *palavra*, ou o *signo ideológico por excelência* nos dizeres do Círculo e de seus seguidores, constitui-se como uma verdadeira ponte, que, não necessariamente, implica em nos levar em segurança ao outro lado da margem, mas que muitas vezes pode nos encruzilhar nas arenas das mais diversas práticas discursivas.

É com base, pois, nessa perspectiva dialógica da linguagem, que nos propomos a analisar as polêmicas discursivas *aberta* e *velada* em uma entrevista realizada pelo Jornal Nacional com a candidata à Presidência do Brasil em 2014, Dilma Rousseff.

De um modo geral, pudemos concluir a instauração dessas polêmicas discursivas como refrações dialógicas reveladoras dos mais diversos acentos apreciativos por parte dos interlocutores. Por conseguinte, o cenário sociointeracional no qual se realizou a entrevista tornou-se um verdadeiro espaço de confronto entre discursos políticos e ideológicos, numa tentativa incansável dos participantes de expor a face, a voz do outro, ressignificando cada tomada no turno de fala para o seu campo discursivo, tendo, em vista, a deslegitimação do discurso do outro.

A polemicidade em torno deste cenário social já se revelara logo no início da entrevista, quando o jornalista William Bonner anunciara a natureza polêmica dos assuntos a serem discutidos durante o encontro, revelando, dessa forma, que o “diálogo” entre os participantes se constituiria como um verdadeiro embate de vozes. Do enunciado “*Como temos feito com todos com todos os candidatos*”, inserido nas palavras introdutórias do jornalista, concluímos uma tentativa desse mediador de refratar um posicionamento imparcial e, portanto, ético, perante os fatos. Assim, o apresentador protegeria a postura ideológica da *Emissora Globo*, já que, para todos os efeitos, os demais candidatos seriam questionados de modo unívoco.

No que concerne à *bivocalidade polêmica*, subjacente aos pares de perguntas e de respostas dos mediadores, constatamos, principalmente (e não exclusivamente), a instauração

de PAs, ou seja, a tomada do discurso do outro como objeto de refutação, e de PVs com tons de PA, ou seja, a inserção de uma PV como pretexto para, logo em seguida, irromper-se em uma polêmica explícita. A recorrência, por exemplo, ao discurso citado indireto, à nomeação/adjetivação, ao emprego de conectivos com valor adversativo, para a PA, e a recorrência a vozes de autoridade (Justiça, Economia) e aos dados estatísticos, para a PV, evidenciaram a postura ideológica do Jornal Nacional no sentido de não só confrontar a candidata, como também desqualificar o discurso desta participante perante os telespectadores.

Em sintonia dialógica às polêmicas *aberta e velada*, presentes no discurso dos entrevistadores, pudemos também constatar a importância das categorias não verbais, a saber, os gestos, as expressões fisionômicas, os olhares, a entonação prosódica, como signos sinalizadores dos acentos valorativos dos entrevistadores. Essas categorias, quando associadas às questões levantadas, possibilitaram-nos compreender, por exemplo, os momentos de maior tensão entre os participantes (o levantamento do tom de voz para se sobrepor à voz do outro, o ato de apontar o dedo em direção à face alheia, as batidas sucessivas na mesa), momentos esses que, para nós, “desfiguraram” a natureza imparcial da postura jornalística perante os fatos da realidade.

Em relação à bivocalidade polêmica, presente no discurso de Dilma Rousseff, detectamos, principalmente, a ocorrência de PVs, ou seja, a instauração da polêmica por meio de um objeto semântico referencial, limitando-se a PA, principalmente, às retomadas aos turnos de fala através do advérbio de negação *não*, pelo qual a candidata discordava explicitamente das perguntas lançadas pelos apresentadores.

A instauração de PVs na fala da entrevistada já era por nós esperada, já que, diante de tantas perguntas polêmicas em torno dos escândalos ocorridos durante o primeiro mandato, caberia a ela restaurar uma imagem positiva de si mesma, recorrendo, em seu discurso, às conquistas, aos avanços alcançados no país durante o seu governo. Por meio destas PVs, pudemos observar, na fala da ex-presidente, refrações ideológicas que se coadunam como representantes das classes mais desvalorizadas pela sociedade. Constatamos isso com base em sua réplica final, em que a candidata afirmara ser o Brasil um país mais inclusivo em todas as esferas sociais (educação, economia, indústria, etc.) durante os últimos três mandatos, e assim o Brasil continuaria caso ela fosse reeleita.

Enfim, convém ressaltarmos que a distinção entre a polêmica aberta e a polêmica velada nem sempre é nítida, mas que ambas, em uma relação dialógica, podem juntar-se a fim de revelar os mais diversos acentos valorativos dos participantes durante uma situação sociodiscursiva. É o caso, por exemplo, da relação entre PA e PV na fala de William Bonner,

ao se referir ao objeto semântico *Série de escândalos de corrupção e de desvios éticos*, característico de uma PV, porém que se converte, subsequentemente, em uma PA, devido à constante repetição da palavra *escândalos*, corroborada por uma entonação enfática expressiva e por olhares sarcásticos, numa busca pela desqualificação do discurso de sua interlocutora.

Devemos também ressaltar, por fim, que a análise das polêmicas discursivas não se esgotou obviamente em nosso *corpus* de pesquisa. Com isto, queremos concluir afirmando que esta entrevista realizada pelo Jornal Nacional, enquanto arena de lutas entre determinados discursos, dão margem para que outros posicionamentos avaliativos subjacentes à mesma entrevista possam ser dialogicamente investigados.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999. 208 p.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Em nome do público: jornalismo e política nas entrevistas dos presidentes ao Jornal Nacional. *Revista E-compós*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 1-23, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/813/661>>. Acesso em: 08 set. 2014.
- ALMEIDA, Fabio Sampaio de; RODRIGUES, Isabel Cristina. A negação polêmica. In: SANT'ANNA Vera; DEUSDARÁ, Bruno (Orgs.). **Trajetórias em enunciação e discurso**: conceitos e práticas. São Carlos: Claraluz, 2007. cap. 5, p. 71-81.
- ARENDT, Hannah. **Condition de l'homme moderne**. Calmann-Lévy. Paris: Coleção Agora, 1983. 416 p.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136 p.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009. 203 p.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 476 p.
- _____. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. 341 p.
- _____. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 439 p.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. cap. 1, p. 1-10.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**. Atualização Sérgio Praça. 6. ed. São Paulo: Summus, 2008. 230 p.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966. 357 p.
- BIBER, D. **Variation across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. 299 p.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave (Org.). 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 223 p.

_____. **Bakhtin e o Círculo** (Org.). São Paulo: Contexto, 2016. 207 p.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica / *Looking and Reading: Verbal-Visuality from a Dialogical Perspective*. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>>. Acesso em 23 maio. 17.

BRAJNOVIC, L. **El ámbito científico de la información**. Pamplona: Eunsa, 1979. 238 p.

BRANDÃO, Helena Hathshue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. 96 p.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Ducrot. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. cap. 7, p. 183-208.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 287 p.

_____. **Discurso Político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 328 p.

CUSIN, M. **Le discours polemique**. Lyons: Presses Universitaires de Lyon, 1980. 153 p.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. 222 p.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística: I. objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2005. 227 p.

_____. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2016. 160 p.

FOUCAULT, **A arqueologia do saber** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 244 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 176 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008>. Acesso em: 10 dez. 2016.

GONÇALVES, João Batista Costa; GONÇALVES, Laryssa Érika Queiroz; GUEDES, Indira Lima. A perspectiva Bakhtiniana para o estudo do signo ideológico em textos verbo-visuais: uma análise da capa da revista *Veja*. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 37, n. 2, p. 159-181, maio/ago. 2015. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/index>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GUIMARÃES, E. R. J. Polifonia e tipologia textual. In: **Linguística Textual: texto e leitura**. São Paulo: EDUC, 1986, p. 75-88.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969. 168 p.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: **Le discours polémique**. Lyons: Presses Universitaires de Lyon, 1980. p. 3-40.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011. 239 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013. 304 p.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997. 198 p.

_____. Registro - As três facetas do polêmico. In: **Doze conceitos em Análise do Discurso**. POSSENTI, Sírio; SILVA, M. Cecília P. de Souza-e (Orgs.). Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. cap. 11, p. 187-198.

MELLO, Dulcina E. W. de. **Gêneros Textuais: Ensino e Produção**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 88 p.

MORATO, Edwirges Maria. O Interacionismo no campo linguístico. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (Orgs). **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2009. cap. 9, p. 311-351.

MORENO, Jorge Bastos. **Ascensão e queda de Dilma Rousseff: tuítes sobre os bastidores do governo petista e o diário da crise que levou à sua ruína**. Organização de Flávia Aguiar e Mariana Alvim. 1. ed. São Paulo: GloboLivros, 2017. 272 p.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Cary. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. cap. 4, p. 139-186.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, C. **Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours**. Langages, 1975. 126 p.

PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria del Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2015. 206 p.

PERELMAN, Chaïm. **Le champ de l'argumentation**. Bruxelas: PUB, 1970. 658 p.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. FIORIN, José Luiz (Org.). São Paulo: Contexto, 2005. cap. 4, p. 75-93.

PINTO, Regina Jardim. Elementos para uma análise do discurso. **Revista do Departamento de Ciências Humanas Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 24, p. 78-109, 2006. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>>. Acesso em: 15 set. 2017.

ROSANVALLON, P. **La Démocratie inachevée**. Gallimard-Folio. Paris, 2000. 592 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969. 298 p.

SILVA, Adriana Pucci Penteadó Faria e. Bakhtin. In: **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2013. cap. 2, p. 45-69.

SILVEIRA, Eliane. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure In. **Saussure: a invenção da Linguística**. FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. cap. 4, p. 45-57.

VELOSO, Simone Ribeiro de Avila. Polêmicas discursivas e réplicas dialógicas: refrações reveladoras de posicionamentos discursivos. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40 n. 3, p. 1597-1609, set./dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1282>> . Acesso em: 11 fev. 2016.

WIDDOWSON, H. G. The Partiality and Relevance of Linguistic Description. In: **Explorations in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1979. 262 p.